UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA

RAFAEL RODRIGO FERREIRA

**O “literato ambulante”: antologia e estudo da obra de Sylvio
Floreal (1918-1928)**

v.1

São Paulo
2018

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA

**O “literato ambulante”: antologia e estudo da obra de Sylvio
Floreal (1918-1928)**

Rafael Rodrigo Ferreira

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Literatura Brasileira do
Departamento de Letras Clássicas e
Vernáculos da Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas da Universidade de
São Paulo, para a obtenção do título de
Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Souza de Carvalho

v.1

Versão corrigida

São Paulo
2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

F383" Ferreira, Rafael Rodrigo
O "literato ambulante": antologia e estudo da obra de Sylvio Floreal (1918-1928) / Rafael Rodrigo Ferreira ; orientador Ricardo Souza de Carvalho. - São Paulo, 2018.
180 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Literatura Brasileira.

1. Sylvio Floreal. 2. antologia. 3. literatura paulista. 4. modernismo. 5. modernidade. I. Carvalho, Ricardo Souza de, orient. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

FERREIRA, Rafael Rodrigo. **O “literato ambulante”**: antologia e estudo da obra de Sylvio Floreal (1918-1928). Dissertação (Mestrado) apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Literatura Brasileira.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Ricardo Souza de Carvalho, pela orientação corajosa e atenta ao confiar neste trabalho quando ainda parecia improvável;

Aos professores doutores Arlindo Rebechi e Elias Saliba, pelo cuidado em ocasião da qualificação e defesa, e Verena Kewitz e Manoel Mourivaldo Santiago Almeida, por toda minha trajetória acadêmica;

A todos os funcionários da Universidade de São Paulo, especialmente os que fazem parte da secretária de Pós-graduação do DLCV;

À minha família e amigos, pela paciência e carinho;

À Fundação CAPES, meus agradecimentos pelo suporte financeiro.

RESUMO

FERREIRA, Rafael Rodrigo. **O “literato ambulante”**: antologia e estudo da obra de Sylvio Floreal (1918-1928). 2018. 180 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

O presente trabalho tem como objetivo relativizar a dinâmica seletiva do sistema de canonização da literatura brasileira por meio da difusão de uma coletânea de textos do escritor Sylvio Floreal que, alheios aos manuais literários atuais, dialogam diretamente com um período que mesclava de modo natural discursos muitas vezes díspares, o qual corresponde na periodização política à Primeira República (1889-1930). Assim, a antologia contará com uma compilação de textos em prosa (contos e crônicas) produzidas pelo autor ao longo de dez anos, publicadas nos livros *Atitudes* (1922), *Ronda da Meia-Noite* (1925), *Brasil Trágico* (1928), bem como textos dispersos não publicados em livros, encontrados somente em periódicos da época, acompanhados por um estudo analítico introdutório capaz de evidenciar panoramicamente seu percurso literário e suas relações com o cenário intelectual vigente. Entende-se que a partir da observação crítica em detrimento da prescrição literária, que em geral referenda discursos bem desenhados e, portanto, insuficientes, seja possível desdobrar aspectos relevantes acerca da literatura brasileira na modernidade.

Palavras-chave: Sylvio Floreal; antologia; literatura paulista; modernismo; modernidade.

ABSTRACT

FERREIRA, Rafael Rodrigo. **The “walking literate”**: anthology and study of the work of Sylvio Floreal (1918-1928). 2018. 180 f. Dissertation (Mester’s Degree in Brazilian Literature) – School of Philosophy, Languages and Human Sciences, University of São Paulo, São Paulo, 2018.

The present work aims to relativize the dynamics encompassing the selective system of canonization of Brazilian literature by the means of disseminating a collection of texts of the writer Sylvio Floreal, who, unassociated with the current literary manuals, dialogues directly with a period that naturally blended apparent mismatched discourses styles, which corresponded in the political periodization known as First Republic (1889-1930). Thus, the anthology will feature a compilation of prosaic texts (short stories and chronicles) produced by the author in a time span of 10 years, *Attitudes* (1992), *Midnight Patrol* (1925), *Tragic Brazil* (1928), as well as non-published scattered texts in books, found only in periodicals of the time, accompanied by an introductory analytical study capable of panoramically unveiling its literary progress (*route/course*) and its relations with the prevailing intellectual scene. It is understood that from a critical observation in detriment of a literary prescription, which usually accounts well-drawn discourses and therefore insufficient discourses, it is possible to disclose pertinent aspects of the Brazilian literature during modernity.

Keywords: Sylvio Floreal; anthology; literature from São Paulo; modernism; modernity.

SUMÁRIO

PARTE I

APRESENTAÇÃO

1. Sylvio Floreal e a literatura paulista	13
2. Sylvio Floreal e sua obra	26
3. Sylvio Floreal e o jornalismo	38

PARTE II

ANTOLOGIA

Nota editorial	55
----------------------	----

ANO DE 1918

Minha imagem longínqua... ..	55
Noctambulismo	62
A força do silêncio	64
Gestação das formas (Estética obscura)	67
Jornada de purificação.....	70

ANO DE 1919

Solilóquio outonal	76
Salomão	80
Abismo	83
Di Cavalcanti, o bruxo do Lápis.....	86

ANO DE 1920

A força do número.....	90
O amante de fogo	93

ANO DE 1921

O Pai	96
“Os Caboclos”	100

ANO DE 1922

Palavras amargas.....	103
Chapéu Verde! (Tentativa perversa de conto).....	108
A força da ironia.....	110
A Calúnia.....	112
Três dias em que toda gente muda de máscara	113
O Fanfarrão	115
A deliciosa perversidade de Monteiro Lobato	117
“Alma Cabocla”.....	119
Um grito no deserto	121
O aleijão da avenida	125

ANO DE 1925

A Vertigem em Marcha “Fisionomia de um bairro”	130
O inferno – duas horas na cadeia pública	134

ANO DE 1926

Corações onde ressoa a música das planícies e dos desertos	139
---	------------

ANO DE 1927

Onde as garças são mais brancas	142
--	------------

ANO DE 1928

O homem que comprou dinheiro empacotado.....	146
O espertalhão caipora	150
O conto do vigário e a moda das mulheres.....	153
Manias e pretensões.....	155

Referências Bibliográficas	157
---	------------

ANEXOS

ANEXO A – Recortes de jornais noticiando a morte de Sylvio Floreal162

1. <i>A Tribuna</i> (15.9.1928)	162
2. <i>Folha da Manhã</i> (16.9.1928)	162
3. <i>Correio Paulistano</i> (16.9.1928)	162
4. <i>A Tribuna</i> (18.9.1928)	162
5. <i>Gazeta de Notícias</i> (18.9.1928)	163
6. <i>Diário Nacional</i> (18.9.1928)	163
7. <i>A Tribuna</i> (25.9.1928)	163
8. <i>A Tribuna</i> (25.9.1928)	164
9. <i>O Matto-Grosso</i> (21.9.1928)	164

ANEXO B – Recortes de jornais noticiando conferências de Sylvio Floreal165

1. <i>A Gazeta</i> (5.7.1923)	165
2. <i>A Cruz</i> (11.1926)	165
3. <i>O Progresso</i> (8.1926)	166
4. <i>A Noite</i> (26.10.1926)	166

ANEXO C – Recortes de jornais noticiando as publicações de Sylvio Floreal.....167

1. <i>A Gazeta</i> (9.8.1922)	167
2. <i>O Combate</i> (12.8.1922)	167
3. <i>O Correio Paulistano</i> (24.2.1924)	168
4. <i>A Gazeta</i> (27.2.1924)	168
5. <i>O Combate</i> (29.2.1924)	169
6. <i>O Estado de São Paulo</i> (13.3.1925)	169
7. <i>O Correio Paulistano</i> (29.3.1925)	170
8. <i>O Correio Paulistano</i> (23.4.1925)	170
9. <i>A Gazeta</i> (24.4.1925)	170
10. <i>A Gazeta</i> (14.10.1925)	171
11. <i>O Correio Paulistano</i> (5.1.1928)	172
12. <i>Diário Nacional</i> (6.10.1928)	172

ANEXO D – Fac-símiles das versões do conto “O Pai”173

1. “Cristo”	173
2. “O filho de ninguém”	175

PARTE I
APRESENTAÇÃO

(Sylvio Floreal - imagem retirada da revista *A Cigarra*, número 192, 15 de setembro de 1922)

1. Sylvio Floreal e a literatura paulista

Sylvio Floreal, pseudônimo de Domingos Alexandre, (1862-1928¹), foi um romancista, jornalista, cronista e conferencista nascido na cidade de Santos. Colaborou em diversos veículos de pequena e grande circulação, a saber: *A Cigarra*, *Panoplia*, *O Queixoso*, *A Vespa*, entre algumas das revistas, e *O Estado de S. Paulo*, *Correio Paulistano* e *A Gazeta*, entre alguns dos jornais. Filho de imigrantes italianos, comumente recebidos junto a portugueses e espanhóis para comporem a força de trabalho na cidade portuária de então, foi inicialmente pedreiro, fator que atuou de modo determinante em sua trajetória intelectual, uma vez que parte das organizações trabalhistas de Santos² — anarquistas e imigrantes por excelência — organizavam-se em torno da articulação intelectual de seus membros, disponibilizando para leitura livros, jornais e revistas de diversas partes do mundo. Também trabalhou como funcionário dos Correios, função abandonada para servir de colaborador em periódicos no Mato Grosso³.

Seus livros, pouco conhecidos e de difícil acesso nos dias de hoje devido à carência de edições póstumas são, respectivamente: *Atitudes* (1922 crônicas e contos), *A coragem de amar* (romance de 1924 reeditado em 1925), *O rei dos caça-dotes* (sd), *Ronda da Meia-Noite* (1925 crônicas-reportagens), único a receber edições recentes em ocasião do aniversário da cidade de São Paulo, pano de fundo do livro (Boitempo 2002 e Paz e Terra 2003), e *O Brasil Trágico. Impressões, visões e mistérios do Mato-Grosso* (1928).

A notícia de sua morte, repentina e por motivos incertos — apareceu morto em uma pensão no centro de São Paulo — reverberou em jornais da época manifestações de carinho por parte de amigos e escritores importantes que enfatizaram a significativa trajetória do escritor para as letras brasileiras. No entanto, é possível entrever também a sua difícil assimilação e reconhecimento, tendo sido singela a publicação de seu

¹ Nas edições recentes do livro *Ronda da Meia-Noite*, Boitempo e Paz e Terra, divulgou-se a data de sua morte como sendo em 1929. Contudo, acessando jornais da época de diversas partes do país, pode-se chegar à conclusão de que a morte do escritor ocorreu em 1928. Suponho que o engano tenha ocorrido devido a um depoimento dado pelo escritor Afonso Schimidt no qual a data de 1929 foi levantada erroneamente.

² A Federação Operária de Santos lhe serviu de berço formativo, pois nunca frequentou o ensino formal, e suporte para a produção de seus primeiros textos, essencialmente manifestos políticos.

³ Ver Schapochnik (2002, p.13).

falecimento em alguns jornais⁴, deixando claro o seu lugar marginal dentro do contexto literário brasileiro. Tal marginalidade em Sylvio Floreal se dá não só por sua ausência em qualquer programa literário ou instituição de ensino, mas também em âmbito mais amplo visto que sua vida, assim como parte significativa de sua obra, reflete o mundo das diferenças sociais e suas consequências.

A formação do cânone literário na modernidade está, em geral, aparelhada ideologicamente por sanções institucionais, sobretudo pelo rigor do Estado, que garante o lugar das elites intelectuais, catalisadoras, por sua vez, da divisão social, inclinando-se a transformar o discurso de uma classe em discurso de toda a sociedade (REIS, 1992, p. 69). Nesse sentido, a visão triunfalista que reina sobre o modernismo no Brasil, e seu marco fundacional, a Semana de Arte de 1922, deve ser, no mínimo, relativizada e pensada de maneira crítica, tanto por meio do detalhamento de suas formas de implementação, em consonância com o Estado, posturas políticas específicas e modos de manutenção de capitais por parte dos integrantes⁵ quanto pelo estudo dos procedimentos formais utilizados por cada escritor, sem omitir suas contradições e assimetrias, pois estas são significativas e reveladoras. Os caminhos que de certa forma oficializaram essa concepção, que para muitos ainda é irrevogável, são complexos e de longa data. Seus efeitos podem ser facilmente observados nos manuais literários atuais, sejam os das escolas ou do ensino universitário, que ainda reproduzem uma historiografia acrítica por não estarem abertos a uma revisão da literatura sem vícios que privilegiem uma “descrição da evolução literária como uma luta incessante do novo contra o velho, ou como alternância entre canonização e automatização das formas” algo que “reduz o caráter histórico da literatura à atualidade de suas mudanças e limita a compreensão histórica à percepção destas últimas” (JAUSS, 1994, p. 43). Esta dinâmica prejudica qualquer tipo de análise que pretenda investigar dados socioculturais de um período de forma ampla, pois, sendo privilegiado um ou mais discursos específicos, outros tantos permanecem esquecidos ou homogeneizados. Logo, refuta-se aqui prescrições focadas em períodos literários consagrados como produtores de valor, corroborando para que nomes marginalizados pelos discursos que se impuseram proeminentes no decorrer do tempo, como o de Sylvio Floreal, possam ser utilizados

⁴ O jornal santista *A Tribuna* publica a morte de Floreal, na edição de 18 de setembro de 1928, com o seguinte título: “Escritor, jornalista, indigente”. Ver anexo [A-4].

⁵ Ver o capítulo “A transformação do papel político e cultural dos intelectuais da oligarquia” do livro *Intelectuais à Brasileira*, escrito pelo sociólogo Sergio Miceli.

como meios relevantes para a compreensão da dimensão e configuração da história literária.

Ao especular sobre um possível recorte geográfico capaz de sintetizar o modernismo paulista, Antonio Dimas, em texto prefacial de livro sobre Afonso Schmidt, polariza duas orientações fulcrais para a compreensão da atividade literária das primeiras décadas do século XX:

Nos Campos Elísios e em Higienópolis, designações sugestivas de otimismo e de limpeza, a fortuna com lastro no café tradicional e rural empurrava os limites de nossa arte em direção à novidade e ao estranhamento estético; no Brás, povoado de gente que servia de lastro para a industrialização insipiente, reuniam-se outros intelectuais menos interessados no desafio das formas e mais circunscritos à realidade imediata. Em suma: da elegância europeizada dos bairros com âncora na velha e tradicional lavoura cafeeira provinha o impulso para a renovação artística, alimentada de forte sabor urbano e cosmopolita; da região operária que sustentava a novidade da industrialização provinham o gosto pelo rural e a curiosidade pela inquietação operária, de que é bom exemplo Afonso Schmidt, participante esporádico do grupo de Lobato. (DIMAS, 2002, pp. 15-16)

Ora, tal discernimento do crítico permite que conjecturemos acerca da produção cultural da época, perpassando inevitavelmente por questões de cunho econômico, político e ideológico dos escritores e suas obras. De pendor elitista, rente às camadas sociais mais abastadas, ligadas à oligarquia cafeeira, estariam, assim, segundo o excerto, os mais preocupados com os rumos estritamente estéticos da literatura, forjando no ideário nacional, pelo progresso da cidade, a novidade cosmopolita (lê-se eurocêntrica), isto é, o empenho exaustivo da revisão formal deveria, invariavelmente, acompanhá-la como signo da nação. Os Campos Elísios e Higienópolis, portanto, figurariam como símbolos em projeção dessa nova cidade em edificação veloz, bem como verdadeiros polos de acumulação de capital econômico e intelectual — ou, pela falência do primeiro, o estímulo do segundo — lugares habitados por grande contingente dos escritores que idealizaram a Semana de Arte de 22.

Por outro lado, menos condescendentes à atualização formal, estariam, os que, em torno da figura de Lobato, podemos incluir alguns escritores anarquistas do grupo

boêmio paulista Minarete, que dedicavam suas obras e reflexões a outro meandro da cidade, seja através da representação da rotina de anônimos em trabalho braçal, no ir e vir dos bairros operários da cidade, tendo o Brás de carro chefe, ou no remoçar rural que ainda mantinha presença firme na mentalidade da conturbada metrópole — o que não significa dizer que tais escritores provinham rigorosamente destas camadas sociais e não acumulassem, também, capitais diversos.

Não recorrer à terminologia “Pré-modernista” para justificar a oposição entre as duas tendências expostas resulta em um alargamento genuíno e necessário à apreensão do contexto literário, rompendo com rigor a noção que reclama paridade inquestionável entre modernismo e avanço estético exclusivamente (HARDMAN, 1992, p.290). Apesar da veracidade da argumentação, notamos, no entanto, que ela é suficiente, talvez, para uma explanação geral, pois quanto mais nos dedicamos a um autor ou livro em especial, tanto mais fragilizada fica a oposição em questão. Não porque inexista tal divergência, como veremos mais adiante a sua confirmação, mas porque deve prescindir sobre ela uma análise muito pontual, uma vez que contradições, nos planos ideológicos, políticos e estéticos, convivem, por vezes harmoniosa e democraticamente, exigindo, assim, que se detenha caso a caso, dada a ausência ou indefinição de programas literários por parte de alguns escritores, os quais ao cavarem lugar nas letras elaboram obras essencialmente híbridas, como é o caso do citado Afonso Schmidt e Floreal.

Reivindicar, portanto, uma sorte de pureza entre as partes não alcança, à saciedade, o heterogêneo campo das produções da época. *Os Condenados*, romance cujos trechos foram recitados na Semana por Oswald de Andrade, é um exemplo acabado de crítica social maniqueísta, em muito similar às narrativas anarquistas, cuja “procura constante de estilo” (CANDIDO, 2011, p. 15) termina por dar à obra um timbre de difícil assimilação⁶. Ademais, os bairros operários e o alerta ao abismo entre as camadas sociais, visível na cidade em perene mutação, retratada por uma escrita em muito cinematográfica, poderiam com facilidade transportar a obra de Oswald de um polo para outro. O mesmo pode ser dito em torno das narrativas de *Brás*, *Bixiga e Barra Funda*, do escritor Alcântara Machado, obra que traz a imigração italiana à cena e com ela a dinâmica massiva dos bairros operários que faziam pulsar uma nova cultura transversalmente, além de assumir o imediato referencial patente nos textos

⁶ “Quanto à prosa inicial de Oswald de Andrade, padeceu também de um alto grau de hibridismo, patente não só em *Os Condenados*, romance de estreia, como também nas páginas críticas [...]” (BOSI, 2006, p. 356).

jornalísticos. Poderíamos, sim, dizer que a dicção geral dos escritores da Semana catalisou uma visão eufórica do avanço técnico, tributária, aliás, do processo hostil de urbanização a toque de caixa. Contudo, isto não deve impedir que identifiquemos, obra a obra, a variação de tais atributos, como forma de oxigenar pertinentemente o panorama sociocultural vigente.

Grupos de intelectuais de fato se organizavam e, frequentemente, se opunham. Sendo assim, podemos inferir que a vida cultural da época é muito mais ampla do que os três dias que decorreram em função da Semana. Isso por si não exclui, a princípio, a partilha de convicções em diversos âmbitos, posto que cada qual dispunha de ferramentas diversas e difusas de representação, via literatura, de uma nova visão de nação, sobre uma antiga disposição política e hábitos sociais, e não raras vezes compartilhavam naturalmente com o “oposto” quer no plano ideológico ou estético. A força da Semana de Arte de 1922 e a prevalência de sua empresa não é algo recente, muito pelo contrário. A tendência à preservação deste ponto de vista artístico, à cuja ideia de nação-futuro está intrinsecamente ligada, acrescida da legitimidade política que garantia respaldo ao evento, fazendo toda a diferença para sua perenidade, culminou em sua permanência histórica, ainda que, como sabemos, ao menos no que toca à produção literária, não fosse algo realmente assimilado pelo povo desta mesma nação em projeção nas obras, nos manifestos e nos discursos calorosos⁷. Em crônica da época, publicada no periódico *A Vida Moderna*, pouco mais de um mês depois do estardalhaço da Semana, sob a assinatura de Julio Freire, vemos a divisão imediata que o evento causou. O cronista, com muito pesar, lista uma sequência extensa de nomes de escritores, jornalistas, historiadores, da qual Floreal faz parte, que perdiam seu lugar em virtude do impacto da Semana, cujo propósito maior era o da inovação e do esquecimento do passado:

Coisa interessante - a vida literária de uma grande cidade. A vida literária, propriamente, não; melhor diríamos - a vida das rodas literárias!

Veze em campo oposto se debatem elas, na grande ânsia, de se impor aos olhos do público estupefato.

⁷ Sabe-se que os intelectuais da Semana publicavam seus livros autonomamente e as tiragens, por conseguinte, pouco representavam do ponto de vista editorial.

Mais ainda do que pelos nomes citados por seus paladinos em suas crônicas, se nota a divergência das rodinhas, pelos nomes propositalmente esquecidos nas referências que, de público, se fazem, dos tipos representativos das letras em cada uma.

Em *Futurópolis* assume proporções interessantes essa luta, em que cada qual procura com mais arte... esquecer os nomes que se impuseram e que se impõem, mas não são da *cotterie* a que o *esquecedor* está filiado. Há felizardos que pertencem a todos, felizardos há que a nenhuma pertencem.

Estes são principalmente os que trabalham sós: - espécie assim de... tigres literários; que as rodinhas não procuram muito, porque o seu... *tigrismo* os afasta.

Não faz muito o exclusivismo de um dos grupos, fez com que os seus membros resolvessem efetuar em público uma grande sessão de...esquecimento! E criaram a Semana de Arte Moderna.

Não pensem os leitores que a intenção era impor ao público os nomes que nela tomaram vaiada parte: não! Melhor que ninguém eles sabem que para se impor é preciso que o público conheça a obra dos candidatos. Não. A intenção era positivamente fazer esquecer os outros que ali não estavam funcionando!⁸

Embora o trecho tenha sido extraído de um periódico que mantinha certa visão calcada em um futuro em nome da civilização e do progresso⁹, ainda que prezasse por certa tradição literária, fechando-se, assim, a inflexões de calibre, é notório o tom crítico do cronista, além de muito revelador no que tange à vida literária do momento. A começar pela citada variedade das “rodas literárias”. Saber que havia um mundo cultural organizado, para além do microcosmo da Semana, que se circunscrevia abertamente em legítimo ímpeto de afirmação de projetos literários, é especular acerca de uma literatura brasileira em flagrante processo de consolidação, ainda que precário,

⁸ O trecho foi livremente editado no sentido de atualizar a grafia.

⁹ Juntamente com o periódico *A Cigarra*, o qual contou com diversas publicações em forma de conto de Sylvio Floreal, *A Vida Moderna*, ao contrário da imprensa de crítica social, como a operária ou mesmo a humorística, por exemplo, saciava o leitor burguês por se tratar de revistas ilustradas de variedades e entretenimento, sobretudo: “[...] primavam, no geral, em representar, mediante a combinação do instantâneo fotográfico, da reportagem impactante, do comentário rápido, da vida mundana e das crônicas ligeiras, a face mais civilizada da cidade, como um palco cujo cenário teria que ser construído de acordo com o refrão republicano da “Celebração do Progresso”[...] (JANOVITCH, 2006 p.18). Além disso, a revista figura entre as que flertavam com a estética *art nouveau*, extremamente presente na literatura de Floreal e tantos outros (PAES, 1985, p.70).

de um “campo literário”, nos dizeres de Bourdieu (1996, p.63). Precário pois está em andamento, posto que os polos específicos de que saem em defesa os “agentes” não são sempre claros, ou, talvez, não foram evidenciados a ponto de repercutir tensões suficientemente francas¹⁰.

Mas afirmar que as tensões não foram reverberadas não significa que não existiram. A grande tensão das artes, que ensaia divisão radical entre o grupo de Lobato e os da Semana de modo mais incisivo, advém, em grande medida, dos polêmicos e conhecidos comentários, em publicação no jornal *O Estado de S. Paulo*, do autor de *Urupês* sobre as telas de Anita Malfatti cinco anos antes do evento no Teatro Municipal, em 1917. Tanto Malfatti quanto Lobato representavam igualmente, e não em lados opostos, para os que posteriormente compuseram a Semana, duas grandes figuras da arte brasileira e, desse modo, eram vistos por estes, anos antes do derradeiro evento, como autênticos expoentes necessários à renovação da visão estética promulgada no evento em 22. “Já em 1920 os modernistas tentavam arregimentar adeptos para a sua causa. Entre esses adeptos em potencial, a figura de Anita Malfatti era importante, por ter sido a primeira a mostrar obras decididamente modernas em São Paulo” (CHIARELLI, 1995, p. 24). Lobato, por seu lado, era então um intelectual fundamental “a ser conquistado (...), cuja atividade como intelectual engajado na causa nacionalista havia criado, a partir de 1915, um espaço dissidente, de contestação e ruptura no ambiente cultural da cidade, até então bastante conservador” (CHIARELLI, 1995, p. 24).

Contudo, ambos apresentavam impasses distintos à tentativa de assimilação por parte dos vanguardistas. Malfatti por dedicar-se a uma produção visual que ameaçava certo recuo frente às investidas vanguardistas, desde sua estada na Europa, isto é, antes mesmo da forte crítica de Lobato. Recuo este praticado por muitos no mundo todo após a erupção da Primeira Guerra Mundial (BURGER, 1988, p.82). Lobato, por seu turno, já demonstrava, com a crítica polêmica, seu receio à tendência dos de 22, sobretudo em oposição à veia futurista (CHIARELLI, 1995, p. 24). Ainda segundo Chiarelli (1988, p. 26), o debate em torno da polêmica, passada e ratificada a euforia da Semana, foi

¹⁰ O termo que equivale mais precisamente a essa fase da literatura talvez seja o de “sistema”, cunhado por Antônio Candido em seu livro intitulado *Formação da literatura brasileira (momentos decisivos)*, pois já pode ser identificada uma dinâmica que prevê em seu cerne a presença de editoras e público leitor, ainda que escasso e em formação, trazendo outro caráter à produção e distribuição literárias. No entanto, o crítico tende a não considerar as especificidades da literatura da Primeira República antes da Semana, classificado em outro texto como “Pós-romântico” (2006, p.112), termo que guarda pela projeção enviesada as mesmas limitações que o termo “Pré-moderno” incorpora.

ampliado e reconhecido por outros escritores, como Menotti Del Picchia e Mário de Andrade. Este teria, inclusive, responsabilizado Lobato pelo citado acanhamento de Anita Malfatti, o qual já dava indícios anteriormente, no que diz respeito às propostas de vanguarda, acirrando ainda mais o que parecia demonstrar a cisão de que tratamos: Monteiro Lobato de um lado e vanguardistas de outro.

Tudo parece, então, estar cristalizado em dois grupos distintos. Entretanto, o que passou a ser obviedade nos dias de hoje, merece ser matizado em prol do esforço de amplificar as relações entre os atores culturais do período. Ao contrário do que podemos concluir à primeira vista, Lobato não estava tão distante assim do grupo de 22. A começar pela sua atuação no âmbito editorial, publicou pela sua editora, Monteiro Lobato & Cia, *Os Condenados* e *O homem e a morte*, respectivamente de Oswald de Andrade e Menotti Del Picchia, ambos em 1922, e cujas capas foram trabalhadas pela própria Anita Malfatti (LAJOLO, 2008, p. 144). Além do mais:

[...] aparecem no catálogo de 1923 [da Monteiro Lobato & Cia] Menotti del Picchia, com *A mulher que pecou*, Guilherme de Almeida, com *Livro de horas de Soror Dolorosa*, Ribeiro Couto, com *Jardim das Confidências*. Entre os livros “a sair” estava anunciado *Poesias*, de Manuel Bandeira – que nunca chegou a ser publicado [...]. A editora também publicou, em 1921, o álbum *Fantoches da meia-noite*, de Di Cavalcanti, com texto de Ribeiro Couto [...] (BIGNOTTO, 2007, p. 241)

Apesar de nunca ter reformado suas convicções artísticas, como almejavam os da Semana, Lobato foi capaz de reconhecer elogiosamente, com publicação na *Revista do Brasil*, nº 50, fevereiro de 1920, em Victor Brecheret, mais especificamente em duas de suas esculturas, “O Despertar” e “Eva”, fator que matiza ainda mais a questão: “Paremos juntos, e juntos admiremos tão soberba manifestação da grande arte. Admiremos sem reserva, que isto é arte de verdade, da boa, da grande, da que põe o espectador sério e, se é sensível, comovido. “Despertar” e “Eva” sugerem-nos de chofre grandes obras de grandes escultores mundiais” (LOBATO *apud* MARTINS, sd,p. 112). Em análise exemplar de correspondências entre Monteiro Lobato e Mário de Andrade no ano de 1930, Marisa Lajolo chama a atenção para o interesse de Lobato, que na altura residia nos Estados Unidos, em publicar por lá o romance *Macunaíma* de Mário

de Andrade e o quanto este, por sua vez, registra entusiasmado em agradecimento ao autor de *Urupês* pelo empenho e preocupação intelectual (LAJOLO, 2008, p. 147) — mesmo após o famoso artigo de Mário publicado em 1926 no jornal carioca *A Manhã*, anunciando ironicamente a morte simbólica do autor de *Urupês*. Por meio desse texto podemos compreender uma disputa autêntica pelo campo, como quer Enio Passiani (2003, pp. 31-33); contudo, a nosso ver, ainda frágil, de modo que houve espaço para a troca de cartas entre Mário e Lobato quatro anos mais tarde.

Já na década de 40, Oswald de Andrade, reconhecendo retrospectivamente a importância de Lobato para o movimento de vanguarda, apesar de sua ira constante contra todos os “ismos”, exposta firmemente na crítica feita à Anita Malfatti, diria: “Mas você, Lobato, foi o culpado de não ter a sua merecida parte de leão nas transformações tumultuosas, mas definitivas, que vieram se desdobrando desde a Semana de Arte de 22. Você foi o Gandhi do modernismo. Jejuou e produziu, quem sabe, nesse e noutros a mais eficaz resistência passiva de que possa se orgulhar uma vocação patriótica” (ANDRADE *apud* MARTINS, sd, pp. 21-12). A própria coletânea de contos, *Urupês*, fenômeno de vendas¹¹, foi imensamente divulgada por Oswald em suas longas passagens por Paris após a Semana, evidenciando posturas confluentes entre ambos.

Outro fator pouco mencionado que pode ter corroborado, ainda que tangencialmente, com uma espécie de divisão na mentalidade artística da época se deu, segundo cremos, no próprio seio da Semana de Arte de 22. As incongruências internas ao evento são diversas e se dão em variados níveis, mas nem todas geraram tensão. Dentre elas destaco o caso com a importante pianista e participante da Semana, Guiomar Novaes, e sua carta aberta que em muito colocava suspensa a postura unitária do programa, explicitando sem rodeios “o caráter bastante exclusivista e intolerante que assumiu a primeira festa de arte moderna [...], em relação às demais escolas de música das quais sou intérprete e admiradora. Senti-me sinceramente contristada com a pública exibição de peças satíricas alusivas à música de Chopin” (NOVAES *apud* SEVCENKO, 1992, p. 274) A carta, destinada sobretudo à seção de literatura e poesia do evento, resultou em revolta do público que, em acorde com a postura da reconhecida pianista, não aturaria nenhuma tentativa de subestimar pejorativamente tudo que fosse considerado clássico ou passadista. Indiretamente, o acontecimento pode ter incutido, às

¹¹ Cerca de 30.000 exemplares vendidos até meados dos anos 1920.

avessas, no espírito artístico da época, a divisão sobre a qual se manteve de pé o espírito vanguardista no decorrer dos anos. O “exclusivismo” reivindicado por Guiomar Novaes parece ser o mesmo erigido na crônica de Julio Freire, da revista *A Vida Moderna*, na medida em que ambos se levantam contra qualquer intenção de se promover o esquecimento do passado. Em texto publicado no *Diário de S. Paulo*, muitos anos depois, em 1969, Del Picchia fermentou outro tom ao impasse. Defendendo a consciência dos articuladores da Semana, como se dissesse que estava tudo previsto e sob controle, apaziguou a questão ao dizer:

Quisemos [os organizadores] que nossa incomparável pianista cravasse a jóia desse maravilhoso instante romântico naquele turbilhão renovador que batia com tanta estridência às portas do futuro. Era para isolar, em meio dessa corrida, uma área destinada a se pôr em pé na terra e penetrar, ainda no confuso amanhã, sem renunciar o passado. Aliás, a humanidade nunca renuncia, nem pode renunciar ao passado, pois não faz mais que fundir e integrar esse passado ao seu itinerante presente. (DEL PICCHIA, 1992, p.94)

Os modernistas da Semana mantiveram, em alguma medida, frentes de atuação e disputa de posições com o intento de solidificar seus princípios. Se por um lado o manifesto modernista, sempre com respaldo oficial, tem como alvo externo o europeu — cuja ambiguidade intrínseca de sua reivindicação é reveladora de sua própria condição, uma vez que a um só tempo consome e nega a cultura estrangeira que lhe serve de base e abrigo — por outro, ao posicionar-se mais sinteticamente com a Semana (antes do evento os sentidos de direção estética e ideológica estavam menos delineados), concorrem projetos, visões e lugares de fala sob manifestações literárias e intelectuais, embora pouco organizadas, dentro do próprio contexto brasileiro. Dentre estes, destaco, tendo sempre em vista os lugares com os quais Floreal manteve algum contato, três orientações pouco exploradas e conhecidas, mas que provocam a investigação no sentido de desvelar a amplitude do panorama literário paulista, quais sejam: os escritores “macarrônicos”, e os participantes dos grupos “Colmeia” e “Zumbi”.

Em contiguidade com a literatura menos eufórica no que tange à modernização de São Paulo levantada por Dimas, estariam também aqueles que já no início dos anos

de 1910, “em lugar da urbanização, enxergavam a especulação e as ruínas; em lugar do crescimento, reiteravam o abandono e o desenraizamento; em lugar dos monumentos, projetavam anedotas e imagens divertidas; em vez de se apegarem a cronologias e fundações, bagunçavam com o tempo e o calendário, misturando passado e presente” (SALIBA, 2004, p. 580). A esse grupo, não articulado formalmente, de escritores essencialmente ecléticos, “macarrônicos”, e de origens e formações díspares pertenceram, segundo o historiador: “José Agudo, Moacyr Piza, Cornélio Pires, Iago José, Victor Caruso, Juó Bananére, Godofredo Barnsley, Lucilo Varejão, **Sylvio Floreal**, Galeão Coutinho e Octacílio Gomes” (SALIBA, 2004, p. 579, grifo nosso). Atuavam de modo a subverter a identidade em torno da qual se alçava a cidade, contrapondo-se às investidas políticas que, desde a Campanha Civilista de 1910 e sua consequência negativa, somada ao avanço de certo “nacionalismo paulista” perpetuado especialmente pela administração de Washington Luís, laureavam São Paulo com vistas à construção de sua hegemonia, discursivamente maquiada, sob o pano de fundo de uma identidade bandeirante, destemida e desbravadora. Derrubavam os impulsos mais inflexíveis de uma cidade apoiada por esta política tendenciosa com sátiras, ironias, críticas sociais e perspectivas negligenciadas, além de dispararem, a contrapelo, feixes de luz a tudo que o processo de modernização empenhava a todo custo para ocultar.

Além de Monteiro Lobato, outras figuras também sacudiam a vida literária da época. Dentre elas, estava, paradoxalmente, um argentino com grande atuação em sua passagem pelo Brasil: Benjamín Garay. Jornalista, tradutor (de obras de Lobato, Euclides da Cunha e, posteriormente, Graciliano Ramos), incentivador da troca cultural entre o Brasil e Argentina, sobretudo do ponto de vista editorial, foi anfitrião de um grupo pouco conhecido atualmente, devido à falta de material restante, mas que serve para expandir um pouco mais o panorama da produção cultural dos anos 20. O grupo chamava-se “Colmeia”. Em crônica de Afonso Schmidt a Paulo Gonçalves podemos notar que “A “Colméia” propunha-se a tornar conhecido no Brasil o teatro de toda a América espanhola... e vice-versa” (SCHMIDT *apud* PAULILLO, 2002, p. 74). A intenção de intercambiar expressões culturais pela América Latina realmente mostra que nem todos no período estavam com olhos voltados somente à Europa, embora sua influência fosse patente, o que, ainda assim, parece raro. Dentre os participantes, segundo entrevista de Belmonte, encontravam-se, já não mais em bares e cafés, e sim numa “espécie de grêmio literário e artístico”, os seguintes nomes:

Monteiro Lobato, João Felizardo, Corrêa Junior, Menotti Del Picchia, Paulo Gonçalves, Cleómenes Campos, Arlindo Barbosa, Afonso Schmidt, os escultores Cuccê e Cozzo, os desenhistas J. Prado, Paim e eu, e o jornalista argentino Benjamín Garay [...]. Ah! Esquecia-me de **Sílvio Floreal**¹² (Vamos ler!) [grifo nosso]

Menotti De Picchia e Paim foram participantes assumidos da Semana de Arte de 1922, e Afonso Schmidt chega a aparecer em manuais e até em pronunciamentos de escritores, o que não impede de terem atuado anterior ou concomitantemente a outros grupos. Aqui, não parece estar em jogo os extremos “passadismo” e “vanguardismo”, demonstrando, inclusive pela atuação de agentes de diversas origens, que o dinâmico cenário cultural do momento transcende a Semana, ainda que esteja à sua margem no presente (PAULILLO, 2002, p. 79).

Com posicionamento mais firme, outro grupo teria feito frente aos intelectuais de vanguarda com vigor explícito. Inseridos em um contexto de lutas e conflitos sociais, sobretudo após as greves de 1917 em São Paulo e no Rio de Janeiro, episódios cuja capacidade de organização e resistência de trabalhadores demonstraram a nova configuração da mentalidade operária, escritores com trajetórias atentas a esses processos reivindicativos articularam-se também literariamente, com propósitos claros de militância política, sob o nome de “Grupo Zumbi”. Apesar da pouca duração do grupo, “devido, sobretudo, às condições policiais da época”, não deixou de responder à fase inicial de certa “politização literária de objetivos socialistas (BRITO, 1997, p.147). Embora exista a referência evidente ao líder de Palmares, algo extraordinário se pensarmos nos rumos da arte brasileira da época, é em Henri Barbusse e no “Grupo Clarté”¹³ da França que o grupo brasileiro encontrou inspiração em termos teóricos. A grande particularidade está não apenas nas orientações políticas de seus membros, com tendência especialmente anarquista, que por si só já demonstra iconoclastia, mas também no percurso de cada um dos membros, algo central se quisermos destacar a produção cultural e o acúmulo de capitais dos agentes que o movimentava. Isto é, o grupo era formado por “jovens escritores pequeno-burgueses e operários” (SCHMIDT *apud* BRITO, 1997, pp. 146-147). As organizações sindicais, sobretudo baseadas no anarquismo italiano e espanhol, e a classe média imigrante, em constante procura por

¹² O nome do autor aparece frequentemente com “i” ao invés de “y”.

¹³ Referência para a criação de revistas homônimas na América Latina como *Claridad*, em Buenos Aires e *Claridade* no Rio de Janeiro.

moradia e melhores condições, atuaram com o mesmo ritmo por um período. Julgamos vir daí a junção dessas duas camadas da sociedade, ambas em plena formação¹⁴, o critério seletivo de seus membros. São eles: Afonso Schmidt, figura central, Maximiano Ricardo, **Sílvio Floreal**, Edgard Leueroth, Andrade Cadete, Gigio Damiani, Astrojildo Pereira, Everardo Dias e Raymundo Reys. O grupo chegou a manter correspondência com o próprio Barbusse.¹⁵

O que nos permite sustentar que o grupo fazia frente aos modernistas da Semana é a entrevista do membro fundador, Afonso Schmidt. Como observamos mais acima, a sua participação junto aos intelectuais de 22 foi ambígua e incerta. Apesar de seu nome constar em manuais e ser apontado positivamente até por Oswald de Andrade, o qual, com o intuito de negar sua participação, teria dito: “Mais tarde, os nossos colegas, que se encontravam do outro lado da barricada, também realizaram o seu movimento. A semana de arte moderna pode ser tomada como reação contra o movimento “Clarté””. (SCHMIDT *apud* PAULILLO, 2002, p. 88).

Para além da atuação em grupos intelectuais de distintos projetos e anseios, coube a Floreal, ainda, a participação ativa, na posição de diretor, em pelo menos um suporte especializado em divulgação literária e cultural, em um período no qual houve uma explosão exponencial deste tipo de periódico¹⁶. Trata-se de *A Flecha*:

(*A Vida Moderna* – 27 de abril de 1922)

Não encontramos ^{colaborações} do escritor no periódico em questão e tampouco informações tais como propriedade ou local de redação; somente que a correspondência

¹⁴ Ver “Sindicalistas e Burgueses” In: ROLNIK, *São Paulo*. São Paulo: Publifolha, 2013.

¹⁵ Ver Michael Hall e Paulo Sérgio Pinheiro, “O grupo Clarté no Brasil: da Revolução nos espíritos ao ministério do Trabalho” In: PRADO, 1986.

¹⁶ Ver Janovitch, *Preso por Trocadilho – A imprensa de narrativa irreverente paulistana 1900 – 1911*, 2006.

era entregue na Rua do Theatro, 18. Consultando um catálogo de revistas paulistas, organizado por Heloisa de Freitas Cruz, obtivemos algumas informações de conteúdo, ainda esparsas, sobre o periódico em pauta:

A Flecha é um jornal “de um bairro da Paulicéia”, marcado principalmente pelas ironias de suas críticas em tom humorístico. Há apenas uma seção, “Folhetim d’A Flecha”, destinada a histórias com continuidade em números posteriores, localizado na última capa. Os artigos tratam de temas variados como: críticas negativas e positivas, “Flechadas”; pequenas histórias, “Diálogo entre dois”, um monólogo, “Conselho A’s Donzelas”; piadas, “Settas”; poesias em versos, “A bicicleta” e “Cova dos Ossos”. O periódico apresenta ainda uma lista de indivíduos que serão “flechados” no próximo número. A temática sobre o Carnaval permeia em muitos dos artigos já citados.

Não possui ilustrações.

Apresenta pequenos reclames de livrarias e espetáculos teatrais. (1997, p. 122).

Sylvio Floreal, portanto, está inserido em um contexto cultural de extrema movimentação ideológica e estética. Nesse sentido, o exercício analítico deve conter a identificação do contraditório. A própria peregrinação de autores por diversos núcleos intelectuais, até mesmo daqueles que se contrapõe cabal ou aparentemente, indica a maleabilidade das ideias no período. Exigir unidade, ou melhor, entender que a homogeneidade é, ao fim e ao cabo, sinônimo de qualidade estética ou rigor político, é estar desatento aos processos que, por se tratarem de caminhos a percorrer são, acima de tudo, transitórios e elásticos.

2. Sylvio Floreal e sua obra

Esta síntese pretende dar um breve panorama que seja capaz de expor as características centrais da escrita de Floreal, gerando uma visão de conjunto de sua atuação literária em comparação a outras propostas de escrita do período. Nessa direção, apresentamos caminhos essencialmente heterogêneos de sua produção e de seu contexto.

No que diz respeito especificamente ao seu percurso literário, pode-se inferir com facilidade que é bem diverso em seu cerne, ou seja, uma obra diverge consideravelmente da outra, evidenciando a independência do autor, que não se restringia a uma prática literária específica. Com efeito, isso significa que as obras de Sylvio Floreal dialogam seja com as produções literárias novecentistas – de cunho ornamental, esteticistas baseadas em autores que influenciaram a escrita do período, como Oscar Wilde e Dannuzio, naturalistas, e até regionalistas —, seja com as propostas do programa articulado pelos intelectuais da Semana de Arte de 1922, sobretudo no plano temático, compartilhando discursos e procedimentos formais aparentemente contraditórios entre si e que a crítica literária recorre, em casos similares, à denominação genérica “Pré-Modernismo”. Tal conceito é ainda alvo de discussões, pois a ideia de modernidade e todas as suas ramificações e rumos na literatura brasileira estariam à sombra dos intelectuais que organizaram a Semana de 1922, comportamento que usualmente deixa de levar em conta as especificidades de um período que sobrepunha intrinsecamente discursos diversos e divergentes em uma realidade dinâmica, volúvel e nova:

Boa parte da crítica e das histórias culturais e literárias produzidas, desde então, construíram modelos de interpretação, periodizaram, releeram o passado cultural do país, enfim, com as lentes do movimento de 1922. Atados em demasia à noção de “vanguarda” (vanguardas estéticas, vanguardas revolucionárias, vanguardas do pensamento nacional ou consciência do “nacional popular”), tais esquemas, em flagrante anacronismo, ocultaram processos culturais relevantes que se gestavam na sociedade brasileira, a rigor, desde a primeira metade do século XIX. (HARDMAN, 1992, p. 290)

Não seria exagero considerar que Sylvio Floreal, assim como outros autores e autoras do período, foi de algum modo suprimido da história literária brasileira oficial por meio de um processo nitidamente enviesado que valorizou de modo tendencioso os intelectuais que compuseram a Semana de 22. Este problema da crítica brasileira, inclusive, deixou de notar com atenção que mesmo os autores participantes da Semana não ficaram de fora categoricamente das contradições de um período instável e sobretudo de transição, no qual a dialética deveria prevalecer em detrimento das dicotomias superficiais entre velho e novo, modernista e pré-modernista, vanguardista e

passadista, para que a compreensão fosse mais assertiva, longe das limitações que favorecem o recorte da literatura por meio de representações de escolas e períodos literários estanques e bem alinhados. Tanto disformes quanto intensas foram as agitações do momento que, capazes de semear no programa rígido dos artistas de 22 marcas ditas “passadistas”, corroboraram para uma simultaneidade artística que nem a magnífica capacidade de ruptura da Semana de 22 foi capaz de anular:

O núcleo de 22 não impediu que a prosa de *Os Condenados*, de Oswald de Andrade, fosse trabalhada em moldes retóricos-dannuzianos, nem que a mesma tendência presidisse ao roteiro literário de Menotti del Picchia, nem que o verso de Guilherme de Almeida se cristalizasse numa poética artesanal, passadaista, que o enformou até as últimas páginas. Todos, homens de 22. (BOSI, 2006, p. 339)

Fora das balizas estéticas, até mesmo aquilo habitualmente foi aceito no que diz respeito ao modo como os participantes da Semana conceberam e concretizaram suas trajetórias — alheando-se radicalmente da elite política passadaista e valendo-se de certa autonomia e independência que serviam de base à empreitada vanguardista promotora da crítica desta organização social conservadora — pode ser relativizado, dado que as relações aparentemente opostas não se configuraram tão polarizadas quanto se imagina, muito pelo contrário, havia “um quadro distinto de comprometimentos, entusiasmos, concessões, favores e serviços de uns aos outros” (MICELI, 2003, p. 24). Outro exemplo encontra-se nos chamados “reformistas infiltrados” que compartilhavam o veículo dos chamados vanguardistas e posicionaram-se à direita em 1930 em função da Revolução de Outubro (PRADO, 1983, p. 8), o que evidencia o caráter multifacetado e intrincado do contexto de então e o que ele foi capaz de reproduzir.

A data de publicação do primeiro livro de Sylvio Floreal torna-se, à luz dessa discussão, uma questão sugestiva: em plena eclosão da Semana de Arte de 1922 é muito provável que se pense, nos dias de hoje, que nada dentro das artes brasileiras pudesse ter voz nesse momento. A noção sucessiva do tempo tende a mostrar uma esfera superficial dos acontecimentos, não dando a chance que se depure ou que se permita o contato com aquilo que não está em destaque. As datas reduzem drasticamente o contexto e são compreendidas como metonímias pela posteridade, contribuindo para um apagamento

naturalizado de dados e acontecimentos aos quais o historiador (da literatura ou não) e o crítico especialista devem estar sempre atentos.

Ainda que por diversas razões estivessem em evidência, seja por meio dos que tinham simpatia ou dos que refutavam as investidas audaciosas geradas pelos artistas da Semana de Arte de 22, autores que não aderiram ao programa modernista e já gozavam de certo reconhecimento continuaram presentes no cenário intelectual paulista, como é o caso de Monteiro Lobato. Sylvio Floreal, por sua vez, estreava como autor de um livro¹⁷ composto pela compilação de 41 textos, mesclando crônicas, críticas de arte e alguns contos de variadas propostas formais, publicados aproximadamente entre os anos de 1916 e 1922 em periódicos diversos. Intitulada *Atitudes*, a obra contou com o aval e a expectativa otimista do mencionado Lobato que, em seu turno, soube resumir o olhar atento e eclético de Floreal:

O autor revela-se-nos de uma sensibilidade ampla, capaz de reagir a todos os *estímulos* que a esfolem [...]. Sempre atento a pequeninas ondas do turbilhão da vida, tem para eles um olhar compassivo e uma reflexão, ora amarga, ora resignada, ora filosófica. Suas atitudes, as atitudes da sua sensibilidade em contato com o monstro poliforme, estão todas compendiadas no seu livro de estreia, valioso como revelação de personalidade bem marcada. (LOBATO, 2009, p. 40)

No que tange ao modo de configuração do livro, Floreal manteve uma proposta que é no mínimo distanciada do que os intelectuais paulistas tentavam naquele momento com a Semana; já no prefácio, bem como se nota na crítica de Lobato, encontra-se uma reiterada justificativa que sustenta que a obra não pretende ser programática e bem descrita, mas ampla:

Colaboraram, conjurados, dentro da sensibilidade de quem escreve, uma multidão de indivíduos, cada qual expandindo as suas múltiplas sensações e os seus tumultuários anseios. Por esta impotência de isolamento, que tortura os nervos dos que possuem a glória triste de

¹⁷ Livro que obteve alguma notoriedade segundo um jornal da época chamado *Commercio de Santos*: “Os poucos exemplares que ainda se encontram pelas livrarias desaparecem como por um encanto. Isto quer dizer que Sylvio Floreal é um dos que são lidos... Porque a maior parte dos nossos grandes homens não tem leitores! ”. Endereço eletrônico do texto completo: <http://www.novomilenio.inf.br/cultura/cult043b.htm>

sentir dentro da sua esperança o desespero dos outros, é que urdem os livros maravilhosamente contraditórios.¹⁸ (FLOREAL, 1922, pp. 3-4)

É como se Sylvio Floreal concebesse que naquele momento a unidade, seja estética ou ideológica, fosse algo de difícil realização e que, portanto, almejar um caminho unívoco seria fundamentar o ilusório — “Todo o livro que reflete uma ânsia única é lamentavelmente falho, porque, dentro dele, está o desespero de um só homem, agravado pela nevrose do seu sonho” (p.4). As incongruências do livro executadas de modo consciente pela reunião de “páginas deliciosamente desordenadas” (p. 9), assim como toda a trajetória literária diversa do escritor, são tão somente o espelho de um período movido e não linear; contrapondo-se às reivindicações de 22 que unificaram essas diferentes forças tal e qual um palimpsesto pois, como vimos, resquícios do que foi apagado permaneceram em variadas instâncias. Em linhas gerais, a própria escolha dos textos e o modo com que o livro é despreziosamente articulado, concebido “num período de desenfreada vagabundagem espiritual” (p.8), sustentam uma provável demonstração de liberdade em um momento no qual a intelectualidade voltava suas atenções para um lugar pretensioso e euforicamente propositivo, visando com frequência o futuro e a promessa de uma modernidade benéfica e incontestável (SEVCENKO, 1992, p.99).

Já acerca do livro *Ronda da Meia-Noite* (1925), pode-se concluir que caminha em paralelo com obras de José do Patrocínio Filho, Lima Barreto e Benjamim Costallat, sobretudo no que diz respeito ao desmascaramento do discurso em torno da modernidade em benefício do olhar para um futuro edificante. Ademais, em São Paulo, o livro *Madame Pomerry* (1919) de Hilário Tácito também apresenta uma notável crítica ao processo de modernização, como o já mencionado *Os Condenados* (1922) de Oswald de Andrade, livros sugestivamente pouco estudados. Todos, de um modo ou de outro, extremamente críticos em relação à modernidade, trazem para a historiografia literária não somente o desafio de explicar os motivos que levaram os escritores citados, a despeito de Oswald, e tantos outros não registrados aqui, a não receberem a atenção que lhes cabe, mas também a necessidade de os retomar significativamente. *Ronda da Meia-Noite*, livro impossível de dissociar do anterior por terem sido produzidos nos

¹⁸ Grafia atualizada.

mesmos anos¹⁹, embora com propostas mais firmes a respeito do espaço (sempre a cidade de São Paulo), personagens (marginalizados²⁰) e escrita (crônicas-reportagens), é plausível dizer que há uma tendência inegável quanto ao timbre baixo e não laudatório que compõem o andamento da obra, sempre agarrado a uma geografia periférica da cidade que, por sua vez, faz emergir tipos sociais apartados pelo processo de modernização fugaz, ambiente muito conhecido por Floreal dada a sua real dificuldade financeira que o fez autêntico andarilho da urbe marginalizada. Era ao mesmo tempo retratista e membro do que podemos chamar de *bas-fonds*.²¹

Esta postura de denúncia das misérias sociais, recorrente não só em suas narrativas breves, mas também no romance *Coragem de Amar*, tem origem, a nosso ver, em sua formação inicial. Desse modo, Floreal compartilha tal característica com os anarquistas e socialistas, visto que estes também reproduziam na escrita literária, dentre os diferentes assuntos frequentes, uma temática que se relaciona especialmente com o livro *Ronda da Meia-Noite*: “O tema da *miséria urbana*, nos relatos anarquistas, ganha a modernidade do flagrante que retrata o lado escuro da metrópole sob o desvairismo da *belle-époque*, num tempo em que o Brasil se civilizava.” (HARDMAN; PRADO, 1985, pp. 21-22). As instituições de controle como hospício, penitenciária e segurança passam a exercer, com o avanço da República, de cunho contratual, intensa postura, monitorando a razão, a circulação e os costumes da população. Nesse sentido, de acordo com Foucault em *Vigiar e Punir*, a racionalidade do Estado, que passa agora a executar intervenções cada vez mais profundas na vida social, resulta na modernização dos aparelhos de controle, tendo como pano de fundo discursos de cunho relativamente progressistas e calculados. É justamente da brecha que se abre nesse sistema moderno de opressão, sob dura hostilidade, que saem as vozes dos personagens de *Ronda da Meia-Noite*, livro cujos protagonistas revelam desses espaços de controle massivo a brutalidade contraditória da nova máquina política. Floreal, no entanto, não aparenta ter uma causa clara enviesando suas narrativas a serviço de uma revolução social

¹⁹ Muito provavelmente as crônicas-reportagens foram escritas de 1915 a 1922 pois ao final do livro *Atitudes* há informações de que *Ronda da Meia-Noite* já está no prelo naquele momento. Certamente, a publicação foi adiada até 1925 para que coincidissem com o centenário da cidade. Desse modo, os textos que compõem ambos os livros foram escritos no mesmo espaço de tempo e o processo de escolha de cada um deles obedece a critérios pontuais do autor.

²⁰ Margareth Rago, em seu prefácio à edição Paz e Terra do livro *Ronda da Meia-Noite*, descreve: “[...] os presos, os loucos, os bêbados e os mendigos, que não puderam ser incorporados nas novas atividades produtivas da cidade, nem mesmo participar das lutas sociais que agitaram o cenário político de então. É dessas figuras perdidas e dos espaços obscuros em que se inscrevem que fala o livro de Sylvio Floreal [...]”. (2003, p.5).

²¹ Ver livro do historiador francês Dominique Kalifa: *Os Bad-Fonds – história de um imaginário*.

determinada, como os anarquistas repetidamente fizeram. Sua linguagem, por sua vez, é igualmente algo passível de comparação por estar a par com “uma literatura premida entre a *respectability* das formas convencionais e o compromisso social com o universo dos “de baixo”” (HARDMAN, 1984, p. 118). Como já esboçado, em Floreal as resoluções ornamentais da escrita, por exemplo, apesar de não estarem associadas a uma motivação panfletária, podem, de certa forma, funcionar de modo similar, isto é, como “uma maneira de ocupar o código das classes dominantes e forçar a se abrir por dentro um novo modo de convivência cultural” (HARDMAN; PRADO, 1985, pp.15-16).

Para além da possibilidade de recuo da periodização em torno do modernismo, da relativização da unidade estética, política e ideológica dos escritores e da recusa à supervalorização cega da Semana de Arte de 22, pois sabe-se que este evento foi tão somente mais uma dentre as tentativas de manutenção da hegemonia paulista (SALIBA, 2012, pp. 66-68), há um outro traço relevante a ser considerado, que aqui será meramente exposto. Sabe-se que Rio de Janeiro e São Paulo sofreram em maior escala mudanças resultantes da metropolização intensa. Contudo, não foram os únicos lugares que investiram na ideia da modernidade (SEVCENKO, 1983, p. 59). Guardadas as proporções, vejamos a partir de outro cronista, ainda pouco estudado dentro desta modalidade de escrita, os impactos da chegada da modernidade e seus rastros indesejáveis. Com perspectiva semelhante à de Floreal, isto é, circunscrevendo os malefícios das mudanças sociais em nome do progresso, Augusto dos Anjos, nada alheio aos acontecimentos do período, temia que essa onda civilizatória e eurocêntrica chegasse à sua Paraíba e, assim, posiciona-se diante das falácias republicanas. Na crônica intitulada “Carta de Pau D’Arco”, de 28 de outubro de 1906, destinada à própria Paraíba, o cronista relata com uma linguagem muito característica, sempre poética e dura, o comportamento ganancioso que se manifestava ao seu redor:

Ouvia com submissão as falas mais estrondosas, os programas mais egoísticos, as aberrações mais tremendas da alma animalizada...

Era como se os teus homens, na febre negra do exclusivismo bretão, estivessem organizando celeiros monopolizadores de todas as searas mundanas!

Abençoada arte de amontoar! (p. 631)

Como um observador que atualiza o que está a sua volta, confundindo-se muitas vezes com um repórter de jornal, ou neste caso em específico com a seção jornalística que tinha como função anunciar os óbitos, (“Por alguns dias observei detidamente, com

meus óculos de necrologista [...]), previu com clareza o que as mudanças trazidas por esse novo imaginário provocariam não só em termos comportamentais, mas também no âmbito visual, a morte simbólica de sua terra natal em função da implementação cultural vinda da Europa: “Brevemente, minha boa Paraíba, eu te verei com a tua luzinha encarnada, anunciando sorvete nas entranhas do Café Chic, e a tua máquina severa, correndo, a passos de quadriga célere, para as areias refocilantes de Tambaú” (p.633). Seguidamente, polariza-se uma crescente sociedade de mentalidade burguesa em oposição ao lugar da imaginação literária: “Pôs-se em voz alta a me exprobar a conduta literária, nesta época de cupidez solta, em que os desejos unânimes convergem para uma diretriz única, - a de metalizar ambições” (p.633). A morte da arte parecia estar anunciada conjuntamente. Este tipo de literatura configura expressões verdadeiras da onda de modernização que abateu o país como um todo.

Quanto ao seu romance *A Coragem de Amar*, publicado em 1924 e reeditado em 1925, revela algumas questões importantes e que, sem dúvida, chamam a atenção por algumas particularidades temáticas. Deve-se registrar que muitas das propensões do livro foram compartilhadas com *Ronda da Meia-Noite*, especialmente no que diz respeito ao profundo olhar sobre a cidade de São Paulo e suas incongruências. A fatura do texto e as imagens em torno da metrópole são muito similares entre ambos os livros (vale lembrar que já em 1922, como mencionado acima, o livro *Ronda da Meia-Noite* já estava no prelo). Aliás, passagens inteiras são encontradas nas duas obras. Trechos da crônica aqui editada, “A vertigem em marcha: fisionomia de um bairro” são repetidos no livro, tal como seu parágrafo inicial: “O Brás, durante o dia, é um verdadeiro poema homérico de atividade e trabalhem marcha. É a ânsia em marcha, desabusada e audaciosa. É a luta em assomo febril de indômita avançada, penetrando, dominando todas as esferas da vida” (páginas 118-119 do romance). Prontamente seguido do parágrafo final da crônica, com pequenas alterações: “Visto cá do alto, é uma pincelada berrante de zarcão, onde as trompas insolentes das chaminés das suas fábricas, expelem, numa ejaculação insistente para o alto, mascarando de negro a fisionomia do céu, atropelados rolos de fumaça! Tem o aspecto de anfiteatro em combustão, fervilhante, gerando em seu seio um monstro apocalíptico! Todo ele é progresso em fantástica escalada para o Futuro!” (página 119 do romance). Tal procedimento pode sugerir que as crônicas do escritor poderiam ser uma espécie de laboratório para textos mais extensos, como romances.

O livro foi recebido com certa desconfiança, resultante de uma abordagem entendida como escandalosa por tratar de forma profunda as relações sexuais do casal Marcos e Lydia, muito embora tenha sido reeditado, contabilizando no total, cerca de 20 mil exemplares²². A trama da narrativa em nada inova: um casal impedido de desfrutar de seu amor na medida em que Lydia, por questões familiares e financeiras é forçada a casar-se com Oswaldo, um astuto caça-dotes. No entanto, é possível encontrar críticas profundas seja ao projeto de modernização e suas tecnologias segregadoras, como o cinematógrafo, e à condição subalterna da mulher da época. Acerca do cinematógrafo, preferência explícita dos modernistas da Semana em detrimento do teatro (LARA, 2009, p. 39), o narrador do romance sugere em uma passagem:

Garotos vendedores de jornais, gritavam, espaço a espaço. Um pretinho vendedor de doces, para em frente ao cinema e fica enlevado, olhando para a profusão de cartazes de cores berrantes, pregados pelas paredes. As cenas pintadas nos cartazes são verdadeiros gritos do colorido que fazem girar numa farândola infernal de desejo a alma de todos os garotos que não podem ir ao cinema. No número dos tóxicos modernos, o cinematógrafo, sobre ser o mais daninho, é o mais sedutor. (FLOREAL, 1925, pp. 13-14)

Mas o tema da mulher, e suas dificuldades quanto ao exercício de liberdade amorosa e sexual, curiosamente, parece ser a grande tônica do romance. Inclusive, o texto é dedicado às mulheres:

²² Talvez pelo teor do romance, cujas ilustrações foram censuradas na segunda edição, a obra tenha alcançado alguma notoriedade. Importante registrar que em 1923 Benjamin Costallat lançava no Rio de Janeiro o polêmico livro, considerado *best-seller* da época, vendendo cerca de 75 mil cópias em cinco anos, chamado *Mademoiselle Cinema*. A obra foi considerada pornográfica e chegou a ser recolhida em 1924 pelas autoridades, a mando de uma sociedade chamada Liga da Moralidade, sob acusação de ataque à moral.

A narrativa vai a fundo nesta questão²³. O narrador do romance, que em muitas passagens apresenta-se como uma espécie de pensador, desenvolvendo de tempos em tempos cadeias de raciocínio crítico no decorrer de toda a obra, elabora discursos expondo a condição feminina da época²⁴, sempre encarceradora em uma vida matrimonial imposta, libertando-se, como é o caso da relação de Lydia e Marcos, pelo adultério:

Nada mais horrível para uma mulher do que despir-se maquinalmente, ante um homem a quem não ama, e ser obrigada, por mil circunstâncias absurdas, a lhe entregar o corpo, para que ele satisfaça o seu erótico desejo de macho... Nada mais doloroso na vida de uma mulher do que uma tal situação.

É a prostituição legalizada, a imoralidade dentro do matrimônio, a mulher rebaixada a instrumento de prazer, no instante convulsivo, delirante, em que o macho exige unicamente a sua vagina, esquecendo-se de que ela é dotada de grande sensibilidade, e de que essa sensibilidade é ultrajada e amesquinhada sempre que ela tenha a obrigação de dar a sua carne, não pela vontade amorosa e deliberada do seu coração, mas sim pelo direito legalizado de posse que o homem exerce absurdamente sobre ela.

A prostituição conjugal é evitável sempre que não estiverem em jogo os interesses e os privilégios.

Entretanto, os *cornudos* dos nossos dias, que preferem, a uma mulher que os ame, um dote no Banco, que a mesma lhes traga, entregam esse caso às esposas: e elas, como um grito de libertação e uma desforra perante as leis que as escravizaram e o privilégio que lhes mataram o amor, praticam comodamente o adultério.” (FLOREAL, 1925, pp.76-77).

A dicção naturalista também é evidente na obra: animalização dos personagens, imagens e metáforas ligadas à natureza e à biologia, como em outros textos ornamentais do autor publicados, sobretudo, na revista *A Cigarra*, e, inclusive, a exposição de uma visão racial nos moldes das teorias do final do século XIX. Sobre este último ponto, importa sublinhar o quanto esta visão, a princípio, diverge, mas convive com as investidas intelectuais como membro do grupo Zumbi, do qual Floreal fez parte, por exemplo. Nesse sentido, ainda, vale notar a coexistência de orientações contrastantes como traço fundamental, não somente no centro intelectual do período, mas na própria

²³ O conto editado neste trabalho de nome “O amante de fogo” também retrata, em certo sentido, a condição feminina e o matrimônio.

²⁴ Sobre o tema, ver o livro da historiadora Margareth Rago: *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*.

trajetória dos escritores. Em outras palavras, a “cidade das letras”²⁵ agrupava naturalmente recursos estilísticos e estéticos díspares entre si, além de, com mesma força, discursos opostos em termos de direcionamentos políticos e culturais. O narrador, portanto, evidencia com determinação o seu posicionamento contrário à miscigenação e favorável às “raças puras”, que tinham como principal expoente os europeus recém-chegados à cidade de São Paulo. Vejamos mais um excerto do romance: “O mulato na escala etnológica, tem sua trajetória zig-zagueante começada em Gôa no seio da raça negra, e terminará no Brasil, se os portugueses, valentes descobridores de negras, um dia deixarem de estragar a sua goma seminal, injetando-a em útero de procedência africana.” (p. 37). Tal perspectiva, que hoje identificamos facilmente como racista ou eugenista, não resulta, à época, em oposição imediata, como se pode supor, às orientações políticas mais progressistas, como o anarquismo (que, como vimos, formou Floreal). Os próprios anarquistas do momento, muitos deles italianos, por exemplo, tinham grandes dificuldades de compartilhar suas lutas com trabalhadores negros brasileiros (CARELLI, 1985, P. 67).

Seu último livro, *O Brasil Trágico*, publicado em 1928, é, evidentemente, uma obra que reúne características de toda a literatura anterior de Floreal: tendência ornamental, tal como os textos publicados na *Cigarra*, veia jornalística, aclimatada a características de narrativa de viagem, na medida em que colhe as informações *in loco* e as organiza com datas ao modo de um diário, apontamentos da modernidade, agora comparada aos espaços vazios e bucólicos ainda por perscrutar nos interiores de Mato Grosso. Por muitos ângulos lembra uma literatura com características a que Hardman chamou de “poética das ruínas”, na medida em que o tom de algumas das narrativas, como o próprio título da obra, é melancólico, pois o que se vê é a precariedade do vazio, do inabitado, do inexplorado, do inconcebível. Essas produções textuais calcadas numa concepção de paisagem inédita, como a corrente que vem desde o argentino Sarmiento, passando por Euclides da Cunha, pelos ensaios de Capistrano de Abreu e até mesmo por Paulo Prado, eufórico da Semana de 1922, que também publica uma obra deste teor em 1928 (*Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*) dialogam em algum grau com esta obra de Floreal, de modo que todos se encontram em uma busca intensa pelo conhecimento profundo da nação. Vejamos o trecho do primeiro dos 27 quadros que configuram a obra: “Em Mato Grosso é clamorosa a ausência do número humano.

²⁵ Referência ao livro do crítico uruguaio Angel Rama chamado *A cidade das letras*.

Número que faz a excelente equação social – gente igual a progresso. A falta, torna tudo difícil, tudo excessivamente trabalhoso, tudo horivelmente precário” (p.8).

Em outro momento, retrata um automóvel em meio à amplidão da terra, levando em sua dicção uma sutil tendência à analogia com que nos deparamos em narrativas de viagem, intercalada com o discurso direto de alguém que toma o turno do narrador-observador e complementa, como numa reportagem, o discurso narrado:

E na proporção que o Ford investia como um desafio à planura, o *chauffeur* relatava-me a história dos primeiros automóveis que invadiram a planície.

— Foi o Ford quem desviginou estas planícies que até então só conheciam os trotes dos burros de cargueiro e a preguiça dos carros de bois. Foi ele quem fez a primeira viagem de Campo Grande à Ponta-Porã e Bela Vista, há bem uns dez anos. Ao automóvel Ford não cabe somente a glória de ter sido ele o primeiro a viajar por esta zona, cabe-lhe ainda a grande glória de ter aberto, com os seus pneumáticos, uma estrada. (pp. 37-30)

Na mesma proporção em que essa paisagem suscita a melancolia do vazio, e até mesmo o atraso pela discrepância entre a vastidão bucólica e a vertigem urbana diante do olhar de quem vem da metrópole, não deixa de provocar também a predisposição poética: “[...] maravilhoso repositório de coisas belas, e de motivos esplendidos para se urdir poemas de alta emoção” (p.115). Assim, a natureza conecta-se com a poesia intimamente.

Em suma, essas aproximações gerais e distintas expressam um dado fundamental: a obra de Sylvio Floreal está localizada sob um prisma literário aberto e amplificado que comporta escritores que dialogam entre si em um contexto dinâmico, cada qual lançando mão de seus respectivos dispositivos de escrita em resposta ao caráter multiforme de uma configuração social paradoxal. Toda a concepção que intenta averiguar as particularidades culturais deste período, compreendido no âmbito da periodização política como Primeira República (1889-1930), deveria, antes de qualquer coisa, conceber o fato de que os discursos são híbridos e articulam-se de maneira dinâmica e difusa.

Julgamos importante ter em mente tais discussões a fim de que a análise da obra de Sylvio Floreal, e de tantos outros escritores ofuscados, não seja ceifada ou referendada por classificações rigorosas que terminam por perpetuar o processo de apagamento ou ratificação cultural. Levar em conta o panorama de um período fragmentado permite que se opere “fundo nas dobras dos inúmeros discursos, registrados ou removidos, que se entrelaçam nessa época na dinâmica de formação do Estado e da nacionalidade” (VECCHI, 1998, p.114).

3. Sylvio Floreal e o jornalismo

Discussão que aparenta não alcançar saciedade, ganhando fôlego novo a partir do século XX, e mais intensamente após o que se convencionou chamar de virada linguística, reside nas reflexões em torno das relações possíveis e prováveis entre realidade e ficção. Derivam daí outras dicotomias que garantem a perenidade do impasse e acentuam a dimensão da sua complexidade. Sob pena de cair em teias impossíveis de se desvencilhar, fiquemos apenas na enumeração e relato breve de algumas das diversas aporias-chaves que daí se estendem: ciência-arte; história-literatura e, nosso foco aqui, por extensão, jornalismo-literatura.

Não por acaso a distribuição dos termos e categorias acima segue determinada ordem: anuncia-se o caráter da discussão. O binômio história-literatura poderia, por rigor cronológico, uma vez que tal discussão remonta de maneira mais evidente a pelo menos Aristóteles em sua *Poética*, ser o primeiro na ordenação sucessiva e, portanto, todos os outros o seguirem. A posição inicial do binômio ciência-arte escolhida, ao qual todos os outros parecem prestar reverência, ancora, em termos de predominância e importância, um lugar especial ocupado pela projeção da ciência a partir do século XIX até então. Este período levou às últimas consequências a aplicação categórica de fórmulas e teoremas em todos os campos do saber, inclusive prescrevendo cada um deles até sua respectiva autonomização, espécie de encarceramento do entendimento, das áreas de atuação intelectual. A história não esteve — e não está — de maneira alguma imune a esse pendor. A noção de que o historiador, como um cientista rigoroso, tem a função de descrever, ordenar e sistematizar a compreensão de um dado fenômeno, que no caso é o acontecimento passado, representando-o mimeticamente, atrelada à

institucionalização da disciplina historiográfica²⁶, ainda hoje tem uma grande implicação, mas também refutação significativa. A aposta de que os estudos literários, por sua vez, também hoje abrigados em seu campo do saber específico e, portanto, refratários a um diálogo salutar com a história²⁷, podem corromper e desvirtuar a busca pela verdade absoluta dos fatos, objetivo final da história dentro desta perspectiva, continua irrevogável para muitos.

Sem a profundidade que merece, pensemos na atualidade do pensamento de Nietzsche, uma das vozes que, em pleno Século das Ciências, chamava a atenção, já em seus primeiros escritos, para certo descompasso entre as noções que formavam o ser e sua apreensão da realidade. *O nascimento da tragédia* propõe, sobretudo, “uma unidade mítica refeita em que o homem ressurgiria como obra de arte da vida” (GUINSBURG, 2006, p. 156), isto é, que resgataria o ponto de vista artístico como representação do mundo, calcado na noção de devir dos pensadores pré-socráticos, em detrimento da prevalência do homem racional, inaugurado, segundo o autor, por Sócrates. Todo este esforço é em prol do equilíbrio entre duas disposições fundamentais, então desreguladas, metaforizadas pelas figuras dos deuses Apolo e Dionísio. É o que parece germinar, guardadas as proporções, o horizonte das reflexões atuais em torno do grande dilema realidade-ficção, e mais especificamente, história (ligada à ciência) e literatura. Na esteira do historiador estadunidense Hayden White e do filósofo francês Paul Ricoeur que tentam, com rasgo dialético cada qual ao seu modo, dar conta da assimetria identificada por Nietzsche e responder sua potência, a qual encontra amparo renovado nos dias de hoje, há grande aplicação intelectual disposta a relativizar a questão. White acredita que o fazer historiográfico, dada a sua condição intrínseca, não dispensa, por mais que se esforce, o âmbito literário. Para o historiador, tido por muitos como radical em suas convicções, a maneira com a qual se elabora uma situação historiográfica está subordinada ao modo “com que o historiador harmoniza a estrutura específica de enredo com o conjunto de acontecimentos históricos aos quais deseja conferir um sentido particular. Trata-se essencialmente de uma operação literária.” (WHITE, 2001, p. 102). Focaliza-se, desse modo, o procedimento. Ricoeur, por seu turno, pondera com cuidado e determinação crítica as possibilidades de confluência entre as duas esferas por uma linha de raciocínio que preserva certo compartilhamento de atuação entre ambas: “Por

²⁶ Figura central de tal concepção historiográfica surgida no século XIX é a do historiador alemão Leopold Von Rank.

²⁷ “[...] incriminar a história parece ser, na verdade, o gesto indispensável e inaugural da maioria das condutas teóricas para estabelecer a autonomia dos estudos literários” (COMPAGNON, 2014, p. 195)

entrecruzamento de história e ficção, entendemos a estrutura fundamental, tanto ontológica quanto epistemológica, em virtude da qual a história e a ficção só concretizam cada uma sua respectiva intencionalidade tomando empréstimos da intencionalidade da outra.” (RICOEUR, 1997, p. 316)

Voltando os sentidos estritamente para o contexto intelectual brasileiro, podemos, diferentemente do que foi alvo dos críticos supracitados, os quais pensaram suas respectivas circunstâncias, encontrar algumas idiossincrasias importantes sobre o tema para se pensar a produção de conhecimento na área das ciências humanas. Com efeito, ter em mente uma divisão cabal do exercício intelectual no Brasil na virada do século XIX para o XX, é, no mínimo, desprezar as especificidades de solidificação dos campos do conhecimento em seu tempo e conjuntura. Nesse sentido, a literatura foi por muito tempo ponto de partida e força motriz para toda e qualquer incursão intelectual dentro das humanidades. A superação da literatura, em discurso e retórica, sucede de forma retardatária na produção de conhecimento brasileiro, ainda que a presença das ciências já fosse substancial:

Mas, apesar da cultura intelectual se haver desenvolvido em ritmo acelerado desde o início do século; apesar da intensa divisão do trabalho intelectual, com o estabelecimento da vida científica, em escala apreciável; apesar do surto de tudo isto, a literatura permaneceu em posição-chave. Vimos que alguns dos produtos mais excelentes dessa época, no campo dos estudos sociais, como *Casa-grande e senzala*, *Sobrados e mucambos*, *Raízes do Brasil*, lhe são tributários, não apenas pelo estilo mas pelo ritmo de composição e qualidade da interpretação. (CANDIDO, 2006, p. 134).

Diante deste quadro, entender as relações entre história (com sua tendência científica) e literatura no Brasil é atividade complexa²⁸. Tal panorama serve como introdução elementar ao último binômio proposto como sugestão para o entendimento do fazer literário no Brasil, mais especificamente na virada do século XIX para o XX, qual seja, jornalismo-literatura.

²⁸ Como sugere Candido mais à frente no texto, houve posteriormente na literatura brasileira, em seu ímpeto por se autonomizar, tornando-se mais “pura”, portanto, uma atitude de negação parcial ou integral de impasses históricos e sociais, fechando-se circularmente em suas raízes estéticas (2006, p. 136).

A intenção, sempre escorregadia, que coloca em evidência a atividade jornalística, como tributária do elemento realidade e por sua vez, tributária da ciência e, em certo sentido (restrito), da história, além de figurar como central para a prática literária no Brasil, merece explicação de fundo. Sabe-se que a atividade da imprensa moderna está totalmente submetida aos avanços científicos e tecnológicos logrados, otimizando sobremaneira a prática jornalística no Brasil da virada de século e, por conseguinte, a prática literária. Mas tal dado, a despeito de sua relevância, não explica muito se tomado isoladamente. Na sua relação com a história, o jornalismo, grosso modo, guarda, a partir daí, certos traços básicos comuns, — diferenciando-se sobretudo no que toca à propensão temporal, um mais engajado na representação discursiva do presente e outro do passado — na medida em que presa por atributos semelhantes requeridos dentro de uma certa tendência científica do campo da história, e assim a polarização entre as duas áreas, jornalismo e literatura, estaria dada novamente por uma mesma força concatenada. Assim, um impulso natural, que prevalece atualmente, poderia colocar de um lado a função jornalística, que se utiliza da linguagem como meio, procura objetividade, e reivindica a representação tal e qual dos fatos; e, de outro, a prática literária que, em princípio, tem a linguagem como fim; a objetividade atravessada pela subjetividade e o uso amplificado do fictício. No entanto, se pensarmos mais a fundo a relação interdependente entre jornalismo e literatura veremos que na prática tal oposição pode gerar discussão similar ao que vimos até então com a explanação dos outros binômios, de sorte que o que se intenta é reequilibrar as duas forças de atuação, pois entende-se que a relevância do jornalismo na virada do século foi fundamental para a constituição e afirmação da literatura brasileira.

As particularidades do processo de modernização da América Latina do final do século XIX foram, indubitavelmente, muito discrepantes das que se seguiram na Europa. Por tal, a figura do intelectual-escritor, agora munido pela garantia econômica proveniente dos periódicos, já distintos daqueles dos tempos de Monarquia — a Europa engendrou outras instituições estimuladoras nesse sentido para além do jornal — surge de modo igualmente distinto em meio às mudanças velozes da modernidade. Além do vínculo “empregatício” que estabelece, profissionalizando a escrita, é este o suporte que abre espaço para que escritores encontrem público leitor (ainda que em formação e premido de práticas de leitura corriqueiras) e, principalmente, desaguem suas orientações literárias, propiciando considerável grau de presença da literatura na sociedade, o que explica, inclusive, seu caráter heterogêneo:

Pero más importante aún, hemos querido indicar la fragilidad de las bases institucionales del campo literario finisecular. Fragilidad que obliga a la literatura (no sólo el literato) a depender de instituciones externas para consolidar y legitimar un espacio en la sociedad. Lo cual nos lleva, nuevamente, a la heterogeneidad de la literatura latinoamericana, particularmente en el fin de siglo. (RAMOS, 1989, p.91).

No Brasil, como é sabido, o jornalismo em conciliação com a literatura deu lugar a José de Alencar e Manuel Antônio de Almeida, por exemplo, e, desse modo, auxiliou na formação e disseminação do romance brasileiro. Posteriormente, escritores como Machado de Assis, Olavo Bilac, Lima Barreto e João do Rio, para ficar apenas nos mais notórios do período, puderam por meio desse novo suporte garantir subsistência, por um lado, além de elaborar e dar vazão à escrita criativa (sobretudo por meio de crônicas, herdeira do folhetim), por outro. É preciso registrar, todavia, que a imprensa da segunda metade do século XIX, bem como a história, também foi alvo do incisivo cientificismo e, em vista disso, reivindicou para si a capacidade de mapear e organizar, munido da verdade incontestável, os acontecimentos e fatos da realidade presente, visão dominante nos dias atuais. O resultado é certo acanhamento da disposição literária no jornal, muito embora a presença da literatura e escritores em suas redações não tenham, ainda assim, perdido lugar relevante. Exatamente neste momento de recrudescimento do noticioso — influenciado especialmente pela linha americana de jornalismo (industrial-empresarial) em oposição à linha francesa, mais beletrista — e presunção da representação fidedigna do acontecimento é que se consolida, nas bases do jornalismo moderno, figuras, também modernas, como o cronista e o repórter.

A crônica, dado seu laço consanguíneo com o folhetim, mantém naturalmente a comunhão entre jornalismo e literatura, com desenvoltura e liberdade mesmo em seu ímpeto mais noticioso, firmando um pacto menos rígido com o leitor no que tange à correspondência entre realidade e ficção, embora seja vista ainda hoje como gênero secundário dentro da trajetória literária brasileira. Por este gênero conseguimos entrever a penetração da imaginação literária no ambiente inflexível do jornal de modo mais claro. Talvez seja por sua condição híbrida e liberta, resultante da otimização do jornalismo moderno, que tenha conquistado o posto de “gênero propriamente literário”

se aproximando até mesmo de “certas modalidades da épica e às vezes também da lírica (...)” (ARRIGUCCI JR, 1987, p. 53)

A reportagem, por sua vez, exige explanação mais detida, pois sua relação com a literatura não é tão evidente. Esta surge, portanto, carregando a veste da informação (atualizando o leitor burguês sedento por novidades) e, de modo mais assertivo, descende da notícia e dela não se aparta. Contudo, a despeito das aparências, este gênero, bem como a crônica, não protege a objetividade das investidas subjetivas daqueles que dela fazem uso. Se o argumento que intenta sustentar a possibilidade de representar a realidade objetivamente advém do álbi inconteste de que a notícia foi vista por aquele que conta, e, portanto, se faz verdade, podemos inferir que é justamente este mesmo caráter — uma vez que a pessoalidade no fazer jornalístico em geral incide sobre discurso narrado, transbordando-se inevitavelmente (ROSSI, 2006, p. 10) — que faz com que a objetividade sofra abalos²⁹. Daí sugerirmos que desse curto-circuito abrese caminho para o literário:

É o que permite circunscrever a reportagem na viabilidade da realização de um estilo, ou seja, de uma forma verbal que comporta a marca da individualidade. [...]. Na dilatação do evento noticioso, a reportagem pode estender-se como uma realização descritiva, na composição astuciosa de um personagem ou na coloração de um cenário. Ou desdobrar-se plenamente na narratividade, em que estão implicados personagens em processo de mudança de estado. É desse modo que ela ensaia alguma proximidade com realizações da prosa de ficção ou transporta marcar da própria literariedade. (BULHÕES, 2007, P. 45)

Assim sendo, há também na atividade jornalística certa utilização de recursos literários, de que defende White acerca da historiografia, para compor e organizar a realidade, ao passo que permite concessões abertas entre o discurso jornalístico e o literário, semelhante ao que observa Ricoeur seja também na realização historiográfica ou literária. Dois bons exemplos de escritores que se utilizaram mais deliberada e pioneiramente de tais procedimentos no Brasil são Euclides da Cunha e João do Rio.

²⁹ Importante texto que discute a busca de objetividade no jornalismo é o de Luiz Amaral intitulado *A objetividade jornalística*. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1996.

O primeiro, menos estudado pelo viés literário jornalístico³⁰, visto mais sob o olhar necessário e importante das convergências entre realidade e ficção, ciência e arte ou história e literatura mais precisamente, cobriu como repórter, a serviço do jornal *O Estado de São Paulo*, parte do conflito de Canudos, publicando, então, sua obra monumental *Os Sertões*. A presença do escritor no campo de batalha é circunstância fundamental para que se manifeste suas sensibilidades pessoais e conclusões particulares e delas, em algum grau, derivem suas investidas estéticas, em paralelo com suas orientações teóricas mais duras. Em outras palavras, a condição de repórter nos parece crucial, pois dá permissão para que o olhar arguto do escritor-observador se manifeste, e do qual, por extensão e escolha consciente, emane a literatura como ferramenta privilegiada.

João do Rio, pseudônimo de Paulo Barreto, por seu lado, não precisou sair de sua cidade de origem para relatar aquilo que poucos da classe dominante viam. Sua atitude de peregrinar pelos recônditos das ruas do Rio de Janeiro da *Belle Époque* foi suficiente para retirar matéria literária e jornalística. A intersecção entre as duas esferas realizada pelo escritor responde mais firmemente ao contexto da imprensa da época, a qual sofria mudanças em direção à indústria da informação, e, assim, propunha simultaneamente ao leitor ávido pelo novo (e pelo sensacionalismo da notícia) o que era requerido sem, no entanto, usurpar a literatura totalmente desse processo: “[...] facultando trabalho aos intelectuais, aos escritores, os jornais lhes pediam menos colaborações literárias [...] do que reportagem, noticiário, tarimba de redação. Foi ao que se amoldou logo um João do Rio, fazendo da reportagem um gênero literário e vindo assim servir simultaneamente ao jornalismo e à literatura.” (BROCA, 2005, p.288). Desse modo, ambos os escritores atuavam abertamente no limite da realidade (suposta) e da ficção, assumindo a linguagem e o discurso literários, mesclado ao informativo e jornalístico, propiciado pela atividade de repórter em contato flagrante com os sinais e caminhos inaugurados pela modernização impenitente pela qual passava o país. Segundo Olavo Bilac na crônica “Almas penadas”, de 1902, “No fundo da alma de todo repórter há sempre um poeta...”.

³⁰ Vale registrar dois importantes trabalhos que levam em conta a vertente jornalística do escritor: AVIGUI, Carlos Marcos. *Euclides da Cunha jornalista*. São Paulo, 1987. 502p. Tese (doutorado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo e REBECHI JR. Arlindo. *A caminho dos sertões: o processo e a técnica de Euclides da Cunha na composição dos textos publicados em O Estado de S. Paulo durante a guerra de Canudos (1897)*. São Paulo, 2004. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

Do ponto de vista da dicção textual especificamente há de modo incontornável entre jornalismo e literatura uma série de empréstimos e compartilhamentos os mais variados, sendo uma credora da outra. Não poderia ser diferente, conquanto, por mais exigente e restritiva que fosse a imprensa a partir do século XX, exigindo uma linguagem submissa ao factual, os novos jornalistas eram, em sua grande maioria, os velhos escritores e vice-versa. Sendo assim, aquilo que seria potencialmente antiestético, advindo sobretudo da linguagem pragmática da qual o jornalismo se fiava, tornava-se também incorporada esteticamente pela literatura (LIMA, 1993, pp. 135-138). A contribuição do literário no jornalístico, visto em grande escala nas crônicas e reportagens, era igualmente perceptível no seu sentido oposto, isto é, o jornalístico no literário. A ascensão do romance policial (mais próximo da crônica noticiosa e sensacionalista); ou mesmo livros que absorvem tendência jornalística e certa prevalência (ainda que engenhosamente fictícia) do documental, rente à verossimilhança e dotada de referencial imediato, como uma grande crônica de costumes, – pensemos *Madame Pommery* (1919) de Hilário Tácito, pseudônimo de Toledo Malta –, são exemplos desse perfil na produção em prosa da época.

Logo, quer no jornal ou no livro, o qual propõe outra prática de leitura, mais adjacente à literatura por quebrar a efemeridade tão cara ao texto jornalístico, temos, na interface complexa entre as duas áreas, jornalismo e literatura, motivos para pensarmos no binômio realidade-ficção e revisitar o processo de autonomização de cada um dos domínios e suas performances conjugadas a fim de reavaliar a atividade intelectual do período.

À revelia do que se possa supor, nem todos os escritores da época mantiveram relação profícua com o jornalismo, mesmo que pudessem tirar sustento desta prática e que ela tenha, decerto, alavancado a escrita literária no Brasil. No livro *O momento literário*, de João do Rio, publicado em 1905, indispensável registro sobre o tema, pode-se notar a cisão que há entre os escritores acerca do assunto: uns mais afeitos à prática jornalística e outros bem arredios. Paradoxalmente, Domingos Alexandre, ou melhor, Sylvio Floreal, foi daqueles que não viam com otimismo a iminente intersecção entre os dois âmbitos. A contradição (ou a justa compreensão) de seu discernimento consiste no fato de que o escritor passou por todos os estágios do fazer jornalístico, o que resultou, inclusive, em seu reconhecimento e promoção, desde as funções menos requisitadas pelos escritores até as mais distintas, como veremos adiante.

A começar pela sua formação enquanto leitor, Floreal, dada sua profissão de pedreiro, manteve contato íntimo com a Escola Noturna, sustentada pela Federação Operária de Santos³¹, da qual obtinham respaldo, principalmente, os trabalhadores ligados à construção civil. Ali, pôde ter contato com um ambiente regado de cultura livre e efervescência política, posto que prezavam pela formação intelectual de seus membros e freqüentadores, havendo no espaço uma biblioteca considerável e “salão de leitura com jornais de São Paulo, Rio de Janeiro, Buenos Aires, Barcelona, entre outros” (SCHAPOCHNIK, 2002, p. 12), bem como participar ativamente da produção de manifestos na posição de redator, por exemplo, firmando, não só seus direcionamentos políticos, mas também suas primeiras letras na imprensa operária, muito provavelmente sob pseudônimos que não o mesmo usado em seu percurso literário, evidentemente.

Sua chegada à capital paulista, destino habitual entre os escritores de toda parte do Estado, foi turbulenta e cheia de percalços. Sem condições financeiras para manter-se, sem lugar, inclusive, para morar, dormindo na rua ou de favor, o incentivo dos amigos, escritores igualmente recém-chegados à metrópole, em geral para estudar Direito no Largo São Francisco, foi incisivo no sentido de convencê-lo, não sem muito esforço, a ingressar na seara jornalística principalmente como forma de subsistência. O relato do amigo de longa data, o escritor e conterrâneo santista, Ribeiro Couto, publicado em outubro de 1928, após a morte de Floreal, na revista carioca *Ilustração Brasileira*, é talvez o principal documento sobre autor, por revelar passagens muito importantes de sua vida em cotejo com a produção literária da época, e a relação tensa que mantinha com o jornalismo de então, sob a ótica de quem acompanhou de perto sua difícil trajetória:

³¹ “Em 1907, uma assembleia geral funda a Federação Operária Local de Santos (FOLS) composta de sindicatos de operários da construção, como pedreiros, pintores, carpinteiros e funileiros, além de carregadores de café e de tecelões, seguindo a linha das Federações Operárias existentes em São Paulo e Rio de Janeiro. A Fols, ligada ao anarco-sindicalismo, e a Internacional, independente, embora divergente entre si, conseguem articular-se em lutas concretas, como nas diferentes greves que irrompem no período. Em 1909, a comemoração do Primeiro de Maio foi unificada, reunindo trabalhadores organizados das duas sociedades. A violenta repressão que acontece neste ano significou a suspensão das atividades e o fechamento das sedes de ambas entidades. A Internacional nunca mais se reorganizaria, enquanto a FOLS voltaria a funcionar em 1910, começando a publicar o jornal *Aurora Social*” (GONÇALVES, 1995, p. 45). Em crônica sobre o autor, o amigo e escritor Afonso Schmidt refere-se a Sylvio Floreal deixando entrever que por volta de 1910 recebia pessoalmente por ele exemplares de um jornal da Federação (“Sylvio Floreal”. In: *A Tribuna*, Santos, 26 de janeiro de 1939). O texto foi reproduzido integralmente no site do Jornal Eletrônico Novo Milênio disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/cultura/cult043.htm>. Por uma aproximação de datas, podemos sugerir que se trata do periódico operário *Aurora Social* e que, talvez, este já contasse com a colaboração de Floreal em sua redação.

Paulo Gonçalves, Albertino Moreira e eu embarafustamos, enfim, pelas revisões dos jornais. Ganhávamos. E, por isso, queríamos meter à força o autor da “Tortura da Glória”³² (...) naquele caminho um tanto ingrato de cavar o pão. Não havia outro. Paulo Gonçalves queria meter Sylvio Floreal no “Jornal do Comércio”. Em breve, porém, o protetor se viu em dificuldades. Afirmava que o suplente era um gênio, um indivíduo extraordinário, mas o gênio não sabia se *cebolla*³³ era com dois ll ou com um l só. O gênio, por sua vez, perante as médias reconfortantes das quatro da manhã, findo o serviço no Café Acadêmico, nos esmagava com exclamações:

— Eu não dou para isso! Isso é burguês! Isso é para indivíduos que nascem com a canga no pescoço.

Tudo para ele que não fosse o círculo das suas admirações literárias (d’Annunzio à frente, como um preceptor de inspirações) era burguês.

Por meu lado procurei obter para Sylvio Floreal, tempos depois, um lugar estável na revisão do “Correio Paulistano”, edição da noite. Garanti ao secretário Antonio Fonseca que se tratava de um escritor notável, autor de “Tortura da Glória” livro que quando aparecesse seria um triunfo. Era um homem de gênio. O “Correio Paulistano”, pouco tempo depois, sentiu que o revisor não podia exercer o mister. E Antonio Fonseca, com sua boemia risonha, chamou-me à mesa para dizer-me baixinho (...): — Escute, eu não preciso de um gênio, preciso de um revisor...

Desanimado, senti que Sylvio Floreal estava perdido na imprensa.

As sucessivas tentativas de incorporar Sylvio Floreal à imprensa têm, a princípio, segundo o relato, duas orientações evidentes que culminaram na falta de adesão do escritor: uma é certa inclinação ideológica³⁴ e outra é o escasso conhecimento gramatical para ocupar o cargo. Acerca do primeiro caso, o qual não está totalmente desligado do segundo, foi determinante a experiência do autor em um tipo muito

³² Romance em processo de feitura neste momento, mas que, segundo conta o próprio Ribeiro Couto mais adiante neste mesmo depoimento, teria sido rasgado pelo escritor em um acesso de raiva.

³³ A grafia do relato está inteiramente atualizada, porém escrevia-se *cebola* com dois ll. Desse modo, optamos por manter a grafia da época neste caso específico com o intento de não desviar o sentido do depoimento.

³⁴ Mesmo em um contexto otimista em torno desse novo suporte, que permitia uma espécie de profissionalização dos escritores, possibilitando a subsistência por meio das letras, a sua adesão foi considerável, mas não unânime. Justificativas ideológicas de escritores que não adotaram tal prática é comum (DIMAS, 1983, p.50).

específico de prática jornalística, que também crescia vertiginosamente em São Paulo, e que merece ser observada como resultado da modernidade, uma vez que dá visibilidade e voz a uma classe trabalhadora que se constituía de modo específico e novo no país, qual seja, a imprensa operária. Vale destacar que, diferentemente das organizações trabalhistas da capital Rio de Janeiro, majoritariamente compostas por membros de nacionalidade brasileira e viés reformista³⁵, a cidade de Santos recebia em seu porto um grande contingente de espanhóis e italianos, entre outros³⁶, e, com eles, propostas de organização sindical mais próximas ao anarquismo. Esta experiência determinou, respondendo ao segundo caso, uma formação particular do escritor, calcada em um precário autodidatismo no que toca à escrita de prestígio, já que não teve oportunidade de frequentar instituições formais, diferentemente do que se observa em termos de acúmulo de capital cultural dos escritores mais bem adequados à historiografia literária oficial³⁷. Assim, a prática jornalística vivida por ele até então destoava da imprensa de cunho comercial que se fortalecia cada vez mais no seio da metrópole. Ou, ainda, divergia mais fortemente de sua indelével veia literária, como nos mostra Afonso Schmidt em crônica sobre o autor citada acima, antes mesmo de sua partida para São Paulo:

Por esse tempo, fundei um vespertino, com oficinas na Rua Martim Afonso e redação no Largo do Rosário. (...) Prometi-lhe um ordenado para fazer este serviço: passar o dia no escritório e atender ao "público" (...). Pois no dia seguinte Floreal recusou o emprego; não queria ser jornalista, pois, na sua opinião, escrever para o público desvirtua o artista, engrossa a sensibilidade, torna-o incapaz das belezas sutis do estilo...

Havia, portanto, segundo uma provável concepção de Floreal que podemos supor a partir do relato, uma barreira intransponível entre a linguagem jornalística e a literária, seja por privilegiar a visão de um público determinado, isto é, que neste suporte consome tudo de modo superficial, ou de um desnível entre os dois campos quanto à sensibilidade estética. Ademais, qualquer que fosse a atividade remunerada

³⁵ Configuração isolada meio à grande maioria anarco-sindicalista que atuava na Primeira República (SARTI, 1981, p. 85).

³⁶ Sobre a distribuição dos imigrantes de tendência anarquista no Brasil ver RODRIGUES, Edgar. "As raízes libertárias no Brasil". In: *Os libertários: ideias e experiências anárquicas*, 1988.

³⁷ Alguns dos escritores modernistas formados em direito: Oswald de Andrade, Alcântara Machado, Guilherme de Almeida, Cassiano Ricardo, Menotti del Picchia, Plínio Salgado, entre outros.

que insinuasse distância da literatura seria motivo de recusa imediata por parte de Floreal, como ocorreu, por exemplo, em seu trabalho nos Correios na capital: “Deram-lhe um pequeno emprego nos Correios, para que ao menos pudesse morar numa pensão de estudantes, mas em breve Sylvio Floreal deixou de comparecer ao serviço. Não suportava aquela humilhação quotidiana de assinar o ponto...”. Mas havia uma esperança, continua o relato do amigo, “Poderia ter trabalhado nos jornais, como é de regra entre os nossos literatos, mas a sua pena fina não estava aparada para a obra de carregação do noticiário; só aceitaria de cronista para cima.”. Com tal posicionamento inflexível, podemos dizer que o escritor já obtinha algum reconhecimento por colaborar em jornais enquanto cronista e em revistas como contista: “Voltando a Santos, durante a grande guerra, encontrei-o ainda mais aperfeiçoado (...). Já era literato, absolutamente literato. Tinha-se feito inteiramente por si próprio, a começar pelo nome; não devia nada a ninguém.”.

Se por um lado podemos atribuir a tal decisão uma motivação de extrema necessidade, já que carecia de recursos básicos à sobrevivência, por outro, tendo em mente seu rigoroso senso estético, talvez visse na crônica, diferentemente de outras funções jornalísticas, como a de revisor, por exemplo, uma brecha capaz de divulgar seus textos e concretizar suas ambições literárias simultaneamente. Não obstante, em sua áspera escalada rumo ao reconhecimento no meio literário, não se distanciou de atividades menos louvadas entre os escritores com poder econômico ou carreira estabelecida. Dentre elas, muito comum à época, a de vendedor de assinaturas de periódicos ou, segundo Brito Broca cunhou, classificando, aliás, o próprio Floreal, o termo “Literato ambulante” (1968, p. 178).

Apesar de frequentemente constatararmos a presença do escritor, mesmo durante a fase de dura adaptação à vida paulistana, em círculos de vivência intelectual do período, como cafés, salões, jantares acadêmicos, redações de jornais e principalmente, a boemia noturna, Sylvio Floreal foi uma figura marginal e que rara empatia despertou por onde passou. Este tipo de atividade, de “Literato Ambulante”, conflitava com o estabelecimento da imagem de escritor da qual Floreal já gozava por meio da contribuição literária em periódicos, posto que a venda de livros e posteriormente de periódicos por muito tempo foi feita por escravos ou pessoas de baixo estrato social no Brasil. Contudo, se havia algum sucesso nesta ascensão, tal não foi edificado de modo tão independente como relatou o amigo Schmidt: houve, sim, uma pessoa de suma influência na produção cultural da época à qual Floreal, e tantos outros escritores,

muitos deles igualmente esquecidos nos dias de hoje, se aproximou em recíproca relação, a saber, Monteiro Lobato. Sabe-se que Lobato era além de influente escritor um verdadeiro termômetro literário do período, apadrinhando, orientando e publicando (com a editora Monteiro Lobato & Cia e *Revista do Brasil*) projetos literários de escritores distintos. Em carta escrita em papel timbrado da *Revista do Brasil*,³⁸ destinada a Lobato em 1919, muito provavelmente escrita por Lourenço Filho, que atuava no corrente ano como diretor, acerca dos negócios do periódico, podemos identificar o impasse entre o trabalho ambulante e o baixo desempenho de Floreal, ao que este teria justificado da seguinte forma: “Não! Não me abaixo a tanto! Lá fora, sim, eu era um desconhecido... Mas aqui? Eu, um literato tão conhecido e aplaudido?..”. Em 1919, Floreal contava, então, com expressivo número de publicações (e conferências literárias ministradas em diversas partes do país) quer em revistas como *A Cigarra* e *Panoplia* ou periódicos de maior e menor projeção, como *Gazeta de Campinas* e *Gazeta*, jornal da capital.

Lobato parecia depositar confiança na trajetória de Floreal como escritor, uma vez que o defendia, diferentemente do caso de Lourenço. Alguns anos depois, publicaria o literato empreendedor uma crítica positiva referente ao primeiro livro de Sylvio Floreal, lançado em 1922, que, a essa altura, já assumia com propriedade a posição de cronista, compilando contos e crônicas, anteriormente publicados em diversos suportes, na obra intitulada *Atitudes*. A crítica elogiosa de Lobato sobre o livro do estreante carrega uma carga de importância fundamental para ambos na medida em que produz uma espécie de propaganda do escritor, com o qual mantinha contatos de trabalho e afinidades literárias, pois faziam parte do mesmo círculo estreito de intelectuais à procura de público leitor — e que poderia, inclusive, embora não tenha sido o caso, fazer parte dos inúmeros autores que tiveram suas obras publicadas pela Monteiro Lobato & Cia, ajudando também, pelo reconhecimento do cronista, nas vendas da editora — ao passo que permite reconhecer, desse modo, o quanto Lobato mediava as produções literárias da época.³⁹

³⁸ Só restou para consulta a segunda parte da carta, que pode ser consultada no Acervo da Biblioteca Infante-Juvenil Monteiro Lobato, São Paulo, SP. Ambos foram retirados do lúcido trabalho de Bignotto, Cilza Carla “O Caso Sylvio Floreal”. In *Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)*. Tese (Doutorado) apresentada ao Curso de Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) sob orientação da Prof.^a Dr.^a Marisa Philbert Lajolo.

³⁹ Além do mais, entre os textos publicados em *Atitudes*, encontram-se críticas positivas sobre escritores como Valdomiro da Silveira e Paulo Setúbal, ambos publicados pela editora de Lobato, além de texto

Voltando à visão de Floreal em torno da produção jornalística, por mais adequado que o escritor estivesse ao ambiente de redação e sua tendência industrial, é notável na crônica “Um grito no deserto”, publicada em seu primeiro livro, a permanência do espírito crítico de suas reflexões, reivindicando com indignação angustiante um “jornalismo independente” em oposição à “imprensa assalariada” (1922, pp. 156-157), lê-se empresarial, a mesma que lhe deu visibilidade. No prefácio do livro, mesmo que majoritariamente composto por uma coletânea de crônicas de jornais, faz um alerta que destoa da pragmática visão jornalística, uma vez que destitui o valor de verdade e privilegia a forma ficcional e, especialmente, a subjetividade de quem escreve: “Os livros valem pela quantidade de sensações que, ao acaso das suas páginas, foram disseminadas pelo seu autor, não com o propósito adrede de serem sinceras e verdadeiras, mas sim, como um reflexo fiel da personalidade daquele que as trabalhou, sentiu e humanizou, no fundo agitado da emotividade, e depois externou-as brutalmente da zona sensorial, horrorosas e belas, agradáveis e desagradáveis, mas clamorosamente livres!”. A mudança de suporte por si só é suficiente para provocar câmbios significativos na recepção do texto⁴⁰. No romance *A Coragem de Amar* nota-se, paralelamente, críticas profundas à imprensa brasileira, sobretudo acerca de sua conveniência com a elite política e econômica por troca de favores, a partir do personagem que corresponde ao diretor “inculto” do *Jornal da Manhã*: “No Automóvel Club, no meio dos ricos e novos-ricos, ele completaria a carreira começada no jornal”. (p.87).

Importante registrar também, a exemplo do que fazia João do Rio e Benjamin Costallat⁴¹, na capital da República, com grande êxito editorial, a reunião em livro de 1925, intitulado *Ronda da Meia Noite*, de crônicas-reportagens anteriormente publicadas por encomenda no jornal *Gazeta*. A natural disposição de *flâneur*, já evidenciada em algumas crônicas de *Atitudes*, ganha relevo, agora, em seu equivalente

destinado ao próprio. Esta prática ajuda a mapear as estratégias de divulgação mútua entre os escritores em um contexto de escasso público leitor e sede pela solidificação da carreira nas letras. A procura por alguma notoriedade é também vista em um encontro fortuito de Sylvio Floreal e Brito Broca, descrito em suas memórias. Depois do crítico iniciante dizer que lia um dos romances do escritor, este teria dito “Pois então escreva sobre ele. Escreva. Pode escrever o que quiser, critica-lo à vontade, uma vez que não me faça insultos pessoais. Insulto pessoal não é crítica...” (BROCA, 1978, 179)

⁴⁰“Nessa mudança de suporte [do jornal para o livro], que implica a mudança de atitude do consumidor, a crônica sai lucrando. As possibilidades de leitura crítica se tornam mais amplas, a riqueza do texto, agora liberto de certas referencialidades, atua com maior liberdade sobre o leitor — que passa a ver novas possibilidades interpretativas a partir de cada releitura” (SÁ, 1985, pp. 85-86).

⁴¹ *A alma encantadora das ruas* (1908) e *Mistérios do Rio* (1924), respectivamente.

jornalístico, sob o nome de repórter: ambos fundidos encontram, na aleatoriedade das ruas, sob o crivo da subjetividade errante, o catalisador da escrita na modernidade. Igualmente relevante no livro, além disso, é propriamente a escrita particular desempenhada por Floreal. Na esteira de Marcelo Bulhões, um dos poucos a escrever não só sobre Floreal, mas sobre uma parcela do que chamou de “repórter-*flâneur*”, vemos a engenhosidade de suas narrativas que, embora cumprisse certa demanda do público leitor de jornal com excentricidades sobre a metrópole, a qual conhecia como a palma da mão, não deixa de fazer literatura, rompendo com uma visão unilateral, presa unicamente ao factual.

Há na verdade (...) vertentes variadas que deságuam na prosa de Sylvio Floreal: o melodrama, o folhetim, o romance naturalista, o romance de costumes, *o fait-divers*. É claro que tudo isso convive pacificamente com traços tipicamente jornalísticos, como a prevalência do registro documental e, algumas vezes, o efeito da precisão informativa. (BULHÕES, 2005, pp. 114-115)

Sua última incursão pelos jornais, após contribuir, ainda na capital, no *Correio Paulistano*, não foi em São Paulo: mudou-se para o Mato Grosso com a missão de escrever para um vespertino local. Algum tempo depois, como fruto do trabalho jornalístico, sai o livro *O Brasil Trágico*, a respeito do interior do Estado, com grande apuro estético e bem recebido pela crítica. Mas antes mesmo da sua publicação, Floreal falece em um quarto de pensão em São Paulo. Antes da publicação em livro, os textos foram divulgados em jornais ou em forma de crônica ou como transcrições de conferências acerca do que vinha escrevendo. Ser conferencista⁴², ao lado da atividade jornalística, também servia como renda complementar ao escritor bem como uma ferramenta de divulgação e autopromoção instantânea, pois os anúncios de conferências eram comumente divulgados pela imprensa. Apesar de certa assimilação positiva do livro por parte da crítica, sua morte prejudica a distribuição: tal trabalho era feito de modo associado com os próprios escritores, fator que, dentre outros, contribuiu para carimbar seu esquecimento.

⁴² Atividade frequente entre os literatos brasileiro da virada do século XIX para o XX, tornando-se uma “epidemia”, segundo Broca (2005, pp. 193-195).

Desprezando a propensão ficcional e subjetiva, muitos estudiosos, submissos ao seu campo específico de estudo, como alguns historiadores ou sociólogos, tomam a crônica, a reportagem e outros gêneros de mesma vertente como fonte de verdade, seja compilações em livros ou não, sem, antes, atenuar e contextualizar a escrita sob a influência da literatura, tão intrínseca ao jornal. Nota-se pela explanação da trajetória de Floreal nos jornais que sua intenção, assim como a de tantos outros, sempre foi despontar-se como literato, o que o fez se utilizar, após muita resistência, da notoriedade jornalística para promover seu nome e escritos, geralmente reunidos em livros posteriormente, ou mesmo como forma de angariar alguma fonte de renda, tendência de muitos do período. Com efeito, por mais que, com o tempo, Floreal tenha se reconhecido enquanto jornalista, nunca abriu mão de seu refinamento estético aliado a balizas ficcionais em seus textos para jornais, prioridades de quem lutava por espaço no meio literário, pois “Vivia sempre engolfado na ideia de produzir, produzir muito, livros aos quilos para o alimento diário dos gulosos da literatura.”⁴³.

⁴³ Publicação do jornal *Folha da Noite*, na primeira página, em 26 de setembro de 1928, assinada por Manoel Victor.

PARTE II
ANTOLOGIA

Nota editorial

Diante da falta de estudos adequados sobre a literatura produzida no período que atravessa principalmente os anos da Primeira República e seus discursos em torno da modernidade — usualmente abordados de maneira a anular procedimentos dialéticos em detrimento de fundamentações polarizadas, não contribuindo de modo satisfatório à dinâmica fragmentada e complexa do momento, legitimando, por sua vez, o apagamento de traços culturais importantes⁴⁴ — a elaboração da antologia e a recuperação da figura de Sylvio Floreal tornam-se oportunas na medida em que, ao colocar em evidência um material variado e obscurecido pelo tempo, revisa os caminhos e possibilidades da historiografia literária e, mais amplamente, histórica. Nessa direção, pretende-se promover uma dilatação do *corpus* literário do período, carente de estudos mais detidos, e trazer novos questionamentos para discussões no âmbito da literatura moderna no Brasil, tendo sempre em mente que se faz necessário um “tratamento filológico adequado, capaz de oferecer o texto à crítica literária. As fontes históricas não estão completamente levantadas [...]” (TELES, 1985, p. 27). Assim, a antologia, tal como a trajetória literária e biográfica do autor, almeja a divulgação de um objeto de estudo inacessível na atualidade, permitindo com que seu aclaramento sirva de material pertinente a diferentes recortes analíticos de diversos campos das humanidades.

O critério de escolha das obras que compõem a antologia, portanto, fundamenta-se em uma tentativa de expor as características centrais da escrita de Floreal, gerando uma visão de conjunto, como forma de localizá-lo criticamente no bojo da conjuntura social e intelectual do período regido pelas representações do que se concebia como moderno. Nessa direção, iniciou-se a elaboração de uma antologia acompanhada por reflexões que evidenciem o percurso essencialmente heterogêneo da escrita literária de Floreal junto ao quadro social da época, o qual agrupava de modo semelhante tendências discursivas discrepantes e complementares associadamente.

Este trabalho é uma tentativa de formulação de uma antologia que dê conta de atualizar a grafia do autor, conforme as exigências legislativas atuais, sem que, dentro do possível, sejam apagadas as características de sua escrita. Nesta instância, optou-se pela edição cronológica de um material disperso de textos em prosa publicados tanto em livros quanto em suportes diversos, tais como revistas e jornais.

⁴⁴ Ver o livro *Morte e Progresso: Cultura Brasileira como apagamento de rastros*.

Infere-se que o seguinte trabalho possa servir como base para uma revisão da literatura do período de maneira abrangente. Para tanto, foi preciso efetuar um trabalho filológico com levantamento de informações em acervos históricos e bibliotecas. Foram encontrados diversos materiais sobre o autor; entre crônicas, contos, romances, entrevistas, fotos e textos variados sobre notícias de publicação, vida e morte do escritor. Dentre os locais consultados estão os seguintes:

- Arquivo Astrojildo Pereira, do Centro de Documentação e Memória – UNESP
- Arquivo Histórico Municipal de São Paulo
- Arquivo Mário de Andrade – Instituto de Estudos Brasileiros - USP
- Arquivo Público do Estado de São Paulo
- Biblioteca da Academia Paulista de Letras
- Biblioteca da Academia Santista de Letras
- Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin - USP
- Bibliotecas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP
- Biblioteca Municipal Mário de Andrade
- Acervo do Centro de Apoio à Pesquisa em História “Sérgio Buarque de Hollanda”
- Hemeroteca Municipal de Santos
- Hemeroteca Virtual da Biblioteca Nacional
- Instituto Histórico e Geográfico de Santos

Já no âmbito das resoluções específicas da edição, considerando fundamentos ecdóticos apropriados, foram elaboradas notas de rodapé a fim de elucidar tanto aspectos de interpretação, contexto e intertextualidade, quanto de esclarecimento de possíveis obstáculos de leitura. A edição previu, inclusive, sanar problemas por conjecturas, tais como: erro de impressão, equívocos tipológicos, deterioração de material, entre outros.

A edição dos textos retirados do livro *Atitudes* (1922) em particular teve um procedimento próximo do que se chamou de *edição modernizada*, diferenciando-se, contudo, da *edição crítica*, comumente compreendidas como sinônimos quando se trata de edição de textos literários. A *edição crítica* não faz sentido neste caso, visto que o resultado desta deriva da colação (*collatio*) entre edições, algo que não pode ocorrer, já que o livro *Atitudes* não possui reedições a serem cotejadas: o trabalho foi concebido a partir de sua edição principal, única existente. Importante sublinhar que alguns textos

que compõem o livro não foram cotejados com versões encontradas em publicações anteriores, embora tenham sido levadas em conta as datas destas como modo de expor a trajetória literária do autor. Após análise de cada um dos textos, decidimos manter a última versão em vida, publicada em *Atitudes*, por estarem revisados provavelmente pelo autor⁴⁵. Ainda que a edição modernizada possibilite uniformizações no que tange à pontuação, tal procedimento não será realizado, sob pena de interferir inadequadamente no *usus scribendi* do autor. Outras restrições quanto à atualização de escrita, quando necessário, foram indicadas e justificadas no decorrer da antologia.

O livro *Ronda da Meia-Noite* (1925) e *O Brasil Trágico. Impressões, visões e mistérios do Mato-Grosso* (1928), por sua vez, tiveram como texto base suas primeiras edições. Mesmo no caso do primeiro, que contou com duas edições recentes (2002 e 2003), decidiu-se, ainda assim, manter a publicação de 1925 como texto de referência para esta edição. Quanto aos textos dispersos encontrados somente em periódicos, utilizou-se a única versão obtida. Contudo, vale explicitar a especificidade do conto “O Pai”, publicado em 1926 no periódico *A violeta* (MT). Versões do texto aqui editado foram encontradas em publicações anteriores⁴⁶, as quais não serão cotejadas — a não ser para trazer à tona questões relevantes tanto do ponto de vista criativo de Floreal, lembrando uma espécie de *crítica genética*, quanto para levantamento de informações diversas acerca da trajetória do texto. Além disso, como forma de identificar convicções literárias e estéticas do escritor, textos críticos de sua autoria também foram levados em conta, “Di Cavalcanti, o bruxo do Lápis” (1919), “Os Caboclos” (1921), “A Deliciosa Perversidade de Lobato” (1922) e “Alma Cabocla” (1922), bem como uma entrevista cedida ao jornal paulista *A Gazeta*, “O aleijão da avenida” (1922).

Assim, a antologia está estruturada com base nos seguintes itens: *Sumário*, contendo os títulos de cada parte da antologia; *Apresentação*, subdividida em tópicos que situam a vida e a obra de Sylvio Floreal de maneira geral, as discussões e análises derivadas dos materiais diversos encontrados; *Antologia*, composta por textos selecionados, seguidos de notas de rodapé explicativas; *Referências bibliográficas*, que

⁴⁵ Dentre os textos encontrados estão os contos publicados na revista *A Cigarra*, “Noctambulismo” (abril de 1918) e “Estética do silêncio” (maio de 1918), publicado no livro como “A força do silêncio”; “Solilóquio outonal” (junho de 1919); “Salomão” (julho de 1919) e “O amante do fogo” (novembro de 1920). Dois textos encontrados na revista *Panoplia*, “Gestação das formas” e “Jornada de purificação”, ambos publicados em 1918. E um publicado na revista *A Novella Semanal* sob o título de “Cristo” (julho de 1921), publicado no livro como “O filho de ninguém”.

⁴⁶ Anexo [D-1] e [D-2].

agrupa todo o material consultado; *Anexos*, contendo alguns fac-símiles encontrados durante o trabalho de levantamento de material.

Lista de abreviaturas utilizadas**Livros**

A – Atitudes

BT – Brasil Trágico

Periódicos

AC – A Cigarra

ACZ – A Cruz

AG – A Gazeta

P – Panoplia

NV – A Novella Semanal

ANO DE 1918**Minha imagem longínqua...**

Hoje, não podendo mais suportar a suave e pungente tortura da saudade, fui, como beneditino que, na penumbra da sua cela, adora fervorosamente o santo escolhido para as suas íntimas devoções, ler, no silêncio do jardim, à sombra daquela mesma árvore que guarda, na esperança das suas folhas, todo o verdor do nosso afeto — a tua última carta.

A tua alma, por certo, sentia o êxtase profundo e emotivo com que o amor — dádiva celestial — inebria, nesses instantes, as almas como a tua.

A tristeza do ambiente que me envolvia, conjugando-se com a ternura da tua carta, evocava-me a tua sonhadora figura. Oh! Tu não podes imaginar quantos suspiros ansiosos subiram ao céu, confundidos com os meus, vindos da alma de todas as coisas que assistiram, serenas, ao desabrochar do nosso idílio! Lá, aonde eu ia, todas as tardes, na comunhão das rosas, do silêncio e das águas, receber a hóstia luminosa do teu beijo, lá ainda perduram a sombra da tua graça, o ritmo dos teus passos, a aura da tua beleza, e todas as coisas, por isso, quando me vêm, comunicam-me ao coração restos da harmonia da tua voz, que guardaram avaramente... E eu, enlevado, ouço o teu nome sonoro proferido pela boca invisível das coisas circunstantes. Ah! Só então me acudiu à memória que duas almas, impelidas por uma força misteriosa, caminham uma para a outra como dois perfumes diferentes que vão noivar numa mesma corola, e que o lugar que assiste a esse ato se diviniza... Ah! Fosse dado ao que ama perpetuar todos os momentos excelsos de su'alma, e eu arrancaria, por certo, a tua imagem do meu coração, para, à luz branda de um crepúsculo outonal, que desce como uma eucaristia de púrpura sobre o jardim silente, colocá-la sobre a mais alta das árvores que te ouviram!...

A distância que nos separa mais revigora o nosso afeto.

Nas noites em que nem a imponderabilidade do silêncio consegue penetrar no meu ser, desolado, como um viajor perdido que tentasse decifrar o enigma de uma encruzilhada, interrogo, na expectativa de que de ti me venha uma boa nova, — a estrela que no céu mais brilho expande.

Quando, nas minhas solitudes, penso em ti, ateia-se em meu peito a chama de uma esperança nova. És a minha Ânsia que se fez Mulher, o meu sonho de artista

animado e tangível. Esse teu sorriso que Da Vinci immortalizou nos lábios da sua inatingível Gioconda, esse teu olhar que é o mesmo que Rafael furtava à sua Fornarina para as santas, sinto-os, qual mensagem longínqua da tua beleza, pousarem sobre mim nas horas de mesto solilóquio e, como um bálsamo diáfano, acariciarem-me interiormente.

Todos os pensamentos bons, que em meu cérebro se anicham, não são meus: és tu que, transfigurada em prece, mos envias como um ex-voto de candura. Meu triste coração de sonhador, que fechado esteve durante toda uma longa e dolorosa estação invernal, abre-se agora, festivo, para receber a primavera exultante do teu amor.

No fundo escuro das minhas cogitações, passas, branca e suave, como um floco de arminho perdido, adejando numa penumbra, levado pela brisa... Nas horas de angústia, quando a realidade pesada e indistinta, tentando encarcerar-me, levanta, em torno de mim, uma muralha de tédio, a minha alma, de joelhos, implora ardentemente a proteção da tua: quedo, então, estático e deslumbrado, ante a docilidade solícita do teu socorro! E, num amplexo veemente, efusivo, as nossas almas, triunfando sobre os instintos comuns que escravizam a matéria, alam-se, em hosanas de júbilo, para as esferas radiantes, onde a dulia dos anjos, em louvor ao nosso glorioso esponsalício, se transforma num epitalâmio de luz!

[Publicado em 16 de abril de 1918 no número 89 da revista *A Cigarra*]

Noctambulismo

A noite, que para os nervos da maioria da gente é um clorofórmio, constitui para os meus, um tanto gastos já pela clave das emoções, uma cafeína estonteante, que os elástica de tal modo que até sinto pruridos estranhos em todo o enxadrezamento labiríntico das fibras mais remotas do meu sistema vital.

Tenho pela noite um culto profundamente religioso, tanto assim que às vezes, absorto num autoexame de introspecção, chego a me convencer de que essa idolatria, confirmando um fenômeno de atavismo, seja talvez herdada de um Mago errante ou de uma Pitonisa anônima, que se perderam na penumbra longínqua da noite de minha gênese.

O seu poder edgardpoesco atua sobre mim com todo o despotismo da sua sugestão!

Empolgam-se as suas trágicas criações de funambúlica espectralidade; fascinam-me os serenos idílios obscuros, que sob a sua colcha feita de todos os pecados encontram refúgio e proteção.

A noite é a confidente eleita de todas as almas emocionais; com a mesma solicitude com que sigila um segredo, comete uma dilação!

Os que a buscam por uma refinada estesia, recebem a dádiva do seu ósculo; os que a procuram por um requinte de vícios *snoobs*, recebem a sua vingança e o seu desprezo.

Todos os que tiveram por assistente, na noite em que encetaram o seu Destino, ao lado do seu berço, Apolo, o embaixador dos Deuses na Terra, são seres predestinados que sobre o delubro alvar da rotina ambiente imolam em holocausto às suas sagradas emoções o bezerro estúpido do convencionalismo. Esses buscam a noite contritos, cômicos de que ela lhe guardará impassível, na sua esfingética taciturnidade, todos os segredos aflorados do arcano iluminado das suas almas.

A noite é um poema elegíaco feito de lausperenes dolentes e nênias saudades...

Em sua sombra amiga, erram silenciosos os vultos de todos os que em vida lhe consagraram uma prece fervorosa.

Sabe as agonias das almas que se torturaram para arrancar dos sarçais do sonho uma beleza inédita...

Guarda, com avarícia fanática, a incontínência extática de Santa Tereza, a revolta surda contra o destino de Beethoven, os desfalecimentos dessa alma de

*miserere*⁴⁷ que foi a de Chopin, e as mágoas delicadas de Antonio Nobre⁴⁸, o derradeiro cisne da melancolia que nos seus jardins do silêncio labializou o último canto da tristeza...

Noite! Alfobre místico onde desabrocham flores que dos astros são repositórios de aromas, aromas que para os fortes que trilham a senda azul da Quimera são o viático suave, e para os débeis que deslizam pelo meandro do fosco do desalento — a extrema-
unção!...

A noite trescala um esquisito e amavioso perfume de mistério, que ressuscita nas almas visionárias ânsias incoercíveis de noctambúlico nomadismo.

Unge interiormente todos os que com ela têm afinidades, de um silêncio tão suave e harmonioso que lembra lascivas carícias de luz, feitas por hieráticos dedos de alabastro, que se houvessem velutinizado em essências de violetas...

Outras vezes, sugere visões de abracadabra que desfilam siflando em magnéticas farândolas de curveteios pelo fundo da retina, como corpos imprecisos de contornos esfumados, deixando-nos nos nervos o ressaibo mole e pungente de frêmitos frufrolejantes de volúpia, e no cérebro a impressão confusa de quem acorda após a leitura de um conto cujos personagens fantasmagóricos rodopiassem musicalmente emburelados em clamídias furta-cores, sobre um tablado imponderável.

Os viajores do Absoluto, os que sentem a atração do infinito, encontram na noite, para o candil das suas esperanças, um óleo milagroso.

É a noite que revela à terra todos os segredos siderais, e é ela também que transmite à alma vidente dos maravilhosos Orfeus do Sono os ritmos de todas as belezas eternas que ondulam nas esferas...

[Publicado em 30 de abril de 1918 no número 90 da revista *A Cigarra* e aproveitado pelo autor no livro *Atitudes* (1922) posteriormente.]

⁴⁷ Tradução livre do vocábulo latino: misericórdia. Optamos por distinguir com itálico os estrangeirismos utilizados pelo autor. Não consta em sua publicação.

⁴⁸ O poeta português foi grande referência para Floreal na medida em que apareceu, inclusive, como tema de algumas de suas conferências.

A força do silêncio

Para o sr. Alfredo Duprat, com a simpatia que não cabe nesta página.⁴⁹

Assim como uma árvore que, para garridecer a sua copa e revigorar os rebentos fusteis e os gomulos tenros, mergulha com sofreguidão as raízes nas solidões subterrâneas, para sugar do seio pletórico da natureza a seiva que a robustece, fazendo-a vicejar entre a dulia ameníssima dos pássaros e a radiação apoplética da luz, também deve o homem, para abastecer o celeiro dos seus conhecimentos e atletizar as fibras da sua energia, procurar um afago no silêncio, um repouso tranquilo e reparador que o soerga à plácida ascensão da vida. O silêncio atua poderosamente sobre os nossos sentidos, dando-nos um batismo de alegria louçã, de alacridade fagueira, de entusiasmo rejubilante e jocundo que nos incute a força, a coragem, a confiança e o otimismo que nos faz amar a vida com mais ardor, com mais senso estético, com mais volúpia — amar enfim a vida pela vida, como um sacerdote ama a Deus para Deus.

No silêncio o homem apela para as forças que estão em latente vigília no âmago da sua consciência, desce no mundo interior ao microcosmo e põe-se em contato com o que há de mais divino e nobre nele, que é a alma.

O silêncio é uma beldade anódina, estanca todos os desfibramentos, todas as dores íntimas, porque com elas tem afinidades. Possui o hidromel para a ala sã e o antídoto para a alma doente; a convalescença para o combalido e o lenitivo para o vigoroso... Condensa a melancolia e dissipa o tédio e acirra as ilusões. Assiste à elaboração dos nossos fantásticos castelos e aos seus desmoronamentos fragorosos. É testemunho único do baque das nossas esperanças, mas, sempre impassível e bom, convida-nos perenemente a fazermos novos edifícios efêmeros com as pedras da ilusão e a argamassa da esperança. No terreno impreciso e problemático da utopia...

O recesso das cavernas sombrias, onde em silêncio absoluto o porejar perene das águas, arrastando a faina do deslizar constante resíduos calcários, forma com paciência esquisitas torres de estalactites e estalagmites, verdadeiras maravilhas da concriação pedregosa que a mão mágica da natureza habilmente executou nessas oficinas rudimentares — foi decerto o *atelier*⁵⁰ tosco onde o homem primitivo colheu as

⁴⁹ A dedicatória está presente somente na versão do conto publicada no livro *Atitudes*.

⁵⁰ Optamos por distinguir com itálico os estrangeirismos utilizados pelo autor. Não consta em sua publicação.

primeiras noções da arte. Em igual aconchego um arquiteto divorciado da rotina e do afã vertiginoso da vida traça, alinha e conjunta, no recesso de seu gabinete, as torres e as catedrais que extasiam a nossa sensibilidade⁵¹ com essas flores e columelos que sobre o bojo dos torreões das criptas cantam para a amplidão, para a vacuidade azul e silenciosa do espaço, a poesia fulgente da pedra, da cal, do gesso, que como estrofes alcandoradas às reverberações do sol brilham,⁵² faíscam na pulverização da luz, entoando hosanas ao gênio, ao esforço, ao trabalho, na mais augusta floração do belo, do grandioso,⁵³ do magistral!

Se possuíssemos o dom de decifrar as dores, as mágoas, as misérias e as agonias que estão gravadas com a água-forte das lágrimas, nos evangelários do silêncio, assombrar-nos-íamos seguramente; não pelo pavor que nos causariam as cenas sanguinolentas⁵⁴ dos que tombaram na guilhotina, nos cadafalsos e nos fossos das fortalezas, mas as traças de angústias, de desditas e de sofrimento, — é a miséria de Camões, o pranto amargo de Dante, o exílio doloroso de Tasso e a surdez do taciturno Beethoven, a dor pungente de Galileu e o desespero místico de Baudelaire, que dizia em silêncio: “tem juízo, ó minha dor”⁵⁵; é o furor desordenado daquele que à força de estudar excitou o cérebro até cavar a própria sepultura, o malogrado Frederico Nietzsche, que fugia dos odientos rumores da sociedade e na sua mesta solitude se confortava dizendo: “o mundo gira em silêncio.”⁵⁶

Há momentos de silêncio na nossa vida que marcam etapas de triunfo, assim como há silêncios que cavam sulcos profundos de derrota! Ele é o confidente de todas as ações de nossa vida, precede às mínimas causas humanas e sucede aos grandes fracassos da nossa existência, discreto como uma esfinge...

O silêncio é próprio fim de tudo.

Quando domina o ambiente que circunda o nosso berço, é sereno e afável, vela sobre as nossas cabeças como um Nume excelso, fazendo a guarda do bem e assistindo ao desabrochar lento, mas persistente, dessa esperança que dorme o sono angelical

⁵¹ Trecho contido na versão do periódico AC, mas suprimido pelo autor na versão do livro A: “(...) sensibilidade artística com seus poemas arquitetônicos, ornamentados de capitéis, florões (...)”.

⁵² Optamos por incluir vírgula neste trecho, resultando em um aposto, como forma de separar os dois verbos em questão, de modo que entendemos não fazer parte do *usus scribendi* do autor.

⁵³ Supressão do adjetivo “esplendente” na passagem da revista AC para o livro A.

⁵⁴ Supressão do trecho “(...) ou as visagens funambulescas (...)” na passagem da revista AC para o livro A.

⁵⁵ Trecho extraído do poema “Recollhimento”, do livro *As Flores do Mal* de Charles Baudelaire.

⁵⁶ Muito provavelmente tal citação é uma variante retirada do seguinte trecho do livro *Assim falava Zaratustra*: “O mundo gira, não em redor dos inventores de estrondos novos, mas a roda dos inventores de valores novos: gira sem ruído.” Importante notar que Nietzsche também exerceu considerável influência entre os literatos brasileiros do início do século XX (BROCA, 2005, pp. 164-169).

embalada no berço, nessa concavidade oscilante que já nos ministra as grandes e amargas oscilações do mundo. Quando a parca faz a ronda macabra à volta do leito do moribundo, espreitando o momento azado para amputar com a sua negra tesoura o fio da existência fazendo-nos mergulhar no grande e profundo silêncio do pó, na mansão da imobilidade, no porto agasalhador donde nós empreendemos o surto branco que nos faz demandar a diretriz dos astros, o supremo silêncio das esferas é trágico, apavorante, misto de soluços e gemidos⁵⁷ que se abismam no insondável silêncio do nada...

O silêncio tem uma voz maviosa e persuasiva, que nos fala, numa linguagem nostálgica e lassa, todos os mistérios das coisas mudas e todos os segredos das coisas incommunicativas. É o mealheiro divino que guarda em seu bojo as medalhas rútilas que, engastadas na fronte do homem, representam a coroa augusta do trabalho que triunfou.

Enfim, é o sepulcro da agitação e o sustentáculo veemente da placidez que gera o raciocínio, da serenidade que fecunda o talento e do descanso que revigora.

[Publicado em 16 de maio de 1918 no número 91 da revista *A Cigarra*, com o título *Estética do Silêncio*, e aproveitado pelo autor no livro *Atitudes* (1922) posteriormente.]

⁵⁷ Supressão do seguinte trecho “(...) de desfalecimentos e dissipações, é a esperança que se trunca para sempre, é o cortejo azul das ilusões (...)” na passagem da revista *AC* para o livro *A*.

Gestação das formas (Estética obscura)

Tudo na natureza encerra um grito de amor, um beijo ardente, enjaulado na essência amorfa das câmaras imperceptíveis dos elementos brutos. Um grânulo que se transmuta e congrega é uma poalha de harmonia que caminha para a formação gloriosa de outros corpos, insuflado por um sopro invisível.

A coalescência dos átomos no seio obscuro do Cosmos são bulícios ansiosos de júbilos, que prenunciam a existência de outras coisas novas que se estão elaborando no seio recôndito das energias anônimas. A natureza é um Gineceu eterno, onde palpitam em silêncio os germens de todas as coisas que aspiram a adquirir o máximo de estesia para a suprema perfeição...

O fenômeno da estenia é ali um estado latente; tudo tem uma psiquê que sonha em desdobrar-se, um coração que ama e pulsa, regulando o ritmo das coisas que fazem o seu ciclo evolutivo, para plasmarem sempre vidas e formas inéditas. Em todos os lugares, por mais absconditos que sejam, há um frêmito de volúpia, uma exaltação jovial, inflamando as seivas, propiciando as transfusões nos imos misteriosos das fibras mais humildes, despertando o princípio genésico, acordando dissimuladas vigílias de amor, que noivam às ocultas, nos ovários, nos pólenes e nos hilos.

A ânsia da transfiguração, o egoísmo da glória, é uma febre magnética distribuída às coisas mais ínfimas, pelo destino que rege e equilibra a marcha da evolução.

Num fragmento de cristal se encarcera um raio fulgurante de sol. No pistilo seco de um lírio, que o vento ceifou, se o examinarmos, atentamente, encontraremos estiolados nas comissuras dos seus tecidos os últimos brilhos dos beijos das estrelas. Nas lombadas ásperas dos muros solitários a alegria se manifesta pela pelúcia cetínea dos musgos.

Nas penumbras das locas, surpreendemos o sorriso humilde de uma flor a destoar aquela monotonia, como uma esperança louçã a inebriar um organismo decrepito. No reino das coisas toscas há uma harmonia sutil, ressoando no fundo longínquo das estâncias, que servem de berço às formas futuras. Das entranhas marmíferas dos montes se irrompe um grito árdego de desejo; são os alabastros que suspiram pela eternidade, clamando, nesse verbo incomunicativo das coisas divinas, pelo beijo redentor que os cinzéis lhes hão de imprimir, que é a estrofe de uma linha, o poema dumas curvas, o cântico da vida resumido na carne das mulheres...

No silêncio místico dos alfobres onde, na combustão do húmus, as sementes germinam, há um trabalho incoercível, urdindo febrilhas secretas para a formação de variegadas estruturas. Existe em tudo uma vibração velada; o fogo sagrado do amor crepita perpetuamente na alma das coisas, acirrando entusiasmos e exacerbando desejos. Uma filosela de luz que se tamisa em curveteios macios, como um suave soprilho através das gelhas de um tronco senil, é um hálito mesto de epifania que, como mensageiro excelso, vai acordar para a aleluia da vida forças que jazem sincopizadas na ternura virginal das seivas. Os raios comburentes do sol são gotas afrodisíacas de um elixir imponderável e diáfano que fecundam no tálamo da natureza as belezas eternas que bisbilham no sangue ubertoso da gleba.

Obedecendo à lei eviterna da transmutação é que as coisas mais incolores e insonoras se esposam, para doarem galhardamente ao grande museu da natureza a dádiva de uma beleza nova.

Jaz impresso em tudo o delírio da pompa e a embriaguez do fulgor!...

Dentro das células torvas de um punhado de lama se alberga a ilusão mirífica de uma esperança bramante — a lama sonha em ser asa... Os paúes, cansados dos reproches e baldões do céu, numa emulação de suprema vaidade, estrelam-se de lírios.

Todas as belezas afloram e vicejam sobre o delubro do sacrifício e da dor. Quanto orgulho e quanto fastígio ostentam os roseirais afestoados de rosas e as árvores avergoadas de frutos!... E este relumbramento e esta opulência são filhos de uma renúncia; promanam de um gesto de abnegação. São as raízes que, num estoicismo bendito, aceitam para o fausto de alheios triunfos o holocausto rude das solidões inglórias.

E elas, como párias desprezíveis, condenadas ao divórcio perpétuo da luz e à orfandade das carícias suavíssimas dos astros, medram, sempre à procura do seu ignorado destino, como mães que ofertaram os olhos aos filhos cegos e imploram para reavê-los! Assim elas, sem a esperança de uma recompensa, rezam eternamente lá do fundo da terra uma fervorosa oração pagã ao sol, que nem sabe que existe cá embaixo alguém tão humilde que o adora tanto. Ele é bem o príncipe encantado que perturba o sono das raízes... A natureza, mesmo nos seus momentos de crise, quando tudo se envolve numa fosca penumbra de dor, tem um alvo sorriso de Samaritana para a flor que tomba e para a semente que germina, para as árvores arrogantes que sob a doçura dos astros fazem a escalada do azul, e para o arbusto humilde esquecido no anonimato

das alfombras!... Vem do silêncio dos túmulos o grito dos berços; parte do coração das rochas o eterno princípio do amor...

[Publicado em maio de 1918 nos números 4 e 5 da revista *Panoplia* e aproveitado pelo autor no livro *Atitudes* (1922) posteriormente.]

Jornada de purificação

Para os humildes e os iluminados — este poema de ternura.⁵⁸

A beleza que fascina eternamente a alma dos sonhadores é a que jaz embuçada na névoa translúcida do além das miragens.

Dentro do vago, do incerto e do esquivo é que germinam todas as emoções maravilhosas que constituem o noivado perene das almas profundas dos semeadores de esperanças e ritmos.

É do casulo quimérico da Distância que sai a falena de uma nova Beleza.

A Beleza é uma parábola divina escrita na Bíblia do Infinito.

Assim pensava eu, naquela tarde em que o tédio, achando as portas da minha alma abertas, nela entrou silenciosamente. Mas não era esse tédio banal que sói acometer os inócuos, amalgamado nos baixios de todas as torpezas da vida, não. Era o que se urde nos planos superiores da mesma, oriundo do cansaço excruciante dos lugares comuns, das ideias estranguladas no nascedouro, pela rotina das emoções, enquanto iam a caminho de uma meta. E o meu mundo interior, donde às vezes, para contemplar e sentir o exterior, eu me refugio, decrescia, à carência do perfume vital das seivas inéditas.

Nisto lampejou desse mundo, onde as últimas esperanças jaziam sepultas, a flama de um fogo-fátuo, que iluminou a ressurreição de uma ideia salvadora. Delineei, mestamente, o almo cilício de uma peregrinação.

E num gesto que traduzia um grande desafio aos caminhos virgens, preparei então o meu viático espiritual.

E por entre o silêncio de paisagem, nimbada pelos derradeiros laivos tremulantes do crepúsculo, que, como o sumo emoliente da romã, sobre ela se expandia, emprestando-lhe assim estranha sonoridade diáfana, encetei a jornada gloriosa da Esperança.

Caminhei, caminhei sem encontrar nesse novo caminho de Damasco o brilho benfazejo de um raio redentor.

⁵⁸ Alteração da dedicatória na passagem da revista *Panoplia* para o livro *Atitudes*. Na versão da revista *P* encontra-se “Para a alma diáfana de Homéro Prates”.

Ia com o peito cheio desse misterioso encanto que o Infinito tamisa misteriosamente na alma, produzindo um êxtase interior, todo feito de psalmos suaves como o eco dulcíssimo de um canto de rouxinol, que subindo da quietude da noite, lentamente fosse morrer entre o silêncio dos astros.

Esta embriaguez psíquica alheava-me tanto das coisas terrenas, que nem mesmo as sensações que atuam sobre a visualidade eu percebia.

A noite fazia a sua descensão do céu, envolvendo tudo no seu pálio consolador, onde há um bálsamo que transfigura, e parecia murmurar à alma de toda a natureza que chorava a orfandade da luz, uma prece ungida de conforto e resignação. Parei. Fitei melancolicamente a estrada que se alongava silente como uma tentação à voragem da minha ânsia.

Um lusco-fusco de renúncia parecia entrar o âmago das coisas.

Abatida e atônita, a Natureza ia como que contrariada receber despoticamente a imobilidade.

A mudez absoluta do ambiente tinha qualquer coisa de pressago.

Condenava-se misteriosamente naquela tristeza, que era um misto de revolta e submissão, um acontecimento inesperado.

Ereta, como um repto à cólera dos elementos se eleva ao meu lado uma árvore matusalém.

Esquadrilhei-a sofregamente, desde o tronco até as ramadas, com uma avidez interrogativa.

Queria que ela rompesse aquela mudez de esfinge vegetal e me narrasse a legenda dolorosa de todos os que por ali esmaram e a quantas gerações de cigarras dera guarida e seiva, a quantos pássaros errantes emprestara para berço os seus galhos, sob o calafrio de quantos raios estremecera e as tragédias de quantas tempestades rolaram por sobre a clemência de sua copa!...

Naquele momento senti a tortura de ser homem. Queria-me diluir, para surpreender o segredo das coisas, transformar-me em átomo e subir aos céus, desfazer-me em água e descer até o silêncio eterno das grutas.

Metamorfosear-me em fogo e acalentar a alma fria das coisas, palpitar no sangue da terra, vibrar dentro de uma flor, na clorofila dos vegetais, e ascender gloriosamente aos astros como um aroma sonoro, sem me lembrar da estância que ficaria neste mundo, onde há poucas almas que são vassalas da Beleza!

E agachando-me para melhor sentir aquilo que não se comunica pela volição da palavra, mas que murmureja suavemente no além de toda a existência, ajoelhei-me ao pé da árvore, enviando um pensamento sublime a todos os que sofreram ontem, sofrem hoje e sofrerão amanhã.

E antes desse momento vago e esquivo da vigília, que forma dentro de nós como que uma ponte invisível, pela qual passamos até a imobilidade do sono, uma inquietação subia lentamente do fundo de tudo o que me rodeava.

E um murmúrio sôfrego de arroubos indistintos vinha até o meu ouvido.

Eram ósculos que espoucavam na quietude do húmus, anunciando a ressurreição de novas energias, frêmitos de ânsias encarceradas no mistério das seivas, suspiros maviosos de sonhos ignotos, de esperanças sem destino, de belezas sagradas, que esperam vigilantes, lá no fundo da penumbra da terra que uma alma irmã as desencante para glória da eternidade e deslumbramento dos homens. E o meu corpo exausto encontrou sobre aquela alfombra fria o mais tépido dos frouxéis.

Pairou então sobre mim a calma heroica e luminosa de quem dorme sobre todas as renúncias.

O luar punha por sobre o bruno das folhagens, esquivas iluminuras de alumínio que davam a impressão de filigranas de prata nova a fulgirem nas trevas.

O meu espírito naquela solidão desdobrava-se persistentemente.

Sentia em torno de mim como que uma aluvião de vultos confusos, esfumados, a me solicitarem para um colóquio.

Comecei a monologar tão suavemente, que até me parecia estar dialogando com alguém que tivesse comigo uma afinidade profunda.

As palavras vinham de tão longe e traziam a melodia de um som que houvesse noivado com perfume por toda uma eternidade, dentro da corola de um Lotus.

E dominando, com a sua voz rítmica, todo o silêncio, começou a falar como quem dita para o interior de uma urna um poema de fé e esperança:

— Glorifica a luz com a tua luz, aprisiona o mundo no teu mundo, oferece a tua esperança aos que não têm esperança. Sê dadivoso com os que sofrem, revela um destino aos que não têm destino.

Fala da eternidade aos seres que, não se lembrando do passado, se esquecem do dia de hoje e temem o dia de amanhã.

Desperta a alma nas almas: acorda a Beleza!...

Os seres privilegiados são os expoentes de si mesmos, são avatares que descem à terra com um sorriso celestial nos lábios, para aqui deixarem impressos, nas paisagens do mundo, não a sua sombra, mas um deslumbramento nas consciências, uma esperança nos corações e um eterno ritmo de Beleza nas almas...

Passar pela terra como Ariel e revelar aos homens, numa linguagem de ofertório, o ritual maravilhoso das Belezas que estão encantadas no arcano das suas próprias almas, é contribuir com um pouco de óleo espiritual para alentar a lâmpada que ilumina a nave da eternidade. Para que uma beleza se plasme nos corações humanos, é necessário ter estampada no rosto a serenidade que perdoa; nos gestos, a suavidade do veludo e no verbo o perfume que inebria.

Quando uma dúvida te assediar, implora ardentemente a proteção do Infinito, porque é lá que estão, num hostiário maravilhoso, todas as esperanças que hão de vir à terra.

As horas da angústia, aproveita-as a esquadrinhar o teu ser; entra sempre mais nas profundidades do teu próprio coração. Sofre silenciosamente com alegria. A dor te ensinará a criar para o mundo uma nova Beleza.

Nunca fales de dentro das paixões: fala sempre por cima das almas.

Sê, sempre que puderes, um semeador bendito e planta na seara das almas as oliveiras da paz e os loureiros da glória.

Faze de teu entusiasmo uma lira e entra nos corações moribundos, cantando a beleza da vida. Quando vires alguém chorar, dize-lhe que está aprendendo a ser feliz. Toda a lágrima é um prenúncio de redenção. Sobre os sentidos estiolados ela opera a mesma magia que uma gota d'orvalho no cálice emurchecido de um lírio.

Há criaturas na terra que nunca tiveram esperanças e vivem alheias ao próprio coração. Sê mavioso e sutil para com elas. Entra mansamente no sacrário dessas almas inquietas e estabelece lá o silêncio da tua alma; projeta uma onda divina de consolo; sê o farol maravilhoso de todos os que naufragaram intimamente nas caudais de suas dores e andam perdidos na noite da dúvida, a tatear pelo mundo como aves que partiram as asas! A ternura é irmã gêmea da luz: enaltece todas as consciências, reabilita todos os corações e transfigura todas as almas. Nunca prometas aquilo que não tens. Promete somente o que está em todos os corações — a Felicidade.

A felicidade ninguém a deve esperar, porque ela está dentro de nós mesmos. Ensina a ser feliz, porque só assim terás revelado aos homens o duplo senso da vida.

A todos os que vivem asperamente, na mais completa ausência de conforto espiritual, ministra-lhes a tua candura, comunica-lhes a fé do teu verbo, dá-lhes o calor do teu fogo. És bom e desprendido, perfuma as almas com a tua bondade.

Lapida a tua alma para que a possas engastar, pura e diáfana, na alma dos homens. Faze-te apóstolo-ourives, São Paulo e Leonardo da Vinci, e com a fé do primeiro, vincula o amor nos corações; com a serenidade olímpica do segundo, plasma a Beleza nas almas.

Não faças monopólio das qualidades que os poderes ocultos te deram, porque quanto mais as difundires, mais elas se renovarão dentro de ti.

A tua missão é doar, doar sempre, como as manhãs doam o rosicler às árvores e às flores, o sol doa a sua luz às montanhas e aos vales e o céu doa a sua espiritualidade a este mundo e aos mundos!

Põe sempre naquilo que disseres a força do teu entusiasmo e a essência da tua sinceridade. Sê como o profeta São João, e batiza com a água sagrada do rio da tua esperança todas as criaturas que pelo mundo vagueiam sem rumo. Sempre que encontrares em teu caminho criaturas aflitas, às que falte esse elo que as apegue à vida que é a Esperança — traço da união entre a terra e o céu — para! Ilumina-as interiormente, porque junto a ti terás nesse momento a sombra fulgurante de Alguém que estabelece o equilíbrio da Verdade e da Harmonia no Universo.

E fala então do Amor, desse cântico maravilhoso da Bíblia da Vida.

O Amor, síntese do céu, perfume do mistério, é a única força divina que opera tal prodígio de transfiguração, que a própria vida se torna tão leve, a ponto de fazer o Homem se esquecer de que anda sobre a terra. Só o amor consegue dar um brilho novo às almas; tudo se purifica debaixo do seu halo, feito da luz de todas as Belezas.

Quando tudo falece e se desmorona, a única energia indestrutível que fica, capaz de tudo refazer novamente, é o Amor, partícula da Eternidade, verbo que anuncia todos os princípios, ânsia dos infinitos, que transmigra pelo infinito das almas.

E a voz, como que encantada daquilo que dissera, antes de se despedir, abençoou-me silenciosamente e disse: — Eu venho do além de toda a Luz, onde o Amor noiva com a Eternidade; os que na terra se ungirem de mim, recebem para todo o sempre o batismo inefável do céu.

Sou a mensageira de Avatar, peregrina que traz ao Mundo a lâmpada que ilumina as almas. Oh viajor! Prossegue na tua jornada de purificação. Sou a Beleza, a tua parábola divina escrita na Bíblia do Infinito.

[Publicado em dezembro de 1918 na revista *Panoplia* e aproveitado pelo autor no livro *Atitudes* (1922) posteriormente.]

ANO DE 1919**Solilóquio outonal**

Para a sensibilidade complicada de Galeão Coutinho, com a
minha formidável simpatia.

Nas horas em que medito e reconcentro minhas forças no crisol imaginário de minha alma, sinto uma nostalgia estuante apunhalar-me impiedosamente.

Quedo absorto e silencioso. Perpassa então, leve e fugaz, como uma falena de remota paisagem, a lembrança daqueles momentos que passei, entregue ao mesto dulçor do jardim melancólico.

Outono, esse oleiro imperfectibilizador e insolente, tingia tudo de um amarelo esbatido. Ele é um vampiro que suga toda a clorofila — sangue verde dos vegetais. E as folhas, essas pequeninas filhas das árvores, que toucam e garridecem a hispidez das ramadas, despediam-se dos seus engastes aéreos, e, num rodopio rápido, rolavam por entre os braços da galharia, embaladas pelo sopro leve do vento, enviando ao tronco que lhes dera vida um doloroso adeus e um último suspiro. E iam dormir no túmulo fofo do relvado, entre a gama das suas companheiras que já haviam chegado, antes, à derradeira estância da vida, o somo que precede à transformação, tendo, como inédito e frisante sarcasmo, a própria mãe a servir-lhes de cruz!

Vibrava no ar a última nota cansada de uma cigarra esporádica, como nênia triste à morte das folhas...

Nos dias em que sou acometido de uma intraduzível vontade de fugir à chanfranafra zumbidora dos homens, sinto bruxolearem em mim todas as energias. Vou, então, conjugar a minha mórbida lassidão com o tédio evangélico das árvores do jardim.

Agora, como então, o Outono — D. Juan caprichoso e senil, — espolia as árvores moças e expõe ao martírio crebro das intempéries os seus corpos nus. Cada folha que cai é um atavio de menos; o Outono é o pajem que a natureza manda para despir das árvores a roupagem caduca, e prepará-las para receberem as cambraias verdes e frescas que lhes traz a Primavera.

Só, como um lendário eremita, à sombra das árvores, ouço o suave zanzonar dos galhos que, no alto, se estortegam nervosamente.

Depois, o silêncio se avoluma e imprime em tudo um aspecto solene de mística religiosidade. Freme em todo o meu sistema vital um prurido bisbilhante de saudade, que vem acordar uma volúpia vaga, espiritual. Pairava no ar o adejo sôfrego de um colibri que se roçagava indolentemente por sobre a copa das árvores, ébrio de perfumes. Pássaro divino, gerado do arco-íris, que leva uma vida irreal, dentro da irialidade coruscante dessas cores, sumidiças como as miragens imperceptíveis dos painéis dos dias cintilantes de sol.

A solidão vinha, como uma freira indiscreta, levantar a tampa do escrínio do passado, onde jaziam, encerrados, os últimos resquícios da flor de um sonho que o Destino despetalou, aniquilando no pistilo o gérmen embrionário de um fruto. Alheio a todas as emoções do mundo exterior, comecei a cismar. A cisma transporta-nos ao passado por uma ponte invisível. As comoções vinculam-se em nós, como os sulcos que um artista abre no mármore para exteriorizar a prefulgência impecável de uma linha.

Quanto mais cismava, mais se amplificava a minha visão...

Ecoava em minha alma o ritmo sonoro daquelas palavras dolentes, que condensavam toda a ânsia de um infinito que se não diz com o verbo. Sim, porque a nossa palavra é bastante material e nem sempre traduz o desejo exaltado dos nervos.

As confissões eloquentes, os entusiasmos exacerbados, nascidos das afinidades eletivas, são manifestações sutis a que a alegria põe uma mordança, fazendo-as exalar somente em suspiros. Há estados de alma tão delicados, tão inconsúteis, que não sobem até a boca para exprimir uma vontade; são como esses aromas misteriosos, engendrados no pólen de certas flores germinadas no remanso das penumbras, onde a custo penetra um tassalho de luz, e que fenecem castas, num piedoso mutismo de tristeza, órfãs dos ósculos lascivos do sol!

As folhas quedavam extáticas, refletindo em suas nervuras as tremulinas carmesins do crepúsculo. Esmaecia tudo num delíquio morno de tintas rarefeitas.

Nimbos esquivos de luz esvoaçaram tenuamente por sobre a frança das árvores, como beijos fugidios. Errava na atmosfera silente um queixume de sápidas essências emolientes, impregnadas de nostalgias lascivas, de ânsias ebrissaltantes, desses desejos que vazam, no labirinto microscópico das fibras, um frêmito suave de êxtase emocional. O sol, ígneo Pan dos bosques siderais, exausto, estirava-se molemente no tálamo incomensurável do infinito, e fileteava de filigranas flavas a fimbria das folhas fanadas.

Vesper, qual odalisca ociosa do harém das alturas, abria a sua arca encantada, onde guarda perfumes afrodisíacos, e saturava o ar de uma sávida volúpia harmonial...

O crepúsculo tem a magia da evocação. Ele atua sobre os nossos sentidos como um falerno esquisito e capitoso, de sabor inédito. Espicaça a saudade, acorda em tropel emoções adormecidas, reaviva as sensações moribundas, insufla-nos ardentemente para a ânsia, para o sonho, para tudo que foge, para tudo que é alífugo...

A imaginação tresvaria entonteada, como a borboleta que, seduzida pela claridade, revoloteia até sucumbir, dizimada pela Vida, que é a luz...

Adejava brandamente o bafio cálido de uma aragem, macio como o colo dos cisnes adolescentes. A haste heráldica dos lírios se curvava, em flexuosidades; e um sacoleio febril revolucionava os rosais.

As pétalas caíam, em voluptuosos coleios, e pintalgavam o chão de uma rósea alcatifa velutínea; outras, físgavam-se nos espinhos, dilaceravam-se e com o sangue de seus tecidos aljofravam, num pungente batismo de dor, o tronco que lhes dera vida. E sorriam... Sorriam orgulhosas de perecerem em tão carinhoso holocausto. É que elas, cômicas de suas belezas, vaidosamente julgavam que, morrendo assim, morriam como eleitas sem profanar o aticismo fidalgo de sua euritmia na confusão anônima de suas irmãs, feias e plebeias...

Ainda guardo na memória, nessa urna de reminiscências, a saudade daqueles momentos amenos. Estavas a meu lado. Exumo da retentiva todas aquelas palavras belas ditadas pelo teu pensamento de mulher fina e astuciosa. Tu me falavas de amor, não desse amor trivial, sistemático e árido como uma página de aritmética. Não. Eu te cingia pela cintura, esguia como a das hamadríades dos bosques sombrios e misteriosos de Pafos, e te dizia, no lóbulo coralino, palavras inflamadas, quentes, bramantes.

O amor, quanto é intenso, magnânimo, sublime, reabilita uma existência inteira. Toda a paixão que não tiver em si algo ígneo, estuante, como a cólera bravia que ferve nas entranhas colossais dos vulcões... é insípida, álgida, hiemal. O amor é o cântico dos cânticos, é vertigem louca, extraordinária, que faz o homem ascender aos páramos siderais e acordar novamente, para o noivado da luz, os astros desalentados e frios, embaçados na potencialidade gazearina das nebulosas seculares... E tu quedavas imóvel, olhando as estrelas, como a querer perguntar se elas também não amam...

E caminhavas para mim como a falena para a luz...

[Publicado em 16 de junho de 1919 no número 14 da revista *A Cigarra* e aproveitado pelo autor no livro *Atitudes* (1922) posteriormente.]

Salomão

Sorria o luar. O perfume das rosas subia ao céu, em volatas tênues, sutis, como um ex-voto à magia da noite.

Perpassava por entre escassilhos das moitas, onde noivavam, em silêncio, libélulas fulgurantes, o sopro tépido da brisa, leve e macia como se afagasse colos de virgens...

As árvores sussultavam suavemente, como trêmulos arrepios de volúpia, quando o zéfiro, mensageiro de ânsias longínquas, por sobre elas adejavam lentamente.

Nada destoava a placidez lírica do jardim.

Um delíquio morno invadia furtivamente a alma das coisas, como um suspiro mavioso de violino, que expirasse na penumbra de uma nave.

A noite era elisíaca, o ar caricioso, a terra aromal...

Vinha de muito longe o eco flébil de uma voz dolente, como de alguém que rememorasse uma profunda, uma grande saudade à luz das estrelas.

Pairava no ambiente o queixume sôfrego de uma murmurância quebrada, como se perfume ativo das flores, em ascensão aos céus, fosse cantando a balada dos desejos...

O lago, que, como uma psique oriental, refletia toda a feminina vaidade da lua, era tão límpido, que em sua superfície podia pousar um pensamento casto. O silêncio atuava sobre todos os sentidos da natureza... Sentia-se o freir das seivas, o cochicheio das flores, o cicar dos polens...

Todo um mundo de novos ritmos, de novas formas, germinava naquele tálamo de silêncio... Amor! Amor! Quanto pode a tua força, sobre o sensível e o insensível, o belo e o feio, os corpos e as almas! Tudo inebrias, arrebatas, alucinas fazendo triunfar, sobre a estagnação da noite, esposa do mistério — gêmea da Morte, a apoteose vivaz das madrugadas — noivas da Vida...

Nisto, um vulto luminoso surge levemente perto de mim, aéreo, inconsútil, como um elfo. A sua clâmide de chamalote, broslada de soprilhos e colgaduras de lhamas fulgurantes, irradiava na penumbra extática do jardim um estranho relumbramento!

Os seus gestos olímpicos e as sua voz hidromelina impregnavam o ar de ondas rítmicas e ressonâncias de uma sinfonia maravilhosa.

A majestade do vulto era tão extraordinária que nem sequer interroguei quem era. A aura da sua grandeza vinha até a minha alma como uma mensagem ancestral de beleza.

Era Salomão, o Poeta máximo da volúpia cerebral do Cântico dos Cânticos.

— Oh divino patriarca do lirismo, conta-me, como um ourives conta as pérolas raras dos colares que tem tocado com os dedos, as pérolas femininas do teu colar sentimental, de homem que mais amou na terra!

— Em verdade te digo: amei tanto que até me tornei Sábio. O amor é um rio diáfano e encantado que nos leva ao mar profundo da sabedoria. As minhas amantes foram tantas, que eu compus, ao cabo de tantos anos, as minhas máximas com uma partícula da alma de cada uma delas... A mulher! A mulher é a eterna inspiradora, o ponto de partida das grandes viagens do espírito.

Quando na terra se ama como eu amei, a vida se desdobra, se intensifica tanto, que ao morrermos deixamos gravado na memória do mundo o marco eterno da nossa passagem.

Ama sempre, perenemente, até sentires o coração bramir dentro do peito, desesperadamente: trégua... trégua... trégua...

Houve entre nós dois uma síncope cerebral; emudecemos extasiados... Em torno de nós, como que espíritos invisíveis indiscretamente escutavam o nosso colóquio. O luar, diluído na atmosfera, bistrava de tons alvos-alabastrinos a cabeça apolínea do patriarca.

— Qual o segredo dos teus triunfos, ó divino amante?

— A sutileza de espírito, a candura do coração e o entusiasmo dos nervos!... Sulamita, amei-a com espírito e coração; Belkiss, com entusiasmo dos nervos!... A primeira, branca como um beijo de luz num floco de neve, inspirou-me um poema; a segunda, loira como um pingo de mel numa gota de leite, doou-me um filho — David.

Uma entrou em minha alma: eternizei-a perante Deus; a outra se transfundiu em meu ser: eternizei-a perante os homens!

Isso só existe quando o espírito perde a sua ascendência sobre o corpo. Para que uma paixão pulse ardentemente dentro de nós, não basta termos-la no coração, é necessário termos-la também no cérebro. O coração, fiel ao senso da terra, ressoa os gritos da espécie, é um obscuro receptáculo, ao passo que o espírito, mensageiro do céu, translúcido, imortal, ressoa os ecos de todas as belezas das esferas, é um luminoso irradiador!... Fiz, assim, da minha alma, uma selva rútila e perfumada, onde as almas de

todas as mulheres que amei iam cantar o grande hino do amor. Glorifiquei em mim, com exaltação, Apolo e Eros. Sob a ebbriez lustral de novos amores, eu caminhava sempre para novos horizontes espirituais. Os meus lábios, em delírio, hauriam o néctar perturbador aurorais das minhas amantes, mas o meu espírito, na ânsia incontida da beleza, criava as parábolas que espalhei na terra.

O grande pecado do homem não é o amar muito, é ele fazer do amor uma escravidão, quando ele é uma liberdade!

Na floresta humana, as mulheres são árvores sagradas — os pomos, repositórios da luz e do perfume dos astros, aplacam a volúpia de mistério e irrevelado, misto de suavidade e dor, carícia e tortura, fecunda sempre o nosso espírito e deslumbra sempre a nossa alma!...

A essas últimas palavras, as árvores do jardim, como que ufanas de ter participado da imagem feita pelo divino patriarca do lirismo, atapetaram de folhas os nossos pés, como humilde preito de homenagem. E uma voz, onde havia toda a plangência dos carmes, repercutiu mestamente no silêncio: “Salomão... Salomão...! Volta para o teu reino de luz, de harmonias e belezas!”.

Cerro, como quem aspira ao aroma de uma flor, os olhos. O vulto, sulcando a treva de um clarão flavo, desapareceu lentamente. E as suas palavras ficaram vibrando na minha memória: amei tanto, que até me tornei Sábio.

E sorria o luar...

[Publicado em 15 de julho de 1919 no número 115 da revista *A Cigarra* e aproveitado pelo autor no livro *Atitudes* (1922) posteriormente.]

Abismo

Bendigamos o amor que foi tão curto,
O sonho vago que expirou tão cedo,
Sossobrado no porto antes do surto!

Feliz o idílio que não teve história!
Salvando-nos do tédio, o nosso medo
Foi uma porta de ouro para a glória!
Olavo Bilac – “Tarde”⁵⁹

— Hoje, sinto a volúpia imensa de rememorar somente as grandes decepções que tive na vida; que volúpia rascante, não achas?... Ao longe, na fímbria do horizonte, as montanhas se esfumavam suavemente, nas tonalidades imprecisas da púrpura do crepúsculo...

E Armando, com toda a magnificência vespéral dentro da alma, continuou:

— Eu pensei que a sua alma fosse um espelho, onde a minha, devastada, pudesse refletir-se e refazer nela todos os estragos do passado... Mas, encontrei uma alma mais devastada do que a minha.

— Quem é essa criatura tão enigmática?

— Marta era o seu nome, verdadeiro ou não; nunca lhe descobri outro, mesmo porque esse me era tão agradável que não quis ir mais além...

Encontramos-nos numa tarde de outono em Florença, num parque todo afestado de flores cheias de tédio.

E ali, sob a tepidez do crepúsculo, fui acometido de um arroubo estuante por essa mulher: fascinou-me a sua cabeça, onde dois outonos se fundiam maravilhosamente...

Silenciosamente, como duas sombras que se beijam numa penumbra, as nossas almas se entrelaçam.

— Quanto tempo durou essa união, pouco importa sabê-lo! Sei somente que não achei nesse amor a chama comburentes que me queimasse, a enormidade que me absorvesse! E por isso, separamos-nos num silêncio igual ao que nos uniu...

⁵⁹ Além da epígrafe, a versão publicada no periódico *A Cigarra* é dedicada ao escritor Oswald de Andrade. O trecho de Bilac citado foi extraído do soneto “Salutaris Porta” do livro póstumo *Tarde* (1919), como indicado ao final da citação.

— Pensei de encontrar uma alma intacta, um coração vibrante; puro engano! Ela havia amado tanto, que as experiências a haviam crestado!

Às vezes, nos momentos de febre, ela estreitava violentamente a minha cabeça entre seus braços, e dizia-me, em surdina, ao ouvido, com a sua voz que era um misto de ternura e revolta: — Chama-me a tua esperança, a tua ânsia, o teu sonho, a tua imagem longínqua!... E eu, com a alma diminuída, os nervos lassos, o sangue entibiado, somente queria chamá-la, aos gritos, minha desilusão! Meu veneno! ...

E assim passávamos horas e horas, fingindo um afeto postiço: ela procurando surpreender em meus olhos a futura confirmação do seu amor; eu procurando nos seus um vestígio que me falasse dos seus amores passados...

Numa tarde como esta, em que perpassava pelo espaço uma languidez de abandono, sem nenhuma surpresa para nós, caiu o cenário sobre a nossa comédia sentimental, ficando eu do lado da plateia, tendo a impressão de ouvir uma surriada que me apupava e ela do outro lado das gambiarras, talvez serena. A despedida foi dolorosa, mas não triste...

Ah! A dolorosa sensação de ver um sonho ruir, quando já o tínhamos integralizado na introspectividade dos nossos nervos! ...

— Não te lamente, Armando, sê forte! Na terra há tantas mulheres para o teu desejo, quantas estrelas há no céu para o teu sonho!

— Banir a lembrança de uma paixão ardente é mais forte do que substituí-la por outra! Como a superfície dos lagos que somente refletem imagens quando estão desondulados e serenos, assim são os nossos nervos; somente recebem novas sensações quando expira o frêmito das últimas vibrações... A vida não se repete com os mesmos encantos: uma esperança que nasce, uma ilusão que morre, uma ânsia estrangulada, um desejo que se estiola recalcado no labirinto dos nervos! Eis tudo!

— E ao cabo de tudo, ficamos à margem da vida, com um ressábio de angústia dentro da alma, a rememorar todos os fracassos da nossa existência afetiva.

— Tens, acaso, saudades dessa mulher?

— Não! O que tenho é uma grata lembrança, por ter ela provocado em mim duas profundas emoções!

— A primeira, quando veio, ebriante, rugidora, dionisíaca, — escravizou-me —, ilusão esplêndida! A segunda, quando partiu, silenciosa, fria, indiferente, — libertou-me, — desilusão sublime! ...

As primeiras estrelas começavam a tremeluzir no céu cor de hortências, como rútilas pupilas de animais felinos, que lá do alto, ansiosos, esperassem a noite para melhor brilhar.

E Armando, como se tivesse a sua alegria prisioneira entre baças muralhas de tédio, fumava, tão absorto, que eu tinha a impressão de que ele não dialogava comigo, monologava consigo mesmo.

— Marta! Amargurada e alegre criatura: — em vez de remoçar a alma com a essência de cada novo amor, a cada novo amor mais ela se estarrecia, mais ela se mutilava interiormente! O seu outono exterior ocultava um inverno...

Quando todas as mulheres têm nessa idade o sabor hidromelino do fruto sazonado, ela tinha o sabor amargo do fruto seco, que, amaldiçoado pela natureza, amadurece antes do tempo!

A sua alma era um abismo cheio de esperanças mortas, ilusões truncadas, desejos pulverizados...

Todas as perfídias, todos os cinismos elegantes e brutais dos seus amantes passados, formavam dentro de sua alma uma lousa, onde estava escrito:

— *Oh passante, aqui jaz uma alma morta, atormentando um corpo que quer viver!*

— Já entraste, às escuras, numa catedral cujos vitrais das rosáceas, partidos pela cólera sacrílega do vento, cobrissem o solo, como um tapete pintalgado, e iludido por essas cores fascinantes, sangrasses as mãos e os joelhos no embevecimento da prece?

— Pois bem, comigo se deu a mesma coisa; entrei naquela alma de um grande passado de aventuras, que era um abismo atupido de vitrais partidos e cegamente feri a minha alma!...

Ah! As mulheres! As mulheres todas têm um abismo inconsciente, uma miragem nos seus desertos interiores que sempre nos engana...

[Publicado em 1 de agosto de 1919 no número 117 da revista *A Cigarra* e aproveitado pelo autor no livro *Atitudes* (1922) posteriormente.]

Di Cavalcanti, o bruxo do Lápis

— Quem é Di Cavalcanti? Perguntará timidamente o homem que vive enfronhado em altas cogitações de câmbio, burguês que tem um sardanapalesco palacete na Avenida Paulista, o pintor copista sem imaginação e ignobilmente falho de originalidade, e por fim, “piscando os olhos”, o literato feito à última hora que possui ótimas qualidades de leitor, e um terrível pensamento de artista, que leva a preciosa existência a cultivar lugares comuns e repetir clichês estéticos. Esse também perguntará estupefato — quem será esse moço que desenha umas coisas malucas? E todos traduzem assim aquilo que não sabem explicar, porque em se tratando de Arte ainda não se desvencilharam do obsoletismo cariado dos clássicos moldes de 1830!

O exaspero continua, insistente, agressivo, que é um misto de menoscabo e admiração. E um cochicheo furtivo, medroso, repercute pelos frios corredores dos cenáculos, onde a cada minuto se profere uma profissão de fé literária, e se eleva à categoria de ídolo fundido no bronze da mediocridade, o literatelho mais garboso da roda! A celeuma turbilhona: vozes baritonadas em todos os diapasões, emitem uns farrapos de ideia, num pugilato de palavras, com muito sarcasmo dobrez que dizem ser fina ironia. E o Di, que é a criatura de ademanes mais comedidos e voz velada que se tem notícia, passa silenciosamente por entre a procissão dos leigos como um luciferário, agitando a lanterna mágica do seu temperamento, que projeta bistras de luz de todas as cores e aparições de todos os feitios aos lábios proferidos pelos que estão fora da sua estesia; ouve o insulto sonoro de *esquisito*, *mórbido*, *incompreensível*, como se esses maravilhosos adjetivos não fossem extraordinariamente belos para qualificar um artista da sua envergadura — filho ultra legítimo do nosso século nevrótico! A corte dos “simuladores de talento”, e a caravana dos pseudos estetas, afetando conhecimentos e alardeando uma erudição imprecisa que não resiste a nenhuma análise, citam nomes de artistas da mesma escola, para justificar uma afinidade que talvez haja entre o nosso artista e outro de além mar.

Citam, bem entendido, para disfarçar diplomaticamente uma deplorável ignorância. Mas Di que é um desses artistas que se pode deixar só, não se entibia nem se entristece, obedece unicamente à exigência da sua visão, estribado audaciosamente no postulado estético traçado pelo seu cérebro criador. Ele tem a consoladora certeza de estar só, isto é, acompanhado somente dos que pensam como ele, dos que trilham, livres, independentes, os caminhos da Beleza, os que vão entregues a si mesmos — a

legião dos que caminham sós! Está só, dentro da sua fé. Do seu talento fez uma lança o do seu entusiasmo um elmo, é um forte, as bocas malsinadoras não o atingirão.

Triunfará! Como todo artista de emoções requintadas, Di Cavalcanti não observa: sente. Ele não diz: sugere. Há um transcendentalismo sutil no fundo de todos os seus *motivos*, que escapa à percepção material dos olhos e somente com os sentidos quintessenciados da alma é que conseguimos surpreendê-lo.

A vida para ele não tem gestos físicos, só tem atitudes físicas.

As suas emoções que não se repetem, são externadas por um tal poder de síntese, que percebemos duplamente tudo quanto ele deixou de dizer. Possui o segredo de materializar o imaterial, revelar o irrevelável.

Os seus múltiplos estados de alma não lhe provocam confusão nem deslizos. Evoca o esteticismo de Oscar Wilde, o tédio agitado de Verlaine, a melancolia lírica de Rodenbach, o misticismo de Novalis e Maeterlink, com a mesma precisão que evoca a volúpia de D'Annunzio, a morbidez de Baudelaire e o satanismo de Barbey d'Orevely.

A princesa *Maleine*⁶⁰ de Maeterlink, diáfana, imponderável como a sonhou o escritor belga, é o estudo flagrante de uma alma silenciosa que se move dolentemente, irradiando em tudo a aura da sua bondade e da sua ternura, envolto no perfume mavioso que se exala do seu mistério interior. O seu corpo esfumado, intangível, como se fosse uma sombra projetada num halo de neblina, é uma presença longínqua, onde vemos pairar meiguiceiramente o hálito esquivo de uma alma abandonada, que se prepara no presente com muita força espiritual para uma grande renúncia futura.

*Votre âme es um paysage*⁶¹, inspirado em Verlaine, é um escorso feito com muita felicidade, onde ressumbra todo o paroxismo erodente da alma cheia de lusco-fusco que foi a do maravilhoso poeta simbolista. É uma visão de delírio tremens, de pesadelo, que nos provoca um calafrio dormente como se a alma agitada do poeta pairasse ali diluída, de mistura com ópio.

No *Le jardin sous la pluie*⁶² de legendária filha de Herodíade, que depois de pedir a de Yokanaan, tem feito perder a cabeça a muito literato ávido de exotismo.

A arte de Di Cavalcanti bem se assemelha ao sortilégio demoníaco das Pitonisas e dos Magos.

⁶⁰ O nome original da obra teatral referida é *La princesse Maleine*, do escritor belga Maurice Maeterlink (1862-1949). Contudo, Floreal opta por marcar com itálico apenas *Maleine*.

⁶¹ Tradução livre: "Sua alma é uma paisagem"

⁶² Tradução livre: "O jardim sobre a chuva".

Se estes desvendam o destino aziago ou feliz das criaturas, ele, o bruxo do lápis, surpreende e translada para a tela todas as ânsias sopitadas e todos os segredos indizíveis das almas.

[Publicado em fevereiro de 1919 no número 126 da revista *A Cigarra*.]

(Retrato de Sylvio Floreal feito por Di Cavalcanti - *A Cigarra*, nº 115, 1 de julho de 1919)

ANO DE 1920**A força do número**

Se “o homem é a medida de todas as coisas”, como disse Protágoras, um povo organizado, e consciente de sua força numérica, representa a medida do seu país, na proporção direta da sua expansão cívica e mental.

Diz a sabedoria das nações que “a união faz força”. De fato, se um país não tiver estatisticamente catalogados todos os seus habitantes, a sua existência é menoscabada e ridicularizada pelos outros países, onde a força do número fala eloquentemente, conquistado e levado a cabo por um trabalho paulatino de recenseamento. Na justa das competições, os povos que não tiverem uma estatística rigorosamente exata de sua quantidade sofrerão uma baixa deplorável e um reproche doloroso dos que são fortes e audazes, organizados e compactos.

Os povos não fazem sentir a sua influência somente pela capacidade intelectual; entra também em questão, e influi consideravelmente, a sua força numérica, que serve de pedestal onde se apoia a estátua dos valores conquistados no campo das lutas da inteligência. No cenário das conquistas materiais e morais, os povos, em todos os tempos, desfilarão galhardamente, sempre que as suas forças, obedecendo a uma ordem metódica de unificação, tenham sido congregadas e regimentadas. No campo espiritual, vence a força física equilibrada e racional; na arena material de braço e do peito, vence a força do número, quando bem-intencionado e guiado.

A pujança intelectual no mundo, dá foros de civilização; a potência numérica granjeia, perante a face das nações, prerrogativas de riqueza e alternativas de independência material.

Jamais tomamos a sério a força do número, devido à nossa extensão territorial e à facilidade de vida, que faculta, dentro das nossas fronteiras, viverem como bem lhes aprez, às soltas, mourejando e perambulando de Norte a Sul, sem o mínimo interesse pela terra em que vive, sem a mínima afeição pelo país que desfrutam, e alheios, redondamente, a toda e qualquer manifestação de caráter cívico e entusiasmo de nacionalidade. Que os estrangeiros, transitoriantes, que aqui habitam, como escopo único de fazer fortuna, permanecem indiferentes a tudo que os rodeia, é lógico, porque não lhes sobra tempo para outra coisa e nem ouvem outra voz a não ser o tilintar do vil e

magnânimo metal! Mas nós, os brasileiros, sobre quem pesa uma responsabilidade de nação e de raça, não devemos permanecer indiferentes e inativos a tudo aquilo que diz respeito à nossa grandeza e à nossa glória.

Exemplifiquemos rapidamente o que acabamos de dizer: o Brasil inicia neste ano um trabalho que há muito devia ter sido feito, que é um recenseamento rigoroso, para positar, com cifras exatas, qual é, afinal, o número da população do país.⁶³

A política rasteira dos últimos tempos tem estrangulado todas as iniciativas proveitosas e todos os empreendimentos de benefício geral. Agora, que vamos ser alvo dos olhares e das atenções de todo o mundo, devido à passagem do primeiro centenário da nossa independência política, é que, parece, levaremos a um termo feliz esse feito de máxima importância.

É necessário que todos os brasileiros coadjuvem e canalizem os seus esforços, para que o recenseamento desta vez seja um fato que satisfaça o nosso orgulho de povo organizado e de país, onde a civilização, medindo, com seu compasso luminoso, o diâmetro colossal dos oito milhões de quilômetros quadrados, diga, às plagas transatlânticas, que nós aqui já não somos uma horda desenfreada e perdida na vastidão inculta e agreste dos pampas e dos descampados tropicais, mas sim um povo que há muito recebeu a graça bendita da cultura.

Façamos o recenseamento para ao lado da nossa grandeza territorial, contrabalançarmos com a potência da cifra. O recenseamento, como está o governo da Federação empenhado em levar ao cabo, prestará ao Brasil o mais extraordinário dos benefícios. Corrigirá uma infinidade de pequenos e grandes abusos cometidos à sombra da nossa bandeira, como sejam: estrangeiros aventureiros, aqui domiciliados, que registram os seus filhos nas suas pátrias, estrangeiros que desconhecem, embora vivendo por muitos anos em nosso país, a nossa língua e nossa história. E, com uma grande felicidade, eles se arvoram em cabos políticos, quando não degeneram em verdadeiros “empreiteiros de fraudes eleitorais”! Tudo isto acontece por que nós, brasileiros, ainda não amamos a nossa pátria o suficiente para sabermos resguardá-la desses males que muito depõem contra a nossa soberania e a nossa moralidade política.

Recensear que dizer nacionalizar, outorgando a cada indivíduo força e direito de cidadão que pertence a um povo congregado, que, por sua vez, forma uma pátria que

⁶³ O recenseamento ao qual o texto faz referência tem início em 1920, contudo só é publicado definitivamente em 1927.

ombreia ao lado das outras pátrias, sem delas menoscabar e sem por elas ser desrespeitada.

Sejamos grandes, para cabermos sem nos amesquinhar, dentro das nossas vastas fronteiras.

Euclides da Cunha, cérebro pujante, de arrojo esquiliano, que cantou, nas páginas dos *Sertões*, a vida, a natureza, a terra, o céu, os rios, as montanhas, os segredos da fauna e os mistérios da flora brasílica, tinha profunda razão quando afirmava “que o único inimigo do Brasil é o próprio brasileiro!”.

É chegado o momento! Mostremos ao grande brasileiro morto que o seu anátema tem pesado tanto sobre a nossa consciência que nós, envergonhados de sermos inimigos de nós mesmos, vamos agora cogitar de fazer a nossa reabilitação perante a sua memória póstuma. E de posse da dignidade que instigada por ele, vibra na alma brasileira, caminhamos galhardamente para novos horizontes, fascinados pela luz da nova madrugada, que desponta e flameja, marcando uma era maravilhosa de ressurgimento e de energia.

Brasileiros! Se há em vós ainda uma fibra da vetusta vergôntea dos antepassados que desbravaram com a força física as selvas, e conquistaram com a força moral os selvícolas broncos, não permaneceis indiferentes a esse gesto de reabilitação e conagração que o governo do Catete, conjuntamente com os outros governos dos Estados da República, querem levar a um fim útil e salutar.

Avante brasileiros! Patenteemos, de uma vez para sempre, perante o mundo, a força do número!

[Publicado em 2 de setembro no periódico *A Gazeta*.]

O amante de fogo

— Recordar é sofrer... É reacender o fogo bravio de uma paixão que durou uma eternidade de um minuto turbulento, bramante, dentro de nós!

Assim falava Olga, mulher de trinta anos, que nunca tinha amado.

Angelina, um pouco mais velha do que ela, escutava-a e mordia furtivamente, de espaço a espaço, a polpa sensual dos lábios.

Estavam num terraço que dava para o mar. Era de tarde, uma dessas tardes de fim de outono em que há pelo céu uma alegria de noivado e uma expectativa sôfrega, que anuncia a visita da primavera. Olga continuou com a sua voz que era um misto de raiva e lamúria:

— Tu não podes avaliar o quanto ele me desmoronou e quantas torturas me está fazendo sofrer! Eu vivia calma, alheia ao meu coração e esquecida do meu sexo e de repente, ele, o mago das carícias, apareceu no umbral do meu abandono e me arrebatou violentamente!

E devassando todos os meus sentidos, acordou a mulher que dormia em mim... Ah! Os amantes de coração são todos assim, duram o tempo que dura uma gota de orvalho dentro de uma corola. A minha alma, entibiada pela ausência de amor, foi abraçada pela sua que estuava e fremia de mocidade.

O seu verbo quente e dominador pôs-me os nervos em derriço e a alma em alvoroço. Não resisti! Aniquilaram-se-me todas as forças, oscilei inconscientemente, e de pálpebras cerradas caí enfebreçada em seus braços... Nesse momento o infinito palpitou em todo o nosso sistema vital! E os nossos lábios, no auge da ânsia, se uniram e se confundiram profundamente, como duas chamas.

Houve entre as duas mulheres um silêncio interrogativo. Angelina, como que na posse de um segredo comprometedor, afetando fugas de memória, fazia-lhe perguntas de coisas e fatos que muito longinquamente tinham relação com o assunto da conversa.

Olga, entregue à sua magoante recordação, não respondia.

Bailava-lhe no lusco-fusco da memória esfumada às vezes pelo ódio e aumentada às vezes pelo amor, a imagem perturbadora de Octavio, o amante de fogo, que lhe revelara num segundo, o augusto poema de ternura e amavio que há num beijo, quando as duas almas ciciando no mesmo diapasão, e vibrando na mesma intensidade, se entrelaçam acima da loucura e além dos sentidos! Olga, movendo negligentemente os

lábios, que pareciam guardar avaramente a saudade de outros lábios, retomou a conversa, menos agitada:

— A minha vida tem sido como esses lagos estagnados onde os pássaros não bebem e nem caem folhas. Olga manteve-se por momentos numa quietude distraída e, após um silêncio sutil, Angelina exclamou:

— És rica, Olga! Com o teu dinheiro podes dar curso a todas as tuas fantasias, satisfazer todos os teus caprichos, exhibir todas as tuas vaidades as mais recônditas. O maior dos sacrifícios o já fizeste: foi o teu casamento com Carlos. Pois bem ele é morto e de além-túmulo te perdoará tudo, até mesmo os desatinos que cometeres. A herança que te deixou é a paga material do teu sacrifício, coagida como foste pela tua família a contrair este matrimônio que te repugnava. Tu, num gesto de abnegação e de desdém, aceitaste tudo, porque era necessário refazer a fortuna de tua família, seriamente comprometida.

Olga, lutando para dissimular uma irritação nervosa, exclamou:

— Cala-te, Angelina; essa herança é como fogo infernal a queimar toda a minha vida! Melhor fora que esse homem, que só ambicionou a minha beleza física, nunca houvesse atravessado meu destino... Mas não lhe quero mal por isso, perdoo-lhe até os ímpetos do instinto que o levaram ao desatino de negociar com a minha família a minha futura felicidade. Ele só me revelou o que o homem tem de sensual e selvagem, portanto não me fez tanto mal como o outro, que fascina interiormente com a bondade que educa e com o espírito que eleva. Esse foi Octavio, homem de inéditos recursos, predestinado a deslumbrar todas as almas que se debruçarem na órbita do seu sonho, onde irradiava a sua alma, luz e perfume de sedução. Antes de o conhecer eu vivia indiferente a estes dois estados de comoção — felicidade e infelicidade. E hoje, depois de ter conhecido os inebriamentos da primeira, expio, angustiada, o amargor da segunda.

Há uma leve prostração de sentidos.

— A felicidade, minha amiga, é como essas joias caras de que só conhecemos o verdadeiro valor quando as perdemos. Nunca ser feliz, eis aí talvez a verdadeira felicidade. Octavio levou-me num momento de transporte e delírio e esse encantado país, a essa Atlântida imaginária do sonho de Platão — a felicidade! A minha estadia lá foi mais curta do que a viagem, mas foi o necessário para eu ficar deslumbrada. Ele, porém, seguiu adiante, em busca de novas emoções em outros lugares desconhecidos, e eu voltei a sós, com a calma entenebrecida e cheia de tédio...

Calou-se, extática, como a ouvir o eco das próprias palavras.

— A felicidade, essa terra longínqua, acabo de a conhecer; antes não a conhecesse!

Estabeleceu-se entre as duas um silêncio de fim de comédia.

— Invade-me agora a nostalgia dessa terra, disse Olga. E baixando a voz, num esmorzando de surdinas, terminou: — Começo a sentir a nostalgia da felicidade... Ah! Os amantes de fogo são todos fatais, todos têm o destino das chamas, admiráveis e trágicos!...

[Publicado em 1 de novembro de 1920 no número 114 da revista *A Cigarra* e aproveitado pelo autor no livro *Atitudes* (1922) posteriormente.]

ANO DE 1921**O Pai⁶⁴**

Luiz nascera desventurado.

Maria⁶⁵, sua mãe, concebera-o inconscientemente.

Na idade em que todas as jovens flertam inocentemente, ela, só na vida, já tinha uma noção acabada da maldade dos homens.

Não querendo levar a mesma vida que Maria Madalena antes de conceber Rabi, concentrou toda a atenção no filho e no trabalho.

Desorientada, a braços com mil contratempos, procurava um emprego mas o seu aspecto pouco a recomendava e em vão empregava todos os artifícios possíveis na luta pela própria manutenção e a do seu rebento.

Porém a força de bater em todas as portas que se lhe cerravam como se a quisessem condenar à fome, abriu-se-lhe, certa vez, a de uma fábrica de tecidos, em que ela havia trabalhado quando menina.

Alugou um quartinho no bairro operário e deixava ali o filho, durante o dia, aos cuidados de uma velha conhecida.⁶⁶

Luiz criava-se à lei da natureza, entre outras crianças espertas e desavergonhadas. Era ágil, astuto, vivo, como todas as crianças que vivem em liberdade

⁶⁴ O subtítulo “Conto de Natal” foi suprimido, pois entendemos que faz parte apenas da sessão específica do periódico, publicado em virtude da data comemorativa, e não do título do conto propriamente, ainda que sua trama tenha sido construída acerca da temática natalina. Aqui, utiliza-se como referência e texto base a última execução do conto publicada em 1926 no periódico *A Violeta* (MT), entendendo que neste esteve publicada a última versão do conto antes da morte do autor. A primeira versão deste texto, publicada em 1921 no periódico *A Novella Semanal*, de nome “Cristo”, encontra-se no acervo da Biblioteca Brasileira Guita e José Midlin, da Universidade de São Paulo e o Instituto de Estudos Brasileiros – USP conta com praticamente toda a coleção da revista. De mesmo nome e propósito da revista argentina *La Novella Semanal*, o periódico *A Novella Semanal* foi lançado em São Paulo no ano de 1921 pelo editor Clóvis Ribeiro após influência de Benjamín Garay. Outra versão foi publicada no ano seguinte, 1922, como parte do livro *Atitudes*, contudo intitulada “O filho de ninguém”. A temática natalina é explorada com o mesmo tom crítico que se vê neste conto em outra narrativa, não contemplada neste trabalho, contida no livro *A*, de nome “O dia triste dos meninos pobres”.

⁶⁵ Alteração do nome da personagem (chamada “Marieta” nas publicações de *NS* e *A*). Acreditamos que tal modificação resulte em uma aproximação mais assertiva com a figura bíblica Maria Madalena, comparação feita mais à frente no texto. Diferentemente das outras publicações, que explicitam a origem “rameira” da personagem, esta, ao convergir as duas personagens simplesmente, remete a este dado biográfico de Maria, personagem do conto, mais sutilmente, embora evidente.

⁶⁶ Nesta edição, baseada no periódico *AV*, o autor opta por suprimir tanto o bairro operário no qual Maria aluga um quarto, explicitado nas outras edições como sendo o “Belenzinho”, quanto a origem “napolitana” da velha conhecida, incumbida de cuidar de Luiz, seu filho.

e entregues aos próprios instintos, nos meios populosos, onde a sagacidade e a malícia bebem-se até no ar...

Longe dos carinhos maternos crescia como um broto nascido das raízes de uma árvore cheia de seiva. Confirmava-se a crença popular: filho do nada, reúne em si os germens de todas as qualidades!

Perto de sua casa, havia uma linda mansão⁶⁷ de aspecto alegre, propriedade de um casal de fortuna que tinha muitos filhos.

Todos os dias, pelas seis horas da tarde entrava o pai, e ao chegar ao portão do jardim, era recebido pelos filhos que saltavam ao colo contentes e alegres, chamando-o carinhosamente; Papai, papai! Luiz assistia àquele espetáculo de ternura e não podia compreender porque todos os meninos, menos ele, tinham pai!

A esta reflexão, começava a surgir do fundo do seu pequenino cérebro o primeiro vislumbre de raciocínio.

E tinha grandes tristezas e desejos infinitos de chorar...

A mãe, sempre empregada na fábrica, parecia haver tomado a vida a sério, como se quisesse refazer e apagar com um presente de sacrifícios e fadigas, todo um passado de desonestidade e ócio.

Aproximavam-se as festas de Natal, e Maria andava muito atarefada em confeccionar um traje para seu filho, com uma custosa casemira de um vestido que ela usara em tempos que já lá iam...

Quando a roupa que cosia lhe recordava o passado, a pobre mãe levantava-se lentamente e ia beijar a cabeça do filho adormecido.

Uma noite, faltavam poucos dias para o Natal, o pequeno despertou sobressaltado, chorando, chamando pela mãe, e em seguida, instintivamente pelo pai.

Maria, aflita, não sabia como consolar o filho e acariciando-o suavemente, disse-lhe:

— Papá⁶⁸? Sim, virá... Dorme, meu filho, papá está viajando. Mas virá para a noite de Natal com um sapatinho branco cheio de doces. Dorme, meu coração, dorme!...

Luiz reconciliou o sono.

⁶⁷ Alteração da palavra “casa”, utilizada nas edições de *NS* e *A*, para “mansão”, acentuando ainda mais a discrepância entre classes sociais com a qual se depara a personagem Luiz.

⁶⁸ Alteração da palavra “Papai”, utilizada nas versões de *NS* e *A*, para “Papá”, o que pode sinalizar uma realização mais próxima à italiana, expressando de modo mais característico, na própria fatura do texto, a origem imigrante das personagens. Ao contrário do que ocorre nas outras versões, em que este traço é levado ao leitor de modo mais direto, com recursos de contextualização feitos pela voz do narrador e, segundo entendemos, menos intrínseca ao conto, esta versão explora com mais naturalidade este dado, por meio da voz direta da própria personagem, enriquecendo, assim, a narrativa esteticamente.

Ela, para distrair-se um pouco, abriu a janela que deitava para um pátio cheio de roupas estendidas.

Olhou em torno, por toda parte reinava o mais absoluto silêncio.

Ergueu para o céu os olhos úmidos e contemplou a lua solitária que espargia uma claridade suave e monótona, como se fosse o olho de “alguém” que estivesse espiando aquela cena dolorosa...

No dia seguinte, Luiz, brincando com outros meninos, ouviu contar que na noite de Natal nascia o menino Jesus, e que iriam com os pais à missa do galo para ver o presépio.

Luiz, filho espúrio, era a personificação do fenômeno inexplicável para todos os filósofos que nutrem veleidades de nobreza e negam que haja no fundo da plebe qualidades geniais.

Além de não ter pai, arrastava consigo o tormento da precocidade! E a ideia de ver o pai crescer no seu cérebro, agravada fortemente pelo poder de sua consciência precoce!

Vinte e quatro de Dezembro. Céu estrelado. Meia noite...

Natal! Os sinos repicam nas torres de todas as igrejas. O bairro inteiro prepara-se para assistir à missa do galo. Algazarra em todas as esquinas, onde param os rapazes para ver passar as jovens que vão à igreja.

Não há flertes! O povo não perde tempo em coisas inocentes e inúteis.

Pares diversos falam do amor à distância fatal em que os lábios dizem palavras que são projéteis arrojados ao coração.

A agitação cresce à medida que as ruas se enchem de gente.

Luiz, que a essa hora dormia, desperta e como a mamãe lhe havia prometido que seu pai viria na noite de Natal, interroga:

— Mamã, não estamos na noite de Natal?

— Sim, meu filho. Dentro de pouco tempo nascerá o menino Deus.

— E papai, por que não vem?

— Papai não chegou ainda da viagem. Mas, fica tranquilo que ele não tardará a vir.

— É muito longe, onde foi papai?

Enquanto Luiz fala, a mãe procura um retratinho que tinha guardado, emoldurado num caixilho ordinário.

E levando-o aos lábios da criança, disse-lhe fervorosamente:

— Beija-o, meu filho, é o retrato de teu pai!

Luiz aperta-o ternamente de encontro ao peito, e, apoiando a cabeça sobre o travesseiro, balbucia:

— Papá..., papá..., papá!...

Em seguida adormece religiosamente, com o retrato de Jesus Cristo sobre o peito.

A mãe soluça aos pés da cama e implora com fervor:

— Jesus! Pai de todas as criaturas que não têm pai... sê na noite de Natal o pai de meu filho!

[Publicado em 16 de julho de 1921 no número 12 da revista *A Novella Semanal* e aproveitado pelo autor no livro *Atitudes* (1922) posteriormente, com pequenas alterações, foi, ainda, reformulado para publicação no jornal *A Violeta* em 1926, com grandes mudanças nesta última passagem.]

“Os Caboclos”

Valdomiro Silveira, nome suficientemente conhecido no mundo das letras, rompendo com longos anos de modéstia, acaba de publicar, editado pela casa editora Monteiro Lobato & Cia., um livro medularmente brasileiro e genuinamente paulista.

Falar de Valdomiro Silveira é tarefa que requer um longo e apurado estudo, tanto da sua personalidade moral como intelectual.

É advogado e nesse mister nunca deu margem a que se lhe apontasse o mais leve deslize que depusesse contra a sua robusta honestidade.

Valdomiro, como todos o chamamos na intimidade, é um desses homens dotados desse fluido interior, que irradia espontaneamente sobre todas as pessoas que dele se acercam.

Apesar dos seus múltiplos e vastos conhecimentos, nunca tomou uma atitude insolente de mestre para transmitir a outrem aquilo que adquiriu com longos e longos anos de estudo num contínuo holocausto, cirandando livros e mais livros pelo crivo do seu cérebro, que lhe proporcionaram, num trabalho lento de assimilação, um cabedal de cultura máscula.

Não se tem notícia que tenha algum dia ostentado o mais tênue vislumbre de cabotinismo!

É um sereno na vida, apesar da profissão, e a sua arte é também um prolongamento dessa mesma serenidade.

Visto através de qualquer prisma é sempre o mesmo homem, inteiriço no caráter e perfeito no intelecto.

É um retraído por convicção e não por timidez.

Vive a máxima de Taine: “espalha a tua obra e esconde a tua personalidade”.

E assim fez.

O seu livro “Os Caboclos” é um atestado eloquente não só do quanto ele é intelectual, mas também do quanto é brasileiro.

É, como disse um outro grande escritor e irmão, Agenor Silveira —“Valdomiro Silveira com a só publicação de “Os Caboclos”, vai ensinar muita coisa do Brasil aos brasileiros de agora”.

Nesse livro ninguém como ele soube focalizar aspectos da vida dos caboclos do nosso *hinterland* paulista.

E fez mais: tratou da vida dos caboclos, sem ódio e rancor.

Descreveu-lhe a vida em toda a sua rusticidade e a alma em todos os seus anseios, na sua esplêndida e brutal realidade, sem ridicularizá-los e diminuí-los naquilo que são!

Fez obra flagrante de verdade, além de profundamente humana!

Os seus personagens, quando falam, falam como pensam e nunca falam como pensa o escritor que, para ser fiel, soube integralizar nesse meio com a ótica da sua observação límpida e apta para fotografar com precisão única todas as cenas que observou e que alfim estereotipou, de acordo com a terra, o meio e o homem.

E não se diga que Valdomiro fez simplesmente obra visual; não.

Porque ele não só viu os caboclos, mas chegou até mesmo a senti-los, se tal pode afirmar, dentro do halo da sua visão.

É, enfim, um livro uno, coeso e completo, tanto pelo esmerilhado da forma, que é de uma simplicidade modelar, como pela efabulação e desenrolar do assunto, de uma precisão como não há outro no gênero escrito até hoje no Brasil.

“Os Caboclos” é um livro que fica, no acervo da nossa literatura, à margem, ocupando um lugar de destaque.

E ao lado de Paulo Setubal, com a “Alma cabocla”, e Monteiro Lobato, com os “Urupês”, forma Valdomiro da Silveira com “Os Caboclos”, marcando uma era de ressurgimento literário e de independência mental do Brasil.

[Publicado em 25 de janeiro de 1921 no periódico *O Comercio de Campinas* e aproveitado pelo autor no livro *Atitudes* (1922) posteriormente.]

(Capa do livro *Atitudes*, 1922)

ANO DE 1922

Palavras amargas

A um literato rico.

A sinceridade é um luxo que só é permitido, como os diademas e a autoridade, às mais elevadas categorias, a quem é permitido dizer as verdades por não terem ninguém acima de si aquém adular ou com quem se conformar. Todo homem isolado é sincero. Quando entra outra pessoa, começa a hipocrisia. — Emerson

*Iludido Jayme de Torrealta*⁶⁹:

Escrevo-te com palavras amargas, porque elas se prestam melhor a traduzir a sinceridade.

Bem sei que ser sincero é ser grosseiro; mas para romper a espessa atmosfera de ilusões que te envolve e domina, sou forçado, neste momento, a recorrer a tal arma. Doutro modo, não poderia a minha sinceridade atravessar a cortícula da tua encruada vaidade, a fim de te ferir justamente no âmago.

Somente assim, meu inefável, lograrei consumir o meu *desideratum*⁷⁰, que é o que deve ser sincero. Não estranhes, pois, se as palavras e os conceitos desta carta, inçada do agridoce da ironia e da saburra desagradável do sarcasmo, condimentada de perfídias e cinismos, perturbarem o jardim silencioso da tua alma, onde os pavões mirabolantes da vaidade espalmam o leque furta-cor da sua cauda insolente.

Sim, é necessário que saibas que és uma vítima dos tais pavões a que acabei de aludir...

Do alto estapafúrdio das tuas polainas, e mumificado através da lasca do teu irritante monóculo, que tem o desdém pretencioso de destilar indiferentíssimo sobre o meio ambiente e circulante, grávido de hipocrisias, julgas dominar a vida? Puro e lamentável engano!

⁶⁹ Muito provavelmente seja um nome fictício e irônico pela escolha do sobrenome Torrealta.

⁷⁰ Tradução livre: desejado.

O *acaso*⁷¹, esse pseudônimo de Deus, como disse Gautier, fez de ti um homem rico, e depois agravou a tua situação fazendo-te um homem de letras!

De uns meses a esta parte, a mentalidade paulista, tomada, como foi, da ânsia de assaltar a glória e forçar com o pé-de-cabra da audácia deslavada e manhosa as portas da cidadela da Imortalidade, deu em parturejar um livro caxingó em cada quinze dias. E tu também quiseste, com um gesto castiçamente deselegante, figurar na galeria dos parturientes; com o *fórceps* do teu dinheiro, os prelos geraram desesperadoramente, num parto infeliz, e deram à luz do sol da Pauliceia o teu livro, — aborto teratológico concebido na câmara escura do teu heráldico bestunto. Não afrontou o ridículo essa tua mania, mas afrontou a indiferença, que é pior ainda.

A tua silhueta de dândi pretensamente letrado, quando passa por entre os homens, desperta em todos uma galhofa surda, recalcada no fundo da malícia, e que escapa à tua argentaria argúcia. Nessa ocasião, o teu nome é murmurado em surdina, acompanhado de beliscões morais e crivado de farpilhas envoltas em laçarotes de vermelhos adjetivos lanciolantes. Se nesse momento, porém, a tua figura, que carrega uma alma de manequim, enfrenta o grupo, como a querer lamuriar a sede de glória que arde no teu íntimo, não percebes a estupefação que tolhe a voz e os gestos de todos. E passas convicto de que aquele silêncio foi uma manifestação espontânea de admiração. Como a tua ingenuidade é irritante! O insulto velado, amordaçado pelo açaimo do convencionalismo, cantou aos teus nababescos ouvidos como poema de comovidos louvores.

No mundo do bom tom, da galanteria, os teus gestos ritmicamente estudados, e mais a cenografia da indumentária, sugestionam e vencem, com o dinheiro; abres portas que dão para todos os salões do mundanismo; mas, no mundo literário, desprovido como és da chave do talento, não consegues abrir uma portinhola!

Ser um bom rico é mais fácil do que ser um literato. Já pensava assim o teu particular amigo, o conselheiro Acácio.

A tua formidável boa-fé, e a pueril confiança depositada nas dunas movediças dos elogios de falsete, alardeados pelos amigos exageradores, fizeram estraçalhar a tua ótima ingenuidade pela rampa acidentada desse declive enganador, que tem por fundo um fojo trevoso, onde dorme a fauna variegada de todos os ridículos.

⁷¹ Marcação do próprio autor.

Aos teus amigos, num grande desprezo pela tua figura humana, não lhes doeu a alma, ao te arremessarem nesse fojo em cuja borda todos os que passam riem da tua caricata pessoa.

Ninguém se atreve a ter piedade de ti, expondo-te a tua própria situação. Seria isso um insulto ao teu dinheiro. Mas, se fosses um literato pelitrapo, desses que almoçam sem nenhuma lembrança do último jantar, amaldiçoados pela sorte bruxa, não te faltariam críticos conselheiros, amigos guiadores. Tens aquilo que mata nos homens a sinceridade, e por isso não há um que se atreva a dar-te um conselho.

Confiaste em demasia nos outros, porque te faltava o hábito de confiar em ti mesmo!

O teu bem-estar material e o teu excesso de conforto obumbraram-te a ótica da análise.

Vês os homens sem perfídias, julgando que eles também procederão da mesma forma para contigo.

Sinuosa miragem!

Nunca encontraste no teu caminho algum desassombrado que, arcando com o minúsculo fardo do teu desprezo, ousasse ser sincero. Nunca!

A tua conduta admira-me, porque afinal de contas, não és totalmente cretino. O bom senso dos medíocres ainda não se extinguiu em ti.

Grande egoísta, não te bastavam as mil e uma regalias que o dinheiro vem de proporcionar-te pela vida afora?

Não! Quiseste, num gesto manque de cabotinismo, sair da obscuridade burguesa que entenebrecia a tua confusa personalidade. E publicaste o indigesto cartapácio que meia dúzia dos que se dizem teus amigos leu com enfado e de que a maioria não tem sequer noção de tal ignomínia impressa. Publicaste para mostrar que sabes escrever, porém São Paulo está cheio de imbecis que julgam saber escrever. De grafomonos está a Pauliceia repleta: em cada repartição pública há um literato inédito, que para escrever livros que ninguém lê, como o teu, molha a pena no marnel da própria vaidade.

Feliz daquele que, tendo escrito um livro para passar o tempo, por mero diletantismo, esconde, sigilosamente, o fruto das emoções, dos olhos da maioria dos mortais!

Feliz dos que têm notícia da própria mediocridade!

A esses, a ironia chula dos pérfidos não os ferirá.

O teu descrédito no mundo das letras é formidável, embora os incensadores digam o contrário. Não soubeste esconder, como era devido, a tua brilhante mediocridade; por isso pensas absurdamente que és um homem que carrega a glória, quando a verdade, que todos cogitam esconder aos teus olhos, é bem outra. A verdade apunhaladora é que és um homem falho de senso crítico, de acanhado temperamento artístico, cultura vulgar, imbuído de literatice, dessa que alucina os colegiais e os provincianos.

Amigo, medita um pouco sobre a tua jocosa situação, e depois isola-te o mais que possas, a fim de reabilitares na solidão a pequena vaidade com a tua imensa ambição.

A crítica oca, feita por meia dúzia de paspalhões atacados da peste do intelectualismo, proclamou em todos os diapasões as Excelências que não existem no teu livro. Os desalmados, na lavra do exagero, não procuraram estabelecer premissas, para chegarem a uma dedução mais ou menos razoável, a fim de se ver em que altura devia figurar o teu talento, na escala dos valores!

Nada disso foi feito. E o teu livro, que ninguém lê, porque tem a grande qualidade de não interessar ao mais insignificante habitante desta capital, foi rotulado, por esses criticóides, de esplendido e maravilhoso. Como a sinceridade teve medo do teu dinheiro!

Mudando de tom: não há uma só pessoa, sob o céu da Pauliceia, que se atreva a negar-te talento! E tu, na verdade, não és um homem de talento. És, quando muito, um homem futilmente brilhante; e com esse brilhantismo, tiveste a petulância de escrever um livro falso, postiço, que não reflete a grande vida que turbilhona cá fora, amarga e agitada, onde os homens se contorcionam na febre delirante dos interesses e do egoísmo que os impulsiona na ânsia bárbara de se devorarem mutuamente. Longe destes fenômenos foi urdido o teu desalinhavado volume.

Tudo é fantasioso nele. A única verdade que ele projeta é a tua existenciazinha passada entre paredes doiradas e ambientes pacatos, onde o rumor mais sensacional é o de um bocejo distraído.

Falta paixão, tragédia e sofrimento no teu livro.

Escrever um livro é um trabalho fácil, mas criar um livro, como disse Ibsen, é um trabalho difícil.

Ninguém te odeia, ninguém te combate! Rubinstein exclamou um dia: — “Tem-se a medida exata do valor de um literato, contando o número de medíocres que se

coligam para o derrubar”. Ora, não havendo quem se coligue para te derrubar, quer dizer que tu não existes na esfera das letras...

[Publicado no livro *Atitudes* (1922).]

Chapéu Verde! (Tentativa perversa de conto)

Poderia começar este conto, para armar a efeito, de um modo um tanto romântico, em vista de ser esta escola uma coisa tão apreciada no Brasil. Não querendo invadir a seara de Marinetti, não me posso furtar à fascinação de emprestar a este conto truncado uns laivos azul-ferrete de futurismo.

A história é complicada, como são todas as histórias em que os personagens de caracteres imprecisos fogem à ótica focalizadora da análise; é complicada, mas vou contá-la de um modo mais simples possível, pondo de lado a corja indiscreta dos adjetivos agudos e verrumantes. Para a boa execução desta tarefa, sinto não ter um estilo aguado de jornalista manque, ou repórter que, à força de escrever mal, aprendeu a narrar fatos policiais com uma tal ou qual perícia.

Ele, ou por outra, o personagem desta tentativa de conto, vive em toda a parte, no Rio, e até mesmo em São Paulo. Ela, personagem *pivot*, é neta legítima de Messalina, e vem conspirando contra todas as leis do deplasmamento psicológico através dos séculos, trazendo no sangue a mesma morbidez luxuriosa da esposa de Claudio, o infeliz imperador romano que gostava de ornamentar a sua casa com pequenas estatuetas do chifrudo touro Ápis, que para ele eram mais um símbolo, uma alusão direta à sua própria vida, do que mesmo objetos de arte.

Ele, ambiciosíssimo, quando se libertou do período pubertário das rajadas românticas, aproximou-se, como gato sorna, d'Ela, que morava na mesma cidade, e, se não me falha a memória, na mesma rua. Sapequinha a valer; conhecia já o tato digitálico de uma aluvião de noivos e namorados. Tudo isto, porém, não lhe abalou a reputação de moça séria, educada nos mais austeros princípios emanados do seio tradicional da sua religiosa a família.

E o ambicioso, sabendo tudo isto, fez ouvido de mercador, e tratou quanto antes de se despencar nas boas graças da meninota, e um belo dia, desses belos duas que marcam uma época na vida de um homem, catrapus⁷², casaram-se que foi um gosto!

Não conheciam nenhum entrecho de novela francesa, dessas que o assunto é todo um *baile em torno de uma cama...* mas, assim mesmo, tanto pelo indiferentismo d'Ele, como pelas exigências, etc., etc., etc., d'Ela, acharam que era moderno, e até mesmo cômodo, transformar o lar num *ménage à trois*!

⁷² Em termos gramaticais, esta palavra funciona como uma interjeição no texto.

E sem se darem por achados, viveram assim muito tempo, até chegarem aos nossos dias.

Ela sempre pompeando, à sombra do contrato social do casamento, o seu messalinismo de potranca árdega. Ele, que alguns murmuravam em surdina, chamando-o de *coitadinho*, sentia-se bem, porque o seu fim único na vida não era, como não foi, encontrar a felicidade no casamento, mas sim, dar expansões a toda a sua eloquente e feroz ambição que ganhava no seu fundo de homem-rotina, que anda em pé graças às leis do equilíbrio, porque a sua verdadeira posição deveria ser outra bem diferente...

O povo murmurava em cochicheios maliciosos, fazendo mil e uma suposições a respeito da honestidade d'Ela e o sobrecarregado frontispício d'Ele.

Insensível, porém, a todos os falatórios e parolagens de esquinas e reuniões, o homenzinho ia triunfando, galgando alturas e mais alturas nas diversas esferas sociais, como sejam jornalismo, política, literatura e outras tantas aspirações que guardava sopitadas, à espera da oportunidade mais imediata e viável.

De João Ninguém passou a ser um João Muita Coisa!

A mulher somente sabia que o seu marido vivia, quando à noite, nesse aconchego lamecha do lar, Ele, entre medroso e hesitante, chamava absurdamente de filha a Lirys, criancinha que recebera na pia batismal o seu nome.

Somente um indivíduo dotado de alma audaciosa, que fazia trocadilhos e piadas perversas num jornal que havia na cidade, atreveu-se a fazer de uma feita uma piada alusiva ao nosso homenzinho, que por cúmulo do caiporismo tinha predileção pelos chapéus verdes.

E o engraçado exclamou de uma esquina, quando ele passava: — “Chapéu verde! Esperança de aumentar ainda mais a substância córnea que prolifera, de parceria com os cabelos, no frontispício do homem que não se importa com a vida de sua mulher...”.

Os que ouviram a deliciosa piada riram gostosamente; somente Ele, já por cima na vida, e com todas as suas ambições satisfeitas, passou pisando firme, sem esboçar sequer um furtivo sorriso.

[Publicado no livro *Atitudes* (1922).]

A força da ironia

Na arte da palavra escrita, quando se quer arrastar alguém à via pública da amargura ou colocá-lo na berlinda do deboche ou do ridículo, basta apelar para o poder acutilante e corrosivo da ironia.

Para reduzir ao silêncio a mais perfeita mediocridade e a mais completa criatura entalhada no papelão da vaidade, não se conhece outra arma mais adequada, aguda, verrumante e incisiva do que ela.

O escritor que tiver a ventura de possuir o estilete lampejante da ironia, é temido, admirado e odiado ao mesmo tempo. Temido e odiado por todos os míseros que são a personificação do ridículo, da mediocridade e da mais crassa canalhice e que, independentemente da vontade do criador e do resto da humanidade, vivem a diminuir, a amesquinhar, a malbaratar com a sua presença os valores da vida e da beleza do universo.

Sobre o lombo destes desgraçados é que a seta da ironia penetra gostosamente!

E é admirado pelos homens de vida limpa que sabem viver com uma certa elegância moral e conduta irreprochável.

Destes, a ironia se desvia como uma esferazinha de borracha e vai bater adiante, onde os medíocres e enfatuados formam a muralha cinzenta do ridículo.

Os que discrepam da boa conduta e, no seio da coletividade, claudicam das normas gerais da existência e dos hábitos comuns, vegetam numa tortura constante e numa inquietação perene, porque sabem que no momento fatal em que defrontarem um esgrimista da ironia, estão perdidos para o resto da existência.

Por isso é que os grandes maneжadores dessa arma ocupam, na galeria literária de todos os tempos, um lugar proeminente.

E séculos e séculos de humano ridículo engendram número suficiente de ironistas que vão à margem dos costumes, dos vícios e das virtudes anotando, analisando tudo com a sua pena ferina.

Desgraçado do povo que não contar em seu seio com alguns desses homens!

Alguém já disse que os escritores que brandem a ironia são maléficos; mas se eles não existissem veríamos a humanidade reproduzir torpemente o grande dilúvio da era jurássica, com a diferença de que naquela época todos pareceram sob a inundação de enormes volumes de água, e agora morreríamos cristianíssimamente sob o dilúvio do ridículo!

[Publicado no livro *Atitudes* (1922).]

A Calúnia

Você já pensou sobre o que é a calúnia? Certamente que já, mormente sendo você um homem batido na rotunda da vida por todos os vendavais...

A potência da calúnia é como a força insidiosa dos tentáculos do polvo: acaricia com ternura a presa, para depois cingi-la entre os viscosos liames e lentamente gozar a volúpia do mal.

A calúnia nasce na sombra e se arremete contra quem quer atassalhar, de um modo vago, indeciso, de forma amorfa, misto de lesma e de infusório; o seu fim capital é ferir, mas ferir sem tomar uma atitude, sem dizer quem é, contanto que desmorone, aniquile a sua vítima, que lhe proporciona ensanchas para vergonhosas gargalhadas!

Há criaturas tão ignóbeis na vida, que inventam calúnias com a mesma facilidade e perícia com que Fregoli executava os seus trabalhos de transformismo e prestidigitação.

Fizeram da calúnia uma muleta e vivem escorados nela toda a existência; no dia que lhes faltar essa muleta, rolarão por terra, como um fruto podre, que além de não prestar exala mau cheiro. A calúnia soez é sua razão de ser, o seu fim, o seu princípio e a sua modalidade única.

O caluniador passa pela vida encerrado no aprisco sórdido do seu egoísmo, achando defeitos em toda a gente, falhas em todos os indivíduos, mazelas em todas as criaturas, mesmo nas que são fisicamente e moralmente mais limpas do que ele. Passa pela vida como aquele personagem de Kalidassa, atirando lama às estrelas, sem perceber que essa lama lhe borrija a própria cara.

[Publicado no livro *Atitudes* (1922).]

Três dias em que toda gente muda de máscara

Oh! O Carnaval!

Delírio, nevrose, cólera, febre, deboche, insolências, malcriações, imbecilidades, calinadas, cachorradas, absurdos, vaías, apupos, ironia soez, sarcasmo carroceiral! Toda a fina flor da cretinice, todas as maravilhas da ignorância, todas as belezas da falta de gosto e compostura, todos os ridículos saem à rua, entrelaçados, confundidos, aos pinchos, aos berros, aos pinotes, aos saracoteios e às galhofadas⁷³!

É a festa magistral da besta que acorda dentro de cada folião!

A loucura invade, alastra, domina, impera, sobre a floresta emaranhada da multidão que tumultua, com os nervos satanizados, na bacanal presidida por Momo!

Saltam para a rua, nos três dias de carnaval, milhares de indivíduos que o ano inteiro outra coisa não fizeram senão esconder atrás da máscara lugar-comum — a cara, sentimentos, vocações e miríades de canalhices dissimuladas. Trocam a máscara, e exibem-se tal qual como desejariam ser o ano inteiro.

A gentalha que nada faz no capítulo das indecências, nesses três dias, narcotizando um resto de vergonha que dormita no abismo das suas entranhas, passa descaradamente a fazer tudo. Todas as castas sociais resvalam na sua altura até ao atascadeiro, onde a população rebrama de bebedeira carnavalesca. Os homens pedem tudo, as mulheres não negam nada...

É a epopeia do exagero, a tragédia bufa dos instintos! Todos se conhecem, e todos, alapardados atrás de máscaras, perguntam idiotamente:

— Você não me conhece?

E esta exclamação é proferida por uma multidão inteira que está cansada de se conhecer e se destetar.

Tudo se gasta a rodo. A Miséria, fantasiada ricamente, esquece-se dos seus tugúrios e das suas longas privações.

A Usura, mascarada de perdulária, vem à praça pública gastar as suas economias de duvidosa procedência.

Esplêndido, maravilhoso o Carnaval!

O Triângulo transforma-se num verdadeiro desfileiro de doiradas aberrações.

E como, nesta terra de fazendeiros, tudo se improvisa, nas três noites do delírio máximo passam apitando, cantando, gesticulando, a pé e de automóvel, moças que

⁷³ Críticas acerca do carnaval também são frequentes entre os escritores anarquistas do período.

distribuem volúpias e velhas que destilam concupiscências. E pondo uma nota jocosa e hilariante passam, de roldão, mendigos fantasiados de fazendeiros e fazendeiros fantasiados de mendigos!

E a loucura triunfa, estrangulando 365 dias de tédios e aborrecimentos!

[Publicado no livro *Atitudes* (1922).]

O Fanfarrão

O fanfarrão é o produto híbrido dos grandes centros, o que não impede que as pequenas cidades também possuam tal produto, porque eles quase sempre são atacados do delírio ambulatório e por isso há-os em toda parte. S. Paulo também se orgulha de possuir, em seu seio, uns tantos ou quantos fanfarrões de diversas cores, raças e idades.

É sempre um indivíduo dotado de uma audácia de felino e do cinismo bonachão do macaco; é um indivíduo em transição: vem do baixo caldeiro social e traz a válvula da sua ânsia constantemente aberta, deixando transparecer todo o seu imenso desejo de mudar de condição de vida e escalar esferas sociais superiores àquela a que o nascimento plebeu o condenou a viver.

O fanfarrão é divertido às vezes, sendo ele a mentira ambulante, toma sempre atitudes e ares de quem quer falar verdades. Mas as suas verdades só conseguem provocar a chufa e a galhofa, porque através de todas elas percebemos o sujeito escondido atrás do biombo da mentira.

Quase sempre são enfadonhos e faladores da vida alheia; raramente são discretos. São todos uns desgraçados, dotados de uma regular dose de mediocridade, falhos de cultura, de compostura e de bom senso: são pobres diabos, mais pobres do que os diabos. Todos se julgam um caso de alta investigação psicológica, porque afinal alardeiam uma certa complicação que não possuem e uma vida cheia de regalias que nunca tiveram.

O fanfarrão é o amigo de toda a gente que nunca foi seu amigo; passa pela rua, sorri a todos os desconhecidos, cumprimenta a cada passo, sempre meloso e cheio de frases estudadas. A única criatura que ele detesta, com toda a força da sua fanfarronice, é outro fanfarrão como ele...

Entre os fanfarrões não se confirma a lei química de que os elementos da mesma espécie se atraem; não, eles se repelem e até mesmo se guerreiam; são afinal uma classe desunida!

Todos os seus gestos são imitados, assim como todas as suas façanhas; as de ordem amorosa são repetições de romances baratos e cópias deturpadas de proezas de outros indivíduos que caíram na asneira de lhes contar uma aventura.

Falsos que nem a mão do diabo, embusteiros como os personagens de Molière, argutos como o caramujo, que atingiu a perfeição de carregar a própria casa ao lombo. E

eles, não tendo casa, a maioria das vezes, a golpes de pouca vergonha e de lábias, penetram sem a mínima sem cerimônia em todas as casas.

Ninguém lhes tem ódio, porque se como amigos não valem nada, como inimigos tanto menos.

Inegavelmente são felizes, mas dessa felicidade boba, que não inspira inveja a ninguém. Sabem que são maçadores e inconvenientes, mas, não obstante isso, não perdoam a ninguém; vivem à toa, escorraçados, gentilmente, de todas as partes. Inspiram piedade e comiseração; razão pela qual ninguém os desacata.

Possuem a moral dos ladrões e dos detetives, e por isso se acham bem em toda a parte, pensando que são as criaturas mais úteis da terra...

[Publicado no livro *Atitudes* (1922).]

A deliciosa perversidade de Monteiro Lobato

Monteiro Lobato, o flamulário da ironia, é, em terra de Piratininga, uma afirmação esplêndida de rebeldia literária.

A sua personalidade literária, solidamente definida e organizada, desde o dia do seu aparecimento, despertou entusiasmo no ânimo de toda gente, fazendo com que fosse focalizado pela atenção das camadas cultas, de norte a sul do país. O seu temperamento de criador que observa, de fantasista que vê a vida em todas as suas amplitudes e modalidades, e de romântico que conhece as fraquezas lamechas do amor e as virulências descalabriantes das paixões, sempre se manteve integralizado dentro de sua personalidade, fiel o mais possível à sua visão e ao seu *eu*, livre e rebelde a toda e qualquer influência estrangeira.

Sempre desdenhou as escolas e menoscabou as atmosferas asfixiantes desses ambientes onde prolifera, assombrosamente, o cego e minúsculo elogio mútuo e imperam os cânones das artes e estéticas oficiais. O seu principal característico é a independência, assim como a sua grande tendência dentro da literatura é a de fazer arte pessoal e rebelde mas que diga alguma coisa e reflita o mais possível o meio, a terra e o homem.

Emancipou-se de tudo e de todos!

Conhece a língua portuguesa com proficiência, e escreve como bem lhe parece, contanto que traduza aquilo que quer dizer de modo o mais agradável, variado e interessante. Conhece a literatura francesa profundamente e não se deixou escravizar pelo que ela tem de medíocre e de sublime. Conhece a Grécia de Homero e de Venizelos, e confessa francamente que conseguiu matar a Grécia na sua arte. A salvo todas estas tutelas mentais, ele se pôs de tal modo, e com tanto talento, que o crítico mais ferrenho e coscuvilheiro não lhe apontará descalabros nem absurdos, por ter tomado uma atitude hostil contra todos esses padrões estéticos, de procedência duvidosa, que há muito desindividualizam a maioria dos escritores brasileiros.

Os bonifrates da crítica choca e os escritorescos, possuidores de muita formúncula gramatical e de nenhum temperamento artístico, clamam esturdiosamente que ele abusa do neologismo, do termo ambíguo e de expressões bárbaras, recém elaboradas no ventre da idiotice popular!

Tudo isso é verdade! Mesmo porque ele não escreve para *iluminados*, e o seu propósito único é escrever para o povo; por isso o seu vocabulário é chamejante, as suas

expressões são contundentes, argutas, psicológicas, espirituosas, cáusticas, incisivas, mordazes, audaciosas, demolidoras!

Sendo a sua linguagem viva, agitada, colorida, consorciada numa perfeita afinidade com o seu temperamento, resultou um instrumento de expressão original e inconfundível que lhe facilita dizer tudo com elegância e bom gosto, sem tomar atitudes pernósticas e mirabolantes de quiosque embandeirado!

Todos os livros de Monteiro Lobato são caldeados sob a comburência vulcânica de uma certa linguagem aguda e verrumante, onde o leitor estaciona a cada passo para admirar a gama dos imprevistos, composta, ora com seu sarcasmo doloroso, ora com o seu *humor* variado, faceto e salutar, ora com a sua ironia deliciosamente perversa!

[Publicado no livro *Atitudes* (1922).]

“Alma Cabocla”

Paulo Setúbal, o incomparável cantor da “Alma cabocla”, é um poeta que ocupa um lugar à parte entre os poetas da atual geração que marcham vertiginosamente pelo desfiladeiro da glória, rumo ao ideal.

Ocupa um lugar à parte porque, sobre ser grande e verdadeiro poeta, é dotado de uma ausência de cabotinismo que, longe de lhe apagar o brilho, mais o reaviva e o intensifica.

A sua alma de poeta, na acepção homérica da palavra, lampeja, corusca e faroleia, do fundo da penumbra elegante da sua modéstia, de tal modo que até chega mesmo a perturbar o brilho falso e as reverberações imprecisas dos que, acavalados no ginete do cabotinismo, galopam furiosamente para a notoriedade, abrindo passagem a golpes de audácia e estonteante e alardeadoras clarinadas.

A sua poesia é bem a poesia do Brasil, porque nela há muito sol e luar dos trópicos, murmurâncias de selvas, murmurilhos de arroios, mistérios de penumbras, realidades de clareiras, aromas de veludas e desonduladas campinas, perfumes de almas fundidos e misturados com perfumes de gleba e amores silenciosos, medrosos, furtivos, da gente rude, que se acostumou a ser boa em contato com a grande bondade da terra e aprendeu a amar dentro do Panteão da Natureza.

Apesar dos bizarrismos mórbidos e estapafúrdios que de há muito lavram, desvirtuando e degenerando a veia poética dos poetas do Brasil, a ponto de cantarem alheios a tudo quanto os rodeia e os envolve, Paulo Setubal, herdeiro de uma lídima infibratura de robusta, eloquente e seivosa poesia, encerrando entre as muralhas do seu temperamento, resistindo heroicamente a todas as maléficas influências infiltradoras, faz poesia refletindo a nossa ética, como todo o corolário das suas ânsias desordenadas, violentas, mas afinal profundamente nossas e ardentemente brasileiras.

Poesia é sentimento e o autor de “Alma cabocla”, fazendo deste postulado artístico o seu padrão, o seu ponto de apoio, sem procurar e sem pedir assuntos e motivos além das nossas fronteiras, conseguiu plasmar uma poesia em que palpita, vibra, estua e anseia a alma da nossa gente em toda a sua plenitude e desdobramento — rugidora, violenta, bárbara, nas rajadas de volúpia; e terna, suave, melancólica, dulçurosa, nos desfalecimentos de tristezas, de dores e de sofrimento.

Artificialismos em sua arte não encontraram guarida, da mesma forma que aquilo que ele não sente também não canta. Livro singelo, onde se sente a presença onipotente e comovedora da verdadeira e alta poesia!

Setubal é simples, sem ser banal; meigo, sem ser lamecha; voluptuoso sem deslizar pelo declive estafante e cediço do sensualismo.

As suas estrofes, entretecidas de brejeiro feitiço, de langorosos amavios, insinuam-se e penetram lentamente, silenciosamente, como uma carícia musical de luz, dentro da alma de quem as lê.

Enquanto os livros que refletem esta ou aquela escola, este ou aquele modo de versejar passam, desaparecem, sem deixar na memória de ninguém o marco da sua passagem, “Alma cabocla” fica e timbra nos sentimentos, marcando no Brasil uma etapa que muito nos orgulha, porque representa um livro de poesia genuinamente nossa.

Livro excelente, que vale só por si por quantos livros de sensações falsas e amaneiradas têm aparecidos nos últimos tempos.

Poderia Paulo Setubal poetar como a maioria dos nossos poetas, mas o acendrado amor que tem à nossa gente levou-o a pôr galhardamente o seu coração de poeta a serviço do vasto e bramante coração da Pátria!

[Publicado no livro *Atitudes* (1922).]

Um grito no deserto

Ao Nilo Costa, magnífico camarada, belo talento de panfletário – esta rajada de indignação.

O grau de cultura de um povo aquilata-se pelo número de jornais independentes que o mesmo possua.

O jornal independente exerce sobre a consciência popular uma influência extraordinária; orienta, informa, ventila causas justas, espalha opiniões e normas de benefício geral e vai assim alicerçando lentamente no seio da coletividade o senso da justa medida para julgar as coisas da vida e o hábito da lógica para analisar tudo quanto existe.

É verdade que a imprensa desinteressada e honesta só acarreta sacrifícios e outras dificuldades.

Na formação do caráter de um povo ela desempenha o papel predominante, e todo o povo que tiver a desdita de não a possuir, está fadado a passar pelo vexame de ver a balança da sua justiça transformada em prato sórdido de balança de algibebe, onde os políticos relapsos, mancomunados com jornalistas leiloeiros da consciência, pesam o produto extorquido do povo incauto.

No Brasil esta imprensa prolifera assombrosamente, não só nos grandes centros, onde afinal já há certo grau de cultura, mas nas pequenas cidades de todo o interior do país.

No Estado de S. Paulo, por exemplo, há, em todas as cidades do interior, um jornaleco fundado por esta ou aquela facção política, por este ou aquele grupelho de indivíduos para explorar, chantagear, traficar, latrocinar, ludibriar, mistificar, patenteando sempre que a razão não é de quem a tem nem de quem tem talento para ter, como diz o brocardo, mas sim de quem souber com astúcia e velhacaria turvar as águas e lançar a confusão, para no fim, tirando partido de tudo, dizer que está de posse da verdade e da lógica!

O mal destes pasquins, alcoviteiros e porta-recados de corrilhos políticos, onde não há nem uma chelipa de verdadeiro patriotismo e de amor à coletividade, é tão enorme e nefasto, que Euclides da Cunha chegou a exclamar que se o Brasil tem inimigos, eles é que são os únicos e verdadeiros!

Cavam assim a sepultura do caráter, desmoronam esse resquício de bom senso ingênito na consciência popular, avinagram as ideias, deturpam os bons sentimentos, colocam a mentira no trono da verdade, a injustiça no altar da justiça, o roubo no lugar da virtude, encarceram os homens de bem, abrindo ao mesmo tempo as cadeias para pôr em liberdade os vigaristas e os facínoras da pior espécie.

Ora, resulta de tudo isto que sendo o nosso país um vasto campo aberto à cobiça de falcatrueiros de toda a estirpe, vindos das cinco partes do mundo, não é raro ver-se um aventureiro de qualquer raça, enfronhado em qualquer cidade, vila ou povoado do estado de S. Paulo, guindado de um momento para outro às culminâncias da política e da imprensa.

Os filhos do lugar percebem isto, mas longe de apurarem e reduzirem ao silêncio tais aves de arribação, se limitam, muito pachorramente, a sorrir e a bocejar; cientes de que é necessário correr com o intruso que se enriquece, fazendo imprensa assalariada, jornal amarelo, dão de ombros e, como Pilatos no Pretório, lavam as mãos, dizendo: — “não vale a pena!...” E ante essa frase que traduz toda a indolência de um povo que ainda não aprendeu a amar suficientemente o seu país, os arrivistas respondem num largo gesto de triunfadores: “vim, vi e venci!”

E a imprensa assalariada, ora exercitada por aventureiros de duvidosa procedência, ora dirigida por brasileiros canalhoides, mas corrompidos do que os outros, prossegue a sua marcha triunfal, alastrando a miséria moral no seio das populações!

Até quando durará esta inominável desgraça?

Até o dia em que os brasileiros tomarem vergonha e, possessos de cólera, fizerem justiça, expurgando do organismo social todos esses ladravazes da imprensa assalariada.

Nos países em formação, e neste caso o Brasil, a imprensa que não tiver em mira uma grande aspiração e não se bater por uma ideia concorre para o desfibramento da raça, cavando a ruína moral do povo.

Um povo somente é forte e cômico de seus lúdicos direitos de pátria, quando sabe pensar para saber querer e lograr se impor.

A justiça, fator primordial do alevantamento físico, medra somente quando encontra a seara propícia, quando encontra consciência formada e espírito equilibrado.

Nada disto encontrando, a justiça degenera, periclita, claudica, se amesquinha e morre, matando ao mesmo tempo esse mesmo povo que não a soube acolher e assimilá-

la, devido à falência de uma certa perfectabilidade moral, de que a mesma carece para germinar, vicejar, frutear e pompear com orgulho entono!

Na justa das competições e dos valores, o povo que não tiver um ideal de unificação que seja o reflexo da cultura do seu país e um prolongamento dos desejos e aspirações de sua raça, corre o risco de ser relegado para um segundo plano e escarnecido pelos fortes e audaciosos.

Nos nossos dias temos um doloroso exemplo; na Conferência da Paz⁷⁴, onde as potências, com garras de felinos, tiveram ensejo de todas reunidas mostrarem o brilho sinistro dos colmilhos e o lampejo assassino das unhas, ainda que salpicadas de gotas de sangue da grande sangria que enxurrou o mundo, vimos com quanto cinismo e audácia elas humilharam, vilipendiaram, desprezaram, chacotearam e menosprezavam os povos pequenos ou mesmo grandes, mas que não ocupam no mundo um lugar de destaque, tanto pela força moral como pela força bélica.

E os pequenos países, não o Brasil, porque territorialmente ele é tido como um dos maiores, mas os outros que concorreram alguns com seu sangue, outros com seu dinheiro, foram e fomos até nós esquecidos e empurrados, jeitosamente, dessa augusta conferência.

Não cabe aqui fazer a defesa dos outros povos; façamos a nossa, porque além de ser nosso dever de patriotas, é a nossa obrigação de jornalistas.

Na tal conferência, diga-se de passagem, não nos tomaram muito a sério, e sabem por quê?

Porque além de não sermos um país bem organizado militarmente, não temos opinião!

É fácil não só de se ver como até mesmo de se explicar: — A imprensa, que deve ser feita por filhos do país e homens de cultura e probidade, é exercitada em sua maioria por estrangeiros que fazem desse veículo de opiniões um carro de exploração, que guiam ao seu bel prazer, por entre os aplausos da multidão analfabeta.

A outra parte, que é diminuta, perde o seu precioso tempo em discutir somente questões fósseis e assuntos cedícios e velharoucos. É tão nefasta quanto a outra e cava a nossa derrocada coadjuvada pela arraia melda duma babilônia de jornalecos insignificantes, mal escritos e pessimamente orientados, subordinados aos interesses de

⁷⁴ Conhecido como Conferência da Paz de Paris, evento ocorrido em 1919, contou com a participação de diversos países, porém subordinados às grandes potências da época: Estados Unidos, Reino Unido, Itália e França.

um partido sem horizontes e ideais, verdadeira corja sem escrúpulos que, pondo-se a serviço do seu estômago e da sua vaidade, praticam toda sorte de infâmias e roubalheiras.

Enquanto isso, há sempre um ou outro homem de brio que levanta a cabeça indignado e clama contra esse estado de coisas.

Clama, mas o seu clamor, o seu grito e o seu verbo são parábolas que morrem no deserto pérfido da indiferença!

E a situação permanece a mesma: de um lado a imprensa assalariada que tem ânsias de vender o país a retalho; do outro lado o povo cansado de ser ludibriado, explorado, traficando, cruza faquirianamente os braços e deixa tudo correr à revelia, frio impassível, inerte, pusilânime, sem o mínimo vislumbre de revolta e indignação.

E essa imprensa prossegue avante, conduzindo na sua caravana a morte do ideal, o cadáver da justiça, o arcabouço da verdade e o corpo moribundo da opinião!

E em vez de abrir sulcos para lançar os alicerces de uma pátria nobre, grande e forte, sepulta nesses mesmos fossos a pátria!

E a caravana avança triunfalmente, tendo por claque e admiradores um povo inteiro que, à força de ser enganado, já não distingue mais o bem do mal!

[Publicado no livro *Atitudes* (1922).]

O aleijão da avenida⁷⁵

Cabe hoje a vez de Sylvio Floreal, brilhante autor de “Atitudes” e nosso antigo colaborador, para dizer o que pensa sobre o monumento erguido nos altos do Pacaembu.

À nossa pergunta — “que acha da obra do sr. Zadig”, Sylvio Floreal, com a eloquência incisiva das suas frases fortes e demolidoras, externou opinião sobre a campanha da GAZETA:

— Se não fosse paradoxal, eu afirmaria aos leitores da GAZETA que nutro pelo sr. Zadig uma grande admiração pela sua rasgada audácia de, não sendo escultor, afrontar uma cidade como S. Paulo com aquela salgaralhada rotulada de monumento. O sr. Zadig, ex-massagista, segundo a voz flutuante dos que há muito o conhecem, quis, num momento de delírio ambicioso, mostrar que ele também, seguindo as pegadas dos aventureiros que aqui armam o bivaque da sua piratagem, e enriquecem trazendo na sua bossa somente as garras da ganância, não bancaria o inocente nem a pomba entre milhares, e, consultando a sua bossa, encontrou no fundo, em estado latente, apetites de aventureiro. E, como aqui, tudo se improvisa, ele improvisou-se, do dia para a noite, em escultor. Fez campas, mausoléus, hermas, estortegadas estatuetas, placas, targas, baixos relevos, santos e outras bugigangas pertencentes à categoria das artes plásticas ou femininas. Assim, furando meses e anos, o nosso homenzinho, que suspirava, como aquele personagem do “Guarani”, na “ária do Aventureiro”, à espera de um golpe decisivo que lhe permitisse um salto, nesta terra de saltos, dos baixios da mediocridade e do obscurantismo, onde esmurrava barro para fazer santos, até à suma glória dos triunfadores, contava fazer um dia um grande monumento. A ocasião chegou: vítima, logicamente, devia ser um anafado capitalista que, tendo legado parte de sua fortuna a uma instituição de caridade, a municipalidade entendera de imortalizá-lo, perpetuando o seu arcabouço na praça pública. Mas, assim não aconteceu; nenhum anafado houve por bem morrer e o bode expiatório, arrastado pelas enxurradas do opróbio, que havia de ser?! — O nosso máximo poeta, de cujo nome eu não me posso lembrar sem me comover! E o sr. Zadig, de tocaia, ardiloso, sinuoso, premeditativo, envolvente, como um jaguar que se arremete contra uma presa imbele, trançando curvas lépidas de ferino, desferiu contra o bote fatal e espostejou a vítima entre as apuas laminadas de suas

⁷⁵ À época, *A Gazeta* lançou uma campanha contra a escultura, vista como mal executada por William Zadig, em homenagem ao poeta Olavo Bilac, e contou com o apoio e pronunciamentos no próprio jornal de intelectuais, escritores e outras figuras de relevo social. Dentre os quais o escritor Menotti Del Picchia.

garras. E em certa manhã aziaga, para escárnio dos paulistas, a estátua de Bilac surgia no extremo da Avenida Paulista, tétrica, medonha, horrível, como um insulto fundido em bronze, lançado à memória do cantor do “Caçador de Esmeraldas”! Sobre essa manhã aziaga, outras manhãs monótonas rolaram como que compungidas com a sorte do Poeta e sobre a tristeza dos que nesta terra ainda se interessam pelas coisas sagradas. Vivia em paz o sr. Zadig, talvez inconsciente de ter burlado um grande povo, cogitando em ampliar o seu raio de ação, farejando aqui e acolá a maneira fácil de abocanhar mais uma presa para encher o tonel das Danaides de sua ambição. Mas, nem tudo, nesta terra de aventureiros, está medularmente pervertido. Os que não enriquecem seguindo o exemplo dos bandoleiros, ainda velam de cabeça erguida, como sentinelas nas fronteiras da pátria e, de azorrague em punho, e o verbo flamejante de cóleras, chicoteiam e condenam, para o afinamento da raça, e o decoro e respeito à Civilização, todas as manifestações berrantes de todos os escoiceadores da Arte, do Belo e da Harmonia. Compreendo isso mesmo, a GAZETA, tornando-se tuba de todas as indignações que explodiam avulsamente, sem nenhuma força coesiva, abriu uma clareira nas manhãs aziagas que rondaram à volta do monumento de Bilac, e condensando em suas colunas o clamor anônimo, veio reabilitar a memória do grande poeta, reabilitando ao mesmo tempo, a terra que aspirava vê-lo perpetuado no bronze. E essa campanha, avolumando-se dia a dia, há de arrasar, como um furacão de ódio, o aborto engendrado no cérebro nebuloso de um pseudo escultor.

Neste ponto interrompemos:

— Acha você então que o sr. Zadig não é escultor...

— Já o disse e continuarei a afirmá-lo: Zadig é um sofrível fazedor de túmulos; um marmorista vulgar, que poderia viver aqui muito quietinho se não fosse tentado pelos pruridos da sua audácia. Audácia que cavou a sua ruína; ignorância que o tornou indesejável; ambição que o tornou odioso e o integralizou, novamente, ‘para todo o sempre, no seu antigo plano rasteiro de obscurantismo.

[Entrevista publicada em 29 de novembro de 1920 no periódico *A Gazeta*.]

(Monumento a Olavo Bilac, por William Zadig, São Paulo - Brasil)

(Capa do livro *A Coragem de Amar*, segunda edição, 1925)

(Capa do livro *Ronda da Meia-Noite*, 1925)

ANO DE 1925**A Vertigem em Marcha “Fisionomia de um bairro”**

O Brás, durante o dia, é um verdadeiro poema homérico de atividade e trabalho. É a ânsia em marcha, desabusada e audaciosa. É a luta em assomo febril de indômita avançada, penetrando, dominando todas as esferas da vida. O esforço aguerrido pela fúria de enriquecer multiplica-se de mil modos, toma aspectos e proporções espantosas, criando iniciativas, tramando expedientes, urdindo invenções, inventando meios que o conduzam ao triunfo monetário.

Ressumbra, paradoxalmente, uma ânsia titânica, em todas as latitudes, de ganhar dinheiro! A inércia e a ociosidade, segundo certos moralistas esquisitos da China, é que aproximam o homem da perfeição de Deus. Este dispositivo filosófico por certo que não encontra no Brás adeptos apaixonados — nele todos conspiram contra a estagnação e preguiça, trabalhando ardorosamente, distanciando-se de Deus e da perfeição e aproximando-se do Homem. O exagero e o absurdo nesse bairro atuam e prosperam num conúbio admirável de entendimento tácito. Ao lado de maltrapilhos e mendigos que pedinçam uma fugitiva esmola, cruzam industriais arrogantes e garbosos. Desfilam, em direções opostas, “mameludas” matronas e figurinhas lépidas de costureirinhas. E a vida turbilhona numa mistura incaracterística.

Se o suor fosse o símbolo da honestidade, o Brás seria, no concerto dos bairros, o mais honesto de todos. Todos os que lá vivem, acometidos do desejo de acumular fortuna, esfalfam-se, escorcham-se quase que animaismente, no intuito de enriquecer o mais depressa possível. E tudo pulula numa agitação delirante, nevrótica, produzida por milhares e milhares de indivíduos dominados do desejo de se tornarem alguma coisa pelo dinheiro. De permeio aos que fixaram o seu destino definitivamente aqui, há também os que trabalham com os braços, mas pensando sempre na pátria longínqua. Nestes, o fundo do cérebro é cortado e recruzado por locomotivas e navios em plena voragem de locomoção. Felizmente, estes constituem a minoria. A maioria trabalha com o firme propósito de não mais sair daqui.

Perscrutado esse bairro medularmente, ele oferece um aspecto deveras curioso: é um verdadeiro tabuleiro de xadrez de raças e povos, os mais estranhos pelos sentimentos e os mais diferentes pelas procedências, onde todos, imersos em relativa

harmonia, de maravilhosos apetites, jogam e disputam entre si, agressivos e astutos, maneirados e calculistas, a partida fatal de vencer o *rei* dinheiro e a *torre* milhões!

Ao lado desses espetáculos de enorme agitação, surpreendemos, a miúdo, os que vieram para aqui e encasquetaram a ideia inamovível de fazer a América, seja lá como for. Afora estas pequenas anomalias, vemos então a plebe mourejando nas fábricas, a esbanjar saúde, concorrendo assim para a grandeza do bairro. E os ofícios mais contraditórios e os misteres mais desiguais e chocantes aí se confundem e se entrelaçam, formando uma rede extremada e resistente de múltiplas atividades que buscam invadir e dominar todas as esferas da luta pela vida.

Há duas grandes artérias, que, centralizando o grosso do comércio, cortam estouvadamente, num paralelismo irritante, esse bairro: a avenida Rangel Pestana e a rua do Gasômetro. Convergem a elas uma infinidade de pequenas e grandes ruas, ruelas, becos, travessas, e outras monstruosidades deste jaez, intransitáveis, algumas ainda em formação. E todas, como bocarras impudentes, despejam sobre as duas grandes vias a sua formidável choldra anônima e circulante. E nos dias de trabalho, à cadência redemoinhante da lufa-lufa que retroa, revira, sarabanda, controla e pinoteia, perpassam, lascando o barulho, chicoteando o ar, berros, gritos, vozes, assobios, numa debandada estridente que cloroformiza os ouvidos e verruma os nervos.

Em cada esquina desse bairro, fala-se uma língua estranha e ostenta-se um hábito disparatado. Em cada rua, exhibe a sua tradição um povo diferente. Em cada praça, brincam chusmas de garotos peraltas e desbocados, produtos dessa feira de povos. E nos dias de férias escolares, então, o Brás, num grande desejo patriótico de patentear a sua extraordinária proliferação, de bom povoador do solo, exhibe nas praças e nas ruas o seu incansável esforço genésico, representado em magotes e magotes de crianças de todos os feitios e tamanhos.

Brutalidade! Nessa descomunal fornalha do trabalho, onde os braços forjam o progresso, as vontades urdem a civilização e os egoísmos ululantes entesouram capitais, caldeiam-se e atletiza-se audociosamente, para variegados afazeres e diferentes misteres, uma geração de homens e mulheres, floração esplêndida de similares integralizados nessa zona de luta e atividade, originários todos dessa exótica vegetação de povos que, uma vez aqui localizados, compensam o mal material que fazem, deslocando os nossos capitais para as suas terras, com o bem moral de aqui deixarem os seus filhos, que constituirão no solo americano a família brasileira de amanhã. Todas as raças deste bairro transfundiram muito bem os seus esforços. Mas, se não se disser que

os italianos fizeram o Brás, eles, logicamente, morrerão de raiva! Matemo-los a vaidade, dizendo que esse bairro é o produto quase que exclusivo dos seus esforços. A eles, tão somente a eles, é que se deve, talvez, a prosperidade do mesmo. E o Brás é bem uma possessão italiana encravada no flanco da Pauliceia. Lá, respira-se uma atmosfera eminentemente italiana, na generalidade, de ótima garrulice e entusiasmo; e também em certas particularidades percebemos umas aragens napolitanas. Bebe-se vinho feito de tudo, menos de uva; costuma-se engrolar avantajados pratos de macarrão, e joga-se também a *mora* aos gritos, enquanto as *pimpinellas* e os *guagliôs* passeiam sorridentes, namoricando, como se estivessem na via de Chiaia da cidade de Vesúvio. Outras nacionalidades há, é certo, crustacizadas no organismo do bairro, porém em números diminutos e dispersivos, disseminadas aqui, e acolá, por todos os recantos da grande baixada. Não se pode, contudo, negar que no seio dessa vasta aglomeração, os italianos, donos do bairro, em franca camaradagem, formam a regra; os outros, a exceção: e, apesar de bem vistos, não passam de inquilinos.

O Brás, na tela panorâmica da cidade, visto cá do alto à luz do dia, é uma pincelada berrante de zarcão, onde as trompas insolentes das chaminés das suas fábricas expellem, numa ejaculação insistente para o alto, mascarando de negro a fisionomia do céu, atropelados rolos de fumaça! Tem o aspecto de um anfiteatro em combustão, fervilhante, gerando em seu seio um monstro apocalíptico!

Todo ele é Progresso em fantástica escalada para o Futuro!

[Publicado no livro *Ronda da Meia-Noite* (1925).]

(Vista panorâmica do Brás na década de 1920)

O inferno – duas horas na cadeia pública

Ir ao inferno, num dia qualquer da semana, sem uma prévia apresentação, é tarefa bem difícil. Mas depois de algum esforço, consegui penetrar no Inferno – Avenida Tiradentes, nº5, Cadeia Pública.

Os *touristes* que devassaram o reino de Sua Exa. o Diabo dizem que este cavalheiro possui a mais bela morada do mundo. Pela milésima vez, tive outra desoladora decepção. Aquela miniatura do Inferno não tem, é certo, a suntuosidade do outro, onde passeia a sua arrogância o Augusto Príncipe das Trevas, mas, como aquele, é um lugar de sofrimento, gritos e choro.

É um casarão colonial austero, decrepito. Todo ele clama, pede, implora a misericórdia salutar da picareta!

Construído em 1851⁷⁶, e pelos inestimáveis serviços que tem prestado, trabalhando dia e noite, mais do que as suas forças o permitem, já lhe assiste o direito de ser uma ótima e galharda ruína. Velho pardieiro! És um anacronismo, uma carcaça mefítica, abjeta, ao lado do progresso desta capital que tu viste nascer!

Acompanhado do diretor e outros auxiliares, começo a percorrer os interiores da cadeia. Na porta de entrada, junto às grades, ao lado dos guardas que estão hirtos e vigilantes como domadores de feras, vi o homem que infunde o maior pavor aos visitantes daquela casa — o carcereiro.

Numa pequena saleta, sobre uma mesa pardacenta, jazia um molho enorme de chaves gastas que, pela continuidade do manuseio, espalhavam um brilho úmido e sinistro. O carcereiro agita-as nas mãos que sabem afagá-las com ternura, e elas produzem um som soturno e cavo, como o de uma pedra que rolasse pelo declive tétrico de um abismo!

Há anos que este homem abre e fecha calabouços. Imperturbável, exerce o seu mister silenciosamente, com alta elegância, sem nunca indagar qual é o crime daqueles indivíduos. É tão extraordinário, que até conseguiu perder o sorriso! Essa perda, aliás, não a fez somente ele: fizeram-na todos os que estão lá dentro, tanto os funcionários como os presos.

Não se vê uma máscara alegre!

⁷⁶ Criado em 1825, mas inaugurado oficialmente em 1852, já exercia suas atividades anteriormente. Foi demolido em 1972, tendo servido antes ao regime militar brasileiro.

Passo por entre os presos e tenho a sensação de que a minha liberdade os insulta tenazmente. Esqueço-me dos seus delitos; quisera corrigi-los com um pouco de piedade. Caminho apreensivamente e lembro-me de que a piedade, quando muito, poderá comover a criatura humana; mas nunca a corrigirá!

Paira em todas as caras uma angustiosa expectativa. O que mais o tortura não é o castigo, é a lentidão dos dias, que faz com que não se aproxime o momento da liberdade. O tempo é o maior verdugo daquelas criaturas!

No ar morno há um zum-zum de vozes, um torvelinho de frases. Todos, ao mesmo tempo, me chamam para expor o seu caso, e todos, a *una voce*, dizem que estão presos sem saber o porquê. Os que cometeram crimes alegam mil e uma atenuantes em abono de sua inocência. Os detidos por briga, roubo, vagabundagens e outras patifarias, clamam contra a polícia que não faz outra coisa senão persegui-los.

Toda a vigilância lá dentro é pouca. Frequentemente, há engalfinhamentos entre os que estão reclusos por vagabundagem e gatunice. O diretor se vê zonzinho para manter uma relativa ordem entre eles.

— O senhor imagina — diz-me o diretor —; todos se dizem inocentes, mas por qualquer coisa discutem, provocam distúrbios. Entre eles, da discussão não nasce a luz, nasce a pancadaria!

Acidentalmente, me retenho na grade de um vasto salão, onde esperam ajustar contas com o Júri vários indivíduos. Num abrir e fechar de olhos, afluíram à grade todos os que estavam lá dentro, sentados, contando lorotas, lendo jornais, escrevendo, fazendo cigarros e bugigangas de miolo de pão.

Um turbilhão de olhares me focaliza, verrumando-me com uma certa insistência piedosa. Fisionomias de todos os feitios havia naquele magote. Falavam lamentosamente, com os lábios secos e os músculos faciais parados numa contração de revolta surda! Sobressaía de entre todos um mulato alto, espadaúdo, de beiços carnudos, sensualmente vermelhos como a polpa de uma romã. A sua figura chama-me a atenção. Indago quem é.

— Esse é aquele que anavalhou o rosto da Nenê Romano.

Ele não ouviu. Mas, percebendo a minha insistência, pois que o fitava atentamente, torceu as pontas do bigode e, um tanto contrafeito, abaixou-se e desapareceu.

Noutra sala, igualmente cheia, mas de um pessoal um pouco mais limpo, que constitui a “elite” da cadeia, um cidadão todo garboso, bem escanhado, sentado sobre

um colchão enrolado, falava com voz forte e timbrante. Os outros, fumando, dominados mais pela preguiça do que pela loquela do companheiro, prestavam uma atenção negligente, com olhos semicerrados.

À primeira vista, não conheci esse indivíduo, pois que lhe faltava o principal adorno, o seu dístico — o cravo vermelho!

— Quem é aquele homem?

— Aquele é o sr. Vicente Gervásio...

Juntamente com outros colegas da prisão, ele vem até à grade. Ninguém fala a não ser ele.

— Sou uma vítima dos caluniadores —, diz o Vicente Gervásio. — Tudo aquilo que se escreveu por aí contra mim é mentira! Nunca roubei, nem extorqui dinheiro de ninguém. Eu fazia o que faz uma grande quantidade de “picaretas” que vivem por aí a fundar revistas clandestinas que ninguém conhece.

E assim, nesta toada, vociferou uma tremenda catilinária contra seus ex-colegas de “picaretagem”.

Durante todo o tempo que levei a examinar outros tipos, Gervásio, fazendo uso da sua verbosidade escorregadia, divagou sinceramente, a seu bel-prazer, no firme propósito de me capacitar de que é um rapaz de talento. E acreditei, não há dúvida!

Vistos que foram os calabouços dos homens, passei ao das mulheres.

Diversas encarceradas respondem por crime de infanticídio, furto e assassinato. E outras, quase todas pretas e mulatas, por bebedeiras e arruaças. O barulho que essas mulheres fazem mantém todo o enorme edifício em constante atoarda.

Pelo enxadrezado de ferro da porta, espio para dentro dessa prisão. O quadro é desolador e repugnante. No soalho, e sobre os colchões encardidos, roídos pelo tempo e pela sujeira, há mulheres sentadas, em atitudes indecentes. Trocam-se insultos virulentos por entre guinchos, berros, blasfêmias e palavrões de fazer corar a calça amarelenta das paredes.

Ante esta cena de ultrarrealismos, um mal-estar pungentíssimo apossou-se violentamente de todos os meus sentidos. Tive pena daquelas desgraçadas, não por estarem presas, mas, pela degradação da moral a que chegaram, devido exclusivamente ao vício da embriaguez.

Depois, ainda dominado por esse capítulo de sofrimento anônimo, único nos anais da miséria, fui ver aquilo que a cadeia tem de mais trágico e desumano — o local do suplício extremo — a solitária!

É um cubículo escuro, estreitíssimo, úmido, onde o paciente não pode nem abrir os braços. Todo pintado de negro, fúnebre como um necrotério. Pelas paredes há nomes riscados na crosta do piche; são caracteres irregulares e ilegíveis, que, logo se adivinha, foram gravados dolorosamente com a unha. Os presos, os de grande culpa, quando não querem confessar o seu crime, passam ali uma invernada a pão e água.

Turbilhonavam confusamente em meu cérebro impressões macabras de dramas soturnos e desvairados *grand-guinol*, quando cheguei até o fundo dos prédios, onde os presos cultivavam uma horta luxuriante de variegados legumes.

Enquanto olhava perscrutativamente um canteiro de alface, o diretor toca-me o ombro, e diz-me em surdina:

— Agora o sr. vai conhecer o preso mais obediente da cadeia.

E aponta-me um homem que se aproxima lentamente. Chega, saúda-nos e para.

— Ei-lo, o sr. Miguel Trad!

Permaneci um segundo extático, recapitulando cenas na memória.

Depois, trocamos monossilabicamente algumas palavras.

E assim estivemos mais de cinco minutos a falar, bem entendido “em português”, sobre tudo quanto se relaciona com a arte de plantar um pé de couve... O sr. Trad fala jeitosamente, como um perfeito *gentleman*. Tudo nele denuncia o homem que, tendo passado através de profundas transformações, vive em paz no presente, confiante no futuro, esquecido completamente do passado...

Sabe fazer uso da sua cultura e inteligência com extrema dissimulação. Sabe, enfim, escudar a arca dos seus segredos...

Num relance, percebi que a minha presença constituía para ele uma interrogação.

Entre misterioso e amável, Miguel Trad despede-se de mim, e vai tratar de uma toucerinha de cravos vermelhos.

E é talvez com alguns desses cravos que ele pretende presentear o sr. Vicente Gervásio, no dia em que este sair da prisão...

[Publicado no livro *Ronda da Meia-Noite* (1925).]

(Presídio Tiradentes s/d)

ANO DE 1926**Corações onde ressoa a música das planícies e dos desertos⁷⁷**

A natureza de Mato Grosso assombra pela fereza e comove pela poesia. A sua grandiosidade, deslumbra-nos os sentidos; a sua poesia prende-nos a alma na teia versicolor da cisma

Sondando a natureza desse Estado, com enternecidos propósitos de surpreender, além do aspecto físico, os múltiplos segredos que se aconchegam em seu vasto seio, conclui-se que ela, não é somente um celeiro opulento de riquezas naturais, mas também, um maravilhoso repositório de coisas belas, e de motivos esplêndidos para se urdir poemas de alta emoção.

Natureza perdulária, pródiga de saúde, pletórica de energia em que a seiva borbulha, freme, alastra-se, circula e escorre voluptuosamente, acossada por essa ânsia amorosa de quem implora às mercês do esforço para progredir e completar-se e às dádivas divinas da imaginação que lhe imprima um ritmo de calor e forma que a imortalize, integralizando-se na alma humana.

Natureza venturosa que escachoa em rajadas de paixão entre o céu e a terra, e perpassa meiguiceiramente pela alma sonhadora das mulheres como um cântico de esperança a embalar as doçuras infinitas do amor.

Natureza fértil e vivaz, das florestas agressivas, que em êxtase, ouvem, embevecidas, as confabulações dos mistérios, os diálogos dos gênios verdes, filhos da gleba virgem e a orquestração zoinante da Flora e o festim auroral da Fauna buliçosa e assanhada.

Natureza silente, das campinas e das planícies esmeraldinas, interminas e longas, onde a paciência dos bois pontilha os horizontes e os garrotes insolentes, impulsionados pela brotoeja dos pruridos inscientes ensaiam ingênuas bravatas, descrevendo parabólicas curvas madrigalescas, aos olhos langorosos e feiticeiros das novilhas ariscas.

⁷⁷Texto composto pela junção de dois outros textos publicados no ano de 1926 em jornais distintos de Mato Grosso, a saber: “Motivos de poesia da natureza de Mato Grosso”, em 24 de outubro, no jornal *A cruz* e “Eva mato-grossense, em 31 de outubro, no jornal *A violeta*. Nesse sentido, ainda que usemos a versão de 1928 como texto-base, publicada no livro *O Brasil Trágico* de 1928, preservamos as datas iniciais com intuito de evidenciar uma cronologia evolutiva das publicações do autor.

Natureza fresca e irizada, das águas claras e sonoras que assistem ao idílio das aves, e dos volumosos rios que beijam a terra fecunda debruçada em suas caudais e vão serpenteando e retratando o vulto informe e brutal das montanhas e o perfil ora ramalhudo, ora sutil e nervoso, das árvores.

Natureza espetaculosa, reboante de alegrias, de clamores, de cicios, de gritos e gemidos, vindos do reino vegetal que se prolonga ansiosamente até o animal, numa mescla afetiva em que todos os sentidos dos elementos envolvidos na confederação de uma quermesse de harmonias, açulam e adestram as forças que se expandem e concentram.

Natureza reverberante, cálida, dos perfumes e das cores, das rarefações esmaecidas, que matizam a relva e as alfombras, e filigranam com laivos fulvos o verde enérgico das frondes, por onde erram perfumes ativos, perpassam e flutuam olências dormentes, numa ronda embriagadora, trescalante, de essências que se desprendem do almíscar da Fauna e dos aromas exalados do mistério da Flora.

Natureza dos bucolismos crepusculares, das tardes maviosas, das manhãs joviais e das noites de ar caricioso, propiciatório dos sonhos.

Oh! Natureza estuante de Mato Grosso! A beleza tocante dos teus motivos emocionais, atuando sofregamente na imaginação e na alma da raça, há de fatalmente caldear um tipo de homem bom e generoso perante o céu e a terra, e com a sedimentação de tanta poesia será integrado no seio do cosmos, com um coração onde há de ressoar a orquestração dos desertos, espiritualizado e enfiado; para afrontar os imprevistos do destino.⁷⁸

Natureza deslumbrante!

Do seu âmago emerge Eva Mato-grossense, como um tipo argamassado com todas as aspirações da natureza dadivosa e hostil, deslumbradora e feroz, suave e trágica! Filhas da volúpia! Mulheres frementes, rubras florações de vida desabrochadas no ambiente largo e bruto!

E nessa bruteza, Eva de candura, transfunde um perfume de selva humanizada.

Seu corpo, a orlar o cenário, é um poema de linhas e um prolongamento da vitalidade que flutua no seio dos elementos bravios.

⁷⁸ Em tese, neste trecho acaba o texto “Motivos de poesia da natureza de Mato Grosso”, publicado em ACZ e inicia “Eva Mato-grossense”, publicado em AV, se pensarmos nas primeiras publicações citadas em que os textos são tomados separadamente.

Gentileza associada ao mistério da amplidão e à poesia que desce do céu. Em ti cantam as curvas de Vênus e vibra a alma inquieta de Yara!

Herdeira dos segredos que cicam no recesso sombrio das matas e do fulgor que embriaga a paisagem! Oh filha do *Gigante Verde*.

Mulheres que o amor transfigura em blandícias, enchendo o coração do homem de coragem, para extorquir da natureza feroz, as dádivas maravilhosas, que, batizadas pelo sacrifício vitorioso, vão depois, como oferenda de sorrisos e esperanças, aureolar vossa alma de paixão. Oh! Gentis ardores da gleba virginal!

A agrestidade estratificada e diluída em canduras, freme em vosso seio, pulsa em vosso coração, transborda em estendal de amavios pela vossa alma. Sois, no imo que vos circunda, a força metamorfoseada em flor; o grito bárbaro dos elementos aveludados em beijos; o estuar reboante das águas amaciadas em carícias; o zonzonar das árvores mudando em cicios de desejo...

Criaturas de enlevo! Almas onde ecoa o mistério das espessuras! Corações onde canta o hino das planícies e das florestas. Toda a natureza, concentrada, embala-se como que debruçada na comoção de vossas ânsias.

Prolongamentos de Yaras! Mostrais uma capacidade de ternura que é uma volúpia que traduz o ilimitado que vos envolve e os horizontes esquivos que beijam a fímbria reticulada dos bosques e das paisagens desonduladas.

Por isso, a bondade, filha da natureza, passando pelas águas murmurantes, pelo ramalhar das florestas e pelo gorjeio das aves canoras, chega até a vossa alma divinizada, balsamizando-vos os sentidos para a glória da Vida.

Eva Mato-grossense! Harmonia de forças que sorriem perante os céus!

Bem haja esse teu amor desvelado!

Bem haja a tua paixão, que, sobre o solo indomável, encerra as aspirações transbordantes da raça e a esperança de alargar o destino da Pátria.

Cuiabá, 6 de janeiro de 1927.⁷⁹

[Publicado no livro *Brasil Trágico* (1928).]

⁷⁹ Datação do próprio autor.

ANO DE 1927**Onde as garças são mais brancas**

Depois do êxtase produzido pela música e dos momentos de alegria espiritual provocados pela meditação, é possível poder-se afirmar que nada consegue evocar um pensamento de paz e harmonia, quanto aquele que nos proporciona um bando de garças em revoada. Oh! Delírios de brancura! É uma sinfonia de alvas irisações resvalando pelo mistério das canduras! É todo um poema latescente de penas mimosas e asas estouvadas que se agitam nervosamente na freima irregular dos adejos, pela região cariciosa do azul, como se essas gentis filhas das águas e das nuvens, ufanas da própria maravilha, investidas do direito de se igualarem às brancuras das camélias, na ânsia de espalhar a beleza, levassem nos seus voos para o céu, todos os sonhos de pureza da terra.

E ante as suas asas que se arqueiam e recurvam pelo espaço em fora, tem-se a visão das coisas alcandoradas que se confundem no horizonte do sublime. Isto quando se tem a ventura máxima de ver os grandiosos bandos de garças de Mato Grosso, onde esses sutis voláteis, são dotados de tal brancura, que até parecem abusar do direito de ser brancos; direito esse que nos induz a crer que as garças nestas plagas, são, de fato, mais brancas do que as suas irmãs de brancura de outras regiões e paragens.

Nas margens dos rios S. Lourenço e Cuiabá, além da fértil colônia dos jacarés e da prolífera família das capivaras que calculadamente assentaram o firme propósito de não saírem mais da orla hospitaleira desses rios, nem mesmo à bala, há, depois das garças, que constituem uma espécie de alma das águas, atuando como um domínio branco, dilatado até as raias de uma tirania suave, feita de asas frufrulejantes, também um formidável número de outras aves, aí agremiadas, entregues à disputa reiterada dos ariscos e reverberantes peixes. E essa agremiação matizada e barulhenta, que se açula ao encalço da presa, entre gritos, grasnados, e cicios siflantes, é composta de teimosos biguás, insolentes baguaris, calculistas anhumas, irrequietas arranquans, espertos tuiuiús, ariscos colhereiros rosados, gaivotas ingênuas, solertes mutuns e de uma infinita variedade de patos que, juntamente com os persistentes martins pescadores e outras aves aquáticas, de menor importância, vivem em pé de guerra contra os pobres peixinhos que caem na patetice de vir à tona da água.

E a lida pela existência nessas frescas regiões, segue a sua marcha sinuosa, em que os mais fortes e bem aparelhados, conseguem vencer galhardamente, nessa eterna luta dos aptos contra os ineptos.

E todas essas aves munidas de violentas garras e bicos vorazes, pescam nos rios Cuiabá e S. Lourenço, em todas as suas horas de fome, e depois vão sestar à sombra das árvores frondosas dos vastos pantanais que se debruçam sobre a caudal desses dois rios.

O pantanal, nas margens dos rios Cuiabá, S. Lourenço e Paraguai, é uma espécie de grandiosa floresta lacustre, formada pelas águas que em determinadas épocas do ano, avolumam-se tanto, que entendem de invadir as sombras das matas. É a tragédia das enchentes, em que essa região denominada pantanal, numa extensão calculadamente de uns oitocentos quilômetros, toma, assim, o aspecto de um oceano improvisado. É um espetáculo surpreendente que evoca, em miniatura, uma contrafação, uma paródia daquele lendário dilúvio que nos relata a Bíblia. E durante os meses em que as águas, abusando do direito de correr, se alastram pelo seio intérmino da floresta secular, causando aflições aos que vivem por essas localidades e alegria aos que navegam pelos rios, livres do tormento dos baixios, o pantanal é um mar pontilhado de árvores que protestam contra o abuso dessas periódicas invasões. Porém, esse protesto não tem produzido efeito nenhum, porque as árvores aparentam a resignada atitude de quem teve, por força das circunstâncias, de adaptar-se ao direito do mais forte. Fenômeno paradoxal! O mais forte, em vez de ser a floresta com o seu vigor e espessura, é justamente a água, com toda a sua moleza e transparência.

Depois de um longo período de incursões pelo domínio sombrio das matas, as águas vão lentamente procurando o leito dos rios. Mas, o pantanal, pelas irregularidades do seu terreno, parece que aprisiona, para as futuras sedes das suas jornadas de seca, uma certa quantidade de água que se transforma em lago, lago esse que por sua vez também se constitui em viveiros de garças. E o pantanal, com seus infinitos lagos de águas vítreas, alguns das regiões arenosas, e de águas turvas dos lugares de terras que se transformam em lamaçais periódicos devido à periódica visita das águas, é uma vasta chanaan de aves aquáticas de todos os tamanhos e feitios e é também a charneca da promessa das aluviões de garças, que, debruçadas sobre o espelho silencioso dos lagos, parecem florações maravilhosas, brotadas do reino das alvuras quando paradas a debruar a margem dessas águas aprisionadas, de marcos brancos como essência de neve. E quando cruzam a superfície dos lagos, parecem flocos de algodão, caprichosamente

triangulados, dotados de vibração vital. E surpreendendo-as nos mistérios seios da região dos banhados, ora em atitudes hieráticas, ora tatalando as asas, alongando o simpático pescoço e distendendo as magríssimas pernas, parecem-nos muito mais brancas, como de costume o são outras garças. São como que um prolongamento do espírito bom das águas, que, dessa forma se penitenciam dos momentos negros e sinistros que infundem a essa zona, transformando-a em pantanal. E essa penitência, como uma desforra dos males causados, está toda ela concentrada na brancura das garças que representam, assim, o arrependimento das águas perante o espírito da floresta.

Oh! Como são lindas as garças do pantanal de Mato Grosso! E como se tornam encantadoras as mulheres quando trazem, na cabeça, ao lado de um pensamento cor de rosa de candura e beleza, uma *aigrette* tremulante e espiritual, arrancada da asa doida de uma daquelas garças.

Oh! Sonhos de elegância! Oh! Visões de luxo!

Vendo a maravilha sem par das garças do pantanal, é que se pode avaliar o quanto as mulheres devem amar essas aves que vivem unicamente para criar penas que toucam, garridecem e enfeitiçam as cabeças femininas!

Deus, ao povoar o pantanal de garças, é possível que tivesse fixa na lembrança, a ideia de proteger com a graça e homenagear com a bondade, as representantes máximas de sua beleza na terra — as mulheres!

Sim, Deus nunca se esquece das mulheres.

Rio Cuiabá, 11 de Outubro de 1926⁸⁰

[Publicado em dezembro de 1927 na revista *A Cigarra* e aproveitado pelo próprio autor no livro *Brasil Trágico* (1928) posteriormente.]

⁸⁰ Datação do próprio autor.

(Capa do livro *O Brasil Trágico*, publicado em 1928)

ANO DE 1928**O homem que comprou dinheiro empacotado**

Numa tarde de temperatura que convida a ver montras de lojas e relojoarias, caminha pacatamente pela calçada ensombrada das ruas das imediações da Estação da Luz um homem nem alto nem baixo, nem gordo nem magro.

O drama da vida que o circunda não recebe apurados favores da sua atenção.

E o vulto lá vai, ora gingando sobre as pernas, ora deslizando rijo, ora preguiçoso ao léu da sinfonia bárbara da luta pela existência que redemoinha pelas ruas.

Tudo o encanta, porém, pouca coisa o sugestiona.

Visto de longe, o vulto é um indivíduo qualquer: examinado de perto, o fulano em questão é o senhor Tibúrcio Malacacheta, proprietário de uma pequena roça na Mogiana, onde, há trinta anos, devorado pelo trabalho, conseguiu, com o concurso da esposa e dois filhos chucros, formar um pequeno cafezal.

Há quinze anos que está para vir à capital e, há quinze anos que Tibúrcio faz prodígios de economias a fim de pôr em prática a viagem tão longamente planejada.

Por fim veio à S. Paulo, trazendo cinco contos de réis dentro de um lençã vermelho, que ele guarda no bolso de dentro do paletó, cuja saliência afaga continuamente no lado onde lhe bate o coração.

Voltemos à tarde em que o surpreendemos nas adjacências da Estação da Luz.

Tibúrcio caminha ingenuamente, enquanto que dois tipos bem apessoados, matreiros, acostumados a dissimular intenções pouco honestas, o seguem em passinhos calculados.

Logo adiante, surge, como que de imprevisto, a fatalidade, uma vitrina de joias baratas onde as pedras de várias cores e tamanhos, de cambulhada com vários metais, brilham mentirosamente, procurando esconder a sua falsidade, segundo o desejo dos proprietários da vitrina.

Até parece que a malfadada montra é uma teia de aranha.

Tibúrcio, querendo satisfazer um velho desejo de adquirir um presente para a sua consorte, aproxima-se e, olhando demoradamente, fica pespegado como uma mosca nas ofuscações das pedrarias.

É o momento do ataque.

Os tipos, que a pouca distância vinham esbulhando mentalmente o pequeno fazendeiro, aproximam-se e param.

Um é nutrido, o outro... pode ser até mesmo desnutrido.

E sem perda de tempo começam a desfiar para os ouvidos do nosso Tibúrcio uma lenga-lenga comovedora e sentimental.

O fazendeiro, acostumado a lidar com bois que passam por ser os animais mais pacientes que há, deixou-se ficar e pacientemente devorara com os ouvidos tudo quanto os dois desconhecidos lhe diziam.

O nutrido, escanhoado, metido num terno muito melhor do que a sua estofa moral, procura consolar o companheiro que mui tristemente conta a história tristíssima de um sujeito muito rico que querendo legar certa quantia à Santa Casa o incumbira, no momento de morrer de levar a essa instituição de caridade a quantia de dez contos de réis.

Porém, ele, que merecera a confiança do amigo morto, por um dever de consciência, achava que devia entregar esse dinheiro à Santa Casa; e, meditando sobre o fato, chegou à conclusão de que a Santa Casa, sendo uma instituição rica, tanto pode prestar benefícios com dez contos a mais como com dez contos a menos.

Mas a consciência é um caso sério e ele não querendo curtir um remorso por todo o resto da sua vida andava justamente à procura de alguém que, recebendo o pacote de dez contos de réis, fosse levá-lo ao seu destino, ou mesmo que não fosse; queria ele ficar com a sua consciência limpa mas também aspirava a um lucrozinho na transação, dizendo que daria o dito pacote a quem lhe entregasse uma quantia qualquer, por exemplo, cinco contos de réis.

Tibúrcio, sem pestanejar, apalpou o lenção vermelho que amortalhava os cinco contos e, olhando para o tipo nutrido e para o desnutrido, esboçou um sorriso, que tinha todas as intenções de ser um sorriso alegre.

O bote estava, assim, quase no seu epílogo.

Os dois sujeitos, maneirosos com a voz suave, proferindo tristezas persuasivas, sobre coisas graves que dizem respeito ao sentimento e à consciência, ao cabo de uns minutos a mais de lamúrias puxadas à sustância acabaram por convencer Tibúrcio de que ele era justamente o homem enviado pela Providência divina, a fim de cumprir o sagrado desejo daquele que jazia no cemitério, tendo legado dez contos à Santa Casa de S. Paulo.

Tiburcio não podia mais! Arquejava, exausto sob o peso de tantas coisas tristes contadas com o firme propósito de tornar a tristeza o mais triste possível.

Foi um banho de duchas de lamúrias que amoleceu completamente o pobre Tiburcio.

Depois, houve o seguinte: com a boca mole e os olhos tão marejados como os olhos dos outros dois tipos, o fazendeirinho, na ânsia de escapulir com dez contos, entregou a trouxinha de cinco contos embrulhados num lenção vermelho, recebendo o pacote de dez contos, despedindo-se rapidamente e indo cada qual para o seu lado.

Tiburcio correndo mais do que aquele desgraçado que ia tirar o pai da forca, com o pacote colado debaixo do braço, varou ruas, dobrou esquinas, passou em tudo e por tudo como uma flecha, esbarrando, empurrando, atropelando, com tanta sorte que durante todo o trajeto não conseguiu encontrar nenhum Ford que o fizesse parar.

Por fim, numa rua solitária, debaixo de uma árvore, Tiburcio parou.

O pacote, que continha a sua felicidade, o seu sonho, rolava-lhe nas mãos, acariciado por seus olhos que ardiam de contentamento. E pela sua imaginação perpassou de esfuziada um cortejo de coisas belas e agradáveis. E o contentamento foi adiante, até confundir-se nos horizontes de todos os seus desejos realizados. Tiburcio, deslumbrado numa onda de magnetismo, boiava em pleno sonho. E o êxtase, tendo-o arrebatado, produziu-lhe uma transfiguração tão violenta que ele tinha a sensação de que estava virado ao avesso e do avesso assistia a vida gritar em torno de si numa sarabanda interminável, furta-cor, em que a realidade se esfumava em miragens de longínquas cambiantes. Mas a realidade com seu turbilhão de castigos ainda acudiu a tempo, porque senão Tiburcio, dominado por excesso de sonhos, poderia perder a razão. Porém, a razão, como é uma grande aliada da realidade, salvou o nosso homem justamente no instante febril em que ele desatou o barbante que amarrava o pacote. O pacote abriu-se, mostrando aos olhos do fazendeiro toda a sinceridade da sua mentira, toda a dissimulação do seu embuste. Dinheiro! Havia uma nota nova, de uma quantia insignificante, dobrada astuciosamente, que mostrava na superfície do pacote vários bicos.

Tiburcio, perdendo a noção da realidade mais ainda do que antes quando mergulhara na região do sonho, quis gritar, provocar escândalo, quis até mesmo esmagar o crânio contra a parede. Lutou alguns minutos contra a matilha da raiva que o invadira, deixando-o possesso; por fim, conseguindo dominar a raiva, e, levando consigo os despojos do pacote ladrão, foi dar parte à polícia. E a polícia foi tão boa que

nem o quis encarcerar porque, em última análise, Tiburcio é que era o verdadeiro ladrão; ladrão por ter querido comprar com cinco contos de réis a quantia de dez, com o agravante de que pertenciam a uma instituição de caridade. E Tiburcio, voltando para a sua fazendola, naturalmente jurou, com todas as forças da sua fé, que nunca mais na vida se deixaria levar pela tentação de comprar dinheiro empacotado.

Este é o conto do vigário banal que todos os dias deparamos na crônica policial da segunda página dos jornais. Entretanto, a vida está crivada de contos de vigários que não vão parar na polícia, nem na coluna dos jornais...

[Publicado em 27 de março no periódico *Correio Paulistano*.]

O espertalhão caipora

É de crer que no fundo de uma ambição desmedida há sempre um conto do vigário em perspectiva.

O conto do vigário do casamento por interesse começa na ambição, passa pelo ridículo e acaba sempre no espetáculo triste do desengano.

Imagine um belo rapaz pobre, uma perfeita estampa litográfica de homem, dotado de uma grande ânsia de enriquecer e que vive a transformar a imaginação num louco moinho de vento, na expectativa de que um dia o vento da fortuna o arrebate em seu turbilhão. Esse vento, que é o acaso, a sorte, o momento, que tem a máscara risonha da felicidade, tarda, não vem! E o belo rapaz vai sacando, através da esperança, sobre o futuro, o alimento róseo para o seu sonho ávido de fortuna. Tenta vários ofícios, ensaia outros tantos expedientes, mas a fortuna teima em não lhe passar ao alcance dos braços. Quando está quase a sucumbir sob o peso formidável, mas invisível do desânimo, um dia, olhando atentamente a sua linda estampa no espelho do quarto, bate na terra e, se tem uns laivos de cultura literária, exclama: — “Eureka! Cá está a fortuna.”

De fato, o espelho bondoso, como é a maioria dos espelhos, lhe revelara a grande verdade, a verdade da sua beleza, a qual, bem avaliada no mercado do casamento entre mulheres que procuram um belo marido, poderia alcançar um preço incalculável. E assim fez o nosso herói. Começou a cotizar seus belos olhos e a sua esbelta figura desde aquele dia em que o espelho, refletindo-lhe a sua fisionomia, o chamara à realidade. E entrou então a fazer girar nas asas do moinho da sua ambição o desejo de casar, não com uma moça nem uma mulher, nem tão pouco ainda com o amor — porém com um dote.

E será possível que o nosso herói não encontre o dote desejado? Encontra, sim; porque o mundo é grande, a vida é vasta e a tolice humana é maior ainda.

E o Caça-Dotes⁸¹ em questão teima, porfia, persiste, até afiar a paciência nos rebolos de todos os obstáculos, mas a sua paciência tem a virtude da paciência obscura da formiga. E ele prossegue sempre, escorregando pelos patamares do seu sonho de grandeza, arrimado ao corrimão da esperança, levando dentro da alma o eco daquele

⁸¹ O tema do caça-dotes é frequente na obra de Floreal. Publicou um livro, com o qual não tivemos contato, intitulado *Rei dos Caça-Dotes*, que pelo nome inferimos o tema central, bem como tratou de modo determinante a questão através da figura da personagem Oswaldo, um caça-dotes muito engenhoso, no romance *A coragem de mar*. Figuras como esta, dentre outras que promovem golpes diversos, estão em ascensão no período em que no Brasil passa a imperar uma “democracia arrivista” (SEVCENKO, 1989, p.56).

conselho popular que diz: Quem procura acha! E de fato, até mesmo o acaso, que não costuma andar ao léu com qualquer pessoa, nem bem, nem mal acompanhado. A persistência é uma gazua com a qual, abrindo-se as portas do imprevisto, um indivíduo dá sempre de cara com o acaso. E o belo rapaz, sempre trabalhando pela ânsia louvável e simpática de ser rico, veio um dia encontrar-se com uma coisa que tinha talvez uns quarenta anos de idade, coisa essa que possuía cabelos compridos e usava saias. Era uma dona viúva, dona também de algumas dezenas de contos de réis. Uma respeitável senhora; porém, ao espírito do Caça-Dotes, ela era simplesmente uma coisa que tinha muito dinheiro. Foram apresentados por um terceiro, que escondia habilidosamente o interesse em tal apresentação. Noivaram, escondendo ele, o mais possível, todos os seus sentimentos de ganância.

O sonho do herói estava em vias de materializar-se, ou por outra, de metalizar-se. Nas vésperas do casamento ele vibrava e, sentindo-se já um homem que dominava a vida, porque era mais que certo que ia ter dinheiro, muito dinheiro, já pisava firme, ruminando o seguinte solilóquio: Dinheiro! Com o dinheiro, comprarei todas as coisas belas e agradáveis do mundo; com o dinheiro, todas as criaturas humanas rojar-se-ão sobre a minha sombra; com o dinheiro, comprarei aquilo que nem todos possuem — a felicidade.

Comprar a felicidade! Grande mentira, que seduz e perturba unicamente a imaginação dos tolos, porque, em última análise, o dinheiro, tudo conseguindo, consegue somente realizar a parte material da felicidade, e nada mais. No dia do casamento, o ilustre Caça-Dotes, completamente desvairado, recebe felicitações até de indivíduos que o detestam. E passa então a desfrutar a estima e a consideração de várias famílias e de muitas personalidades. Enriquece e é de bom tom cotejar os que enriquecem. Mas se diz o adágio que quem procura acha, há também uma sentença que diz muito bem: O dia da alegria é sempre a véspera da tristeza. Pois bem: as alegrias passaram. Vejamos agora como vive o nosso herói dentro da tristeza.

Passados alguns meses, a ilustre senhora, atacada de uma forte recaída de ciúmes, tornou-se impertinente, irritadiça, amarga.

E, como que agachada atrás do biombo roxo do seu ciúme progressivo, tomou uma assinatura sinistra de rabugices contra o seu esposo, que, a princípio, vergado por uma habilidosa resignação, sorria em face dos tormentos. Porém, ele estava a queimar os últimos cartuchos da paciência, e passou então do sorriso à sisudez.

Evadira-se-lhe, como por encanto, a alegria. Os dias passavam embaciados aos olhos entristecidos; e ele, fazendo prodígios sobre a corda bamba da paciência, pedia aos céus que lhe mandassem uma pesadíssima carga de resignação.

A esposa era rica, mas o dinheiro que caía nas mãos do Caça-Dotes, uma espécie de mesada que lhe dava a ilustre senhora, não chegava nem ao menos para controlar com uma dose de prazeres extraconjugais, todos os tormentos que o assediavam.

E o nosso homem, à espera de que a esposa fosse chamada o mais depressa possível pela Providência, à espera — digamos o pensamento cruel do Caça-Dotes — de que a consorte morresse, estraga os nervos e envelhece antes do tempo sob a descarga de uma neurastenia ultravioleta.

Quando o dinheiro já não lhe serve quase para mais nada, porque ele está envelhecido e curtido por uma lixívia de intensivo pessimismo, a mulher morre.

E aí temos o conto do vigário oriundo da ambição.

E mesmo que o Caça-Dotes desafortunado como foi este, viesse um dia revelar estas amargas verdades com o intuito humanitário de pregar exemplos, não seria tomado a sério absolutamente! Todos os aspirantes a caça-dotes dariam uma sonora gargalhada, achando que o herói em questão, depois do ridículo do seu fracasso, ainda pretende coroar a sua comédia bufa com o ridículo enjoativo de dar conselhos.

Se todos os conselhos provocam naturalmente uma certa aversão, os conselhos que procuram delimitar a ambição provocam ódio, acarretando a pecha de despeitado sobre o mísero mortal que teve a veleidade de querer incutir na cachola de alguém a obediência aos conselhos. Porque, na melhor das hipóteses, quase sempre aceitar um conselho é aprender a errar pela cabeça dos outros. E é por causa disso que há no fundo da astúcia humana uma surda prevenção contra os conselheiros...

[Publicado em 14 de abril no periódico *Correio Paulistano*.]

O conto do vigário e a moda das mulheres

O espírito dos homens sempre procurou a graciosa frivolidade feminina com o intuito de fazer graça. Brincar com as mulheres é mais arriscado ainda do que querer bailar nas bordas de um abismo. A mulher é uma eterna boneca risonha nas mãos dos homens. É uma boneca que gosta de ser afagada pelo homem, esse divertido fantoche, que algumas vezes faz chorar, e quase sempre faz rir. E homem e mulher, na fantochada do amor, procura cada qual arrimar-se aos predicados morais de um e de outro. O homem, pelo fato de possuir uma dosagem corrosiva de fanfarronice, quando não tem outro passatempo que melhor lhe fascine o espírito maledicente, outra coisa não faz que não seja achar defeitos nas mulheres. E então, estribado na proverbial resignação feminina, diz que a mulher é um animal de cabelos longos e ideias curtas; que a mulher não tem talento, como se ela necessitasse de ter talento e de ter ideias para valorizar a sua beleza. Quanto à alma, é possível até mesmo que, às vezes, ela tenha mais do que uma, mas é forçoso reconhecer que sempre ela tem as almas que quer. Na pantomima da vida, os homens, fantoches sisudos, outra coisa não têm feito que caluniar as mulheres — bonecas risonhas.

Os homens transformam-se raramente pelo espírito, as mulheres transformam-se constantemente pelas modas.

A moda é a “mise-en-scène” da alma feminina.

É o delírio furta-cor das pinturas! Estamos em pleno reinado do “rouge” e do “baton”! Os lábios pintados estão na ordem do dia e nos caprichos desordenados dos ideais de elegância que inflamam a sensibilidade das mulheres.

A Eva moderna, vulcanizada pela ânsia maviosa de mentir, no intuito de exteriorizar uma volúpia escaldadiça, com o milagre colorante do “rouge” transforma a boca numa romã esquertejada.

“Baton” na cova dos olhos e “rouge” nos lábios, é um câmbio de cambiantes que torna o rosto feminino uma palheta curiosamente pintalgada. É forçoso, porém, reconhecer que o rosto feminino, sob o disfarce simpático do abuso das tintas, adquire essa graça matizada, que lhe permite corar discretamente. Se é verdade que os sentimentos têm cor, as mulheres que lançam mão dos coloridos para lançá-los na linda carinha podem viver relativamente sossegadas, porque têm na artificialidade das massas coloridas que lhes transformam a fisionomia um agente astuto que as ajuda a atingir os

sentimentos segundo a necessidade e os desejos, fazendo-as aparentar sempre aquilo que querem ser, e, às vezes, aquilo que querem aparentar.

A mulher, tendo propensão para várias oscilações, acaricia em última análise a queda das atitudes e das aparências. A aparência constitui a sua embriaguez máxima, a sua tontura suprema. E a moda foi inventada justamente para lhe alimentar essas oscilações.

A mulher, para obedecer aos caprichos da moda, é capaz de cometer todos os dislates possíveis. E para tornar encantador o corpo por fora, não dispensa muita atenção ao que ele exige por dentro; e por isso há mulheres que carregam no rosto maior quantidade de pó de arroz do que mesmo de arroz trazem no estômago.

A moda pode ser considerada hipocrisia do corpo, a mentira dos semblantes a mutação das atitudes e dos gestos.

A moda é um capítulo de astúcia que Maquiavel esqueceu de escrever!

A moda, mesmo quando é ridícula, empresta à mulher uma força que a torna invencível, porque é sempre a ilusão aplicada ao corpo. E o homem, mesmo crivando a mulher de defeitos, vota-lhe uma adoração contínua, um pouco porque é próprio da fraqueza masculina gostar das mulheres, e em grande parte porque elas possuem a magia dominadora da ilusão. Por isso são invencíveis as mulheres! Mas, essa ilusão, sendo o resultado das modas que as transfiguram, é para todos os efeitos uma ilusão conto de vigário. E, na longa teoria dos contos de vigário, esse é por certo um conto de vigário bom, um conto de vigário que possui o dom maravilhoso de fazer o homem esquecer todos os contos de vigário maus que ele é condenado a suportar pela vida além.

E, sem essa ilusão, como seria triste o destino das mulheres! Sem essa ilusão os homens seriam duplamente desgraçados, porque então os defeitos femininos nos apareceriam enfadonhos, odiosos, cansativos, com essa agressividade própria das coisas precárias! Conservemos a ilusão com esse espírito conservador de alto respeito pela mentira, porque a ilusão e a esperança são duas mentiras mais úteis do que a verdade da realidade.

[Publicado em 24 de abril no periódico *Correio Paulistano*.]

Manias e pretensões

Uma das coisas que mais lisonjeiam a vaidade humana sempre foi aparentar o máximo daquilo que na realidade não se é. Partindo deste dispositivo chegaremos logicamente ao ninho das debilidades que constituem o forte das fraquezas que a humanidade acaricia amorosamente. Chegaremos a esse canteiro irregular onde brotam as ambições ferazes e as manias repolhudas. Por isso, pode-se afirmar, sem esse pavor que infundem as afirmações, que não há ninguém que faça a sua viagem através da vida sem carregar a sacola de sua mania. Há manias insignificantes, inverossímeis, assim como há manias berrantes, que acenam, bracejam mais do que um semáforo de ilha deserta. Se é verdade que todos nós temos a nossa mania, vejamos o grau de futilidade que tem a grande mania de alguns em confronto com a pequena mania de todos.

Há, na seara fértil das manias, uma que pode ser catalogada como presunção: é a mania dos que querem ter talento. Um sujeito que dá ideia perfeita de que vive feliz, porque realiza vinte por cento das suas aspirações no campo desolado das decepções, um dia encasqueta na bossa amarela das ideias a mania verde, o propósito incolor, a resolução furta-cor de querer ter talento. É uma ideia, uma aspiração, um desejo que, ao cabo de algum tempo, acaba por se transformar, de mentira transitória que era, em verdade fixa, incontrovertida. E o sujeito que a tal ideia dá benévola guarida, depois de convencido de que tem de fato talento, passa a trabalhar a fim de impingir aos outros a sua mania. E afaga essa mania com o mesmo ardor e desvelo com que um pai afaga um filho aleijado. Difícil, a princípio, era convencer-se a si mesmo, porque convencer aos outros é sempre um trabalho menor do que autossugestionar-se. E o figurão, navegando nas águas da benevolência humana, guia do alto, a nau da sua desmedida pretensão, que tem esculpida na proa a imagem ridícula da sua mania. E, como que embriagado por uma ilusão que ninguém quer ter o mau gosto de trincar, o fulano, forrado do cetim barato do cinismo, emproa o seu pseudo talento coroadado, primeiro, com a sua inconsciência, depois, com os sorrisos benévolos e concessivos dos outros.

E assim consegue manter florido o prestígio, até o momento em que as circunstâncias não o obriguem a sair da atmosfera dúbia de falso talento. Mas, ó tristeza das tristezas! Quando o momento fatal de revelar a chapa do talento se aproxima, o fantoche em questão tomba do seu frágil pedestal, mostrando todo o enchimento composto da estopa da mediocridade que fora valorizada pela mania da fama.

Ao lado destes maníacos inofensivos, jocosos, há outros que formam na mesma galeria, porém, com uma pequena diferença: são os possuidores de uma dose mui escassa de talento, que mal chega para o usufruto cotidiano: e lançam mão daquilo que se chama, na desordenada república das letras — cabotinismo. O cabotino é um indivíduo que tem um talentozinho que pode ser guardado no fundo de um dedal, porém ele o valoriza no mercado da glória, vendendo-o caro, graças ao poder do cabotinismo. Ninguém se parece tanto com um cabotino quanto um pavão. Porque o pavão, além de ser a ave mais estúpida do mundo, quando abre o bico por onde solta uns gritos agudos, e desconcertantes, e de ser atacado de mortal tristeza quando olha para os pés, tem ainda outras originalíssimas particularidades — é um bichinho magro, descarnado, um esqueleto pavoroso de ave tuberculosa.

E aqui vem a comparação exata, matematicamente precisa.

O pavão, tendo o orgulho da plumagem, a loucura paradisíaca das cores, é uma ave brilhante, pomposa, dir-se-ia feita de miríades de pedras preciosas mutiladas; mas, na realidade, só tem penas, cores, e mais nada. Assim é o cabotino. Insolência, pompas mentirosas na aparência, mas na realidade o seu talento é magro, raquítico, tuberculoso como o corpo do pavão. O pavão e o cabotino são dois astutos vigaristas.

O outro, o que alardeia talento por conta e risco da mania, é um vigarista de fancaria, que nem ao menos tem habilidade de plagiar o talento que possuem as penas do pavão.

[Publicado em 2 de maio no periódico *Correio Paulistano*.]

Referências bibliográficas

- AMARAL, Luiz. **A objetividade jornalística**. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1996.
- ANJOS, Augusto. **Obra completa**. Organização, fixação do texto e notas Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2004.
- ARRIGUCCI JR, Davi. **Enigma e comentário. Ensaio sobre literatura e experiência**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- AVIGUI, Carlos Marcos. **Euclides da Cunha jornalista**. São Paulo, 1987. 502p. Tese (doutorado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo.
- BENJAMIN, Walter. “*O Flâneur*”. In: **Obras escolhidas III – Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.
- BERTOLLI FILHO, Cláudio; BULHÕES, Marcelo Magalhães. “Um jornalista da metrópole: a Paulicéia de Sylvio Floreal”. In: **Comunicare**, São Paulo, vol. 5, n.º 2, 2º sem. 2005, p. 55-66.
- BIGNOTTO, Cilza Carla “O Caso Sylvio Floreal”. In: **Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)**. São Paulo, 2007. 421p. Tese (doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- BOSI, Alfredo. “As letras na Primeira República”. In: **História Geral da Civilização Brasileira**. São Paulo, vol. 8: Bertrand Brasil, 2006.
- _____. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: Sobre a teoria da ação**; Tradução Mariza Corrêa. Campinas, São Paulo: Papirus, 1996.
- BRITO, Mário da Silva. **História do modernismo brasileiro, 1: antecedentes da Semana de Arte Moderna**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- BULHÕES, Marcelo Magalhães. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática. 2007.
- _____. “Um jornalista do submundo: a reportagem narrativa em Sylvio Floreal”. In: **Revista Comunicação Midiática: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista**, Bauru, ano 2, n.º 3, ago 2005, p. 105-116.
- BURGER, Peter. “O Declínio da Era Moderna”, Trad. Heloísa Jahn. In: **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n.º 20, mar. 1988, p. 81-95.

BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil – 1900**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

_____. **Brito Broca Memórias**. BARBOSA, Francisco de Assis (org). Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.

CANDIDO, Antonio et al. **A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. São Paulo: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

_____. **Brigada Ligeira**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins fontes, 2005.

CARELLI, Mário. **Carcamanos e comendadores: os italianos de São Paulo: da realidade à ficção (1919-1930)**; Tradução de Lygia Maria Pondé Vassalo. São Paulo: Ática, 1985.

CHIARELLI, Tadeu. **Um Jeca nos Vernissages: Monteiro Lobato e o Desejo de uma Arte Nacional no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

COMPAGNON, Antoine. **O Demônio da teoria: literatura e senso comum**. Belo Horizonte, Minas Gerais: Editora UFMG, 2014.

CRUZ, Heloisa de Faria (org.). **São Paulo em revista: catálogo de publicações da imprensa cultural e de variedade paulistana 1870-1930**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1997.

DEL PICCHIA, Menotti. **A “Semana” revolucionária**; organização, apresentação, resumo biográfico e notas Jácomo Mandatto. Campinas, São Paulo: Pontes, 1992.

DIMAS, Antonio. **Bilac, o Jornalista: Ensaio**. São Paulo: Imprensa, 2002.

_____. **Tempos eufóricos: análise da revista Kosmos, 1904-1909**. São Paulo: Ática, 1983.

_____. “Frenesi Disperso” In: PAULILLO, Maria Célia Rua de Almeida. **Tradição e Modernidade: Afonso Schmidt e a literatura paulista (1906-1928)**. São Paulo: Annablume: Fapesp: Unifio, 2002.

FLOERAL, Sylvio. **A Coragem de Amar**. São Paulo: Nova Era, 1925.

_____. **Atitudes**. São Paulo: Casa Duprat, 1922.

_____. **O Brasil Trágico. Impressões, visões e mistérios do Mato-Grosso**. São Paulo: Rossetti, 1928.

_____. **Ronda da Meia-Noite: Vícios, Misérias e Esplendores da Cidade de São Paulo.** São Paulo: Typ. Cupolo, 1925.

_____. **Ronda da Meia-Noite: Vícios, Misérias e Esplendores da Cidade de São Paulo.** São Paulo: Boitempo, 2002.

_____. **Ronda da Meia-Noite: Vícios, Misérias e Esplendores da Cidade de São Paulo.** São Paulo: Terra e Paz, 2003.

GITAHY, Maria Lúcia Caira. **Trabalhadores Do Porto, Movimento Operário e Cultura Urbana em Santos (1889-1914).** São Paulo: Editora UNESP; Prefeitura Municipal de Santos, 1992.

GONÇALVES, Alcindo. **Lutas e sonhos: cultura política e hegemonia progressista em Santos, 1945-1962.** São Paulo: Editora UNESP; Prefeitura Municipal de Santos, 1995.

HARDMAN, Francisco Foot. "Antigos Modernistas". In: NOVAES Adauto (org). **Tempo e História.** São Paulo: Cia das Letras, 1992.

_____; PRADO, Antonio Arnoni. **Contos Anarquistas: Antologia da Prosa Libertária no Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. **Nem pátria nem patrão! Vida Operária e Cultura Anarquista no Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1984.

JANOVITCH, Paula Ester. **Preso por Trocadilho - A imprensa de narrativa irreverente paulistana de 1900 a 1911.** São Paulo: Alameda, 2006.

JAUSS, Hans Robert. **A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária.** São Paulo: Ática, 1994.

KALIFA, Dominique. **Os Bas-Fonds: História de um Imaginário.** São Paulo: Edusp, 2017.

LAJOLO, Marisa. "Mário de Andrade e Monteiro Lobato: um diálogo em três tempos" In: **Teresa revista de Literatura Brasileira** – área de Literatura Brasileira. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo – nº 8-9. São Paulo: Editora 34, 2008.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura.** Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1993.

LARA, Cecília. **Palcos em Foco: Crítica de Espetáculos/Ensaio sobre teatro (1923-1933) – Tentativas no campo da dramaturgia.** São Paulo: EDUSP, 2009.

LOBATO, Monteiro. "Atitudes". In: **Críticas e outras notas.** São Paulo: Ed. Globo, 2009.

MARTINS, Wilson. **O Modernismo**. São Paulo: Cultrix, sd.

MICELI, Sergio. **Intelectuais à Brasileira**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

_____. **Nacional Estrangeiro – história social e cultural do modernismo artístico em São Paulo**. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

NIEZSTCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo**; tradução, notas e posfácio: J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PAES, José Paulo. **Gregos & baianos: ensaios**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PAULILLO, Maria Célia Rua de Almeida. **Tradição e Modernidade: Afonso Schmidt e a literatura paulista (1906-1928)**. São Paulo: Annablume: Fapesp: Unifio, 2002.

PASSIANI, Enio. **Na trilha do Jeca: Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil**. São Paulo: EDUSC, 2003.

PRADO, Antonio Arnoni. **Trincheira, palco e letras: crítica, literatura e utopia no Brasil**. São Paulo: Cosac & Naif, 2004.

_____. **1922 – Itinerário de uma Falsa Vanguarda – Os Dissidentes, a Semana e o Integralismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa – tomo III**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1997.

RAGO, Margareth. “Apresentação: Nas margens da Paulicéia”. In: FLOREAL, Sylvio. **Ronda da Meia-Noite: Vícios, Misérias e Esplendores da Cidade de São Paulo**. São Paulo: Paz e Terra, 2003, p. 3-7.

_____. **Prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

RAMOS, Julio. **Desencuentro de la modernidad en América Latina. Literatura y política en el siglo XIX**. México: Fondo de Cultura Económica. 1989.

REBECHI JR. Arlindo. **A caminho dos sertões: o processo e a técnica de Euclides da Cunha na composição dos textos publicados em O Estado de S. Paulo durante a guerra de Canudos (1897)**. São Paulo, 2004. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

REIS, Roberto. “Cânon”. In: JOBIM, José Luís (org). **Palavras da crítica. Tendências e conceitos no estudo da Literatura**. Rio de Janeiro: Imago, 1992. Pp. 65-92.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**; organização Raúl Antelo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. **O momento literário**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1994.

ROLNIK, Raquel. **São Paulo**. São Paulo: Publifolha, 2013.

- ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1985.
- SALIBA, Elias Thomé. **História da Cidade de São Paulo, v.3: a cidade na primeira metade do século XX**; organização Paula Porta – São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- _____. **Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- _____. “Uns poucos modernos” In: **Carta Capital**, 15.02.2011, São Paulo: seção plural, pp. 66-68.
- SARTI, Ingrid. **Porto Vermelho – Os Estivadores Santistas no Sindicato e na Política**. São Paulo: Paz e Terra, 1981.
- SCHAPOCHNIK, Nelson. “Apresentação: Prelúdio à Sinfonia Cosmopolita”. In: FLOREAL, *Sylvio*. **Ronda da Meia-Noite: Vícios, Misérias e Esplendores da Cidade de São Paulo**. São Paulo: Boitempo, 2002, p. 13-17.
- RODRIGUES, Edgar. “As raízes libertárias no Brasil”. In: **Os libertários: ideias e experiências anárquicas**, 1988.
- SCHIMDT, Affonso. “Sylvio Floreal”. In: **A Tribuna**, Santos, 26 de janeiro de 1939. Disponível on-line em <<http://www.novomilenio.inf.br/cultura/cult43.htm>>
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. Brasiliense, 1983.
- _____. **Orfeu Extático na Metrópole**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad 4^a ed, 1999.
- SPINA, Segismundo. **Introdução à Edótica: Crítica Textual**. São Paulo: Edusp, 1994.
- SUSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda européia e modernismo brasileiro: apresentação dos principais poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 até hoje**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- VECCHI, Roberto. “Seja moderno, seja brutal: a loucura como profecia da história em Lima Barreto”. In: **Morte e Progresso – Cultura Brasileira como apagamento de Rastros**. São Paulo: Ed. Unesp, 1998.
- WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura**. São Paulo: Edusp, 2001.

ANEXO A – Recortes de jornais noticiando a morte de Sylvio Floreal

1.

(A Tribuna - 15/9/1928)

2.

(Folha da Manhã - 16/9/1928)

3.

(Correio Paulistano - 16/9/1928)

4.

(A Tribuna - 18/9/1928)

5.

**O FALLECIMENTO DE
SYLVIO FLOREAL**

**O popular escriptor paulista
viveu os seus ultimos
dias na indigencia**

São Paulo, 17 (A. B.) — Foi
hontem noticiada, com todo o la-
contemo a morte de Sylvio Floreal,
popular escriptor e autor, de varios
livros.

Sylvio Floreal, que tambem exer-
ceu a profissao de jornalista falle-
ceu indigente, sem o menor com-
forto e assistencia. O seu pasta-
mento foi noticiado que se verifica-
ra num quarto de pensão.

O Dr. Carlos de Miranda Mar-
tins, tomando conhecimento do fa-
cto pela leitura dos jornaes, foi ze-
lar o corpo, mas na pensão, onde elle
residiu por muito tempo, só conse-
guiu ouvir da proprietaria a decha-
ração de que o corpo do escriptor
não estava presente. «Foi para o
necroterio. Não sei da vida della...
Como me devesse dinheiro vivia
sempre a fugir de mim».

Foi essa a oração fúnebre que
estava reservada a Sylvio Floreal...

O Dr. Martins foi então ao ne-
croterio. O cadaver lá estava nã
dentro de um rúfalo! Um soldado
da guarda do necroterio guardava
o corpo e parecia entristecer-se
com a infelicidade do moço, que
morreu sem ter a seu lado nem pai,
nem mãe, nem parentes... Nem
amigos.

O Sr. Martins não consentiu
que enterrassem Sylvio Floreal no
rúfalo. Pediu o enterro lutan-
do á ultima hora para que a casa
Rodevalho fornecesse carro de pri-
meira classe. Teve de lutar tam-
bem contra a má vontade da autori-
dade policial.

Sylvio Floreal foi enterrado no
cemiterio São Paulo orando á be-
ira do tumulo o Sr. Carlos Cavaco.

(Gazeta de Notícias - 18/9/1928)

6.

Sylvio Floreal — Hoje, ás 9 ho-
ras, no mosteiro de São Bento, se-
rá realizada uma missa, por inten-
ção da alma do nosso collega de
imprensa, Sylvio Floreal.

Para esse acto estão convidados
todos os amigos do fallecido, e os
representantes da imprensa.

(Diário Nacional - 18/9/1928)

7.

SYLVIO FLOREAL
(Domingos Alexandre)

Consilia Alexandre convida as pessoas de sua ami-
zade a assistirem á missa que, por alma de seu idola-
trado irmão

SYLVIO FLOREAL
(Domingos Alexandre)

manda rezar na igreja do Immaculado Coração de Ma-
ria, ás 7 1/2 horas, do dia 27 do corrente.

Desde já, de coração, agradece a sua presença a tão
piedoso acto.

—27—

(A Tribuna - 25/9/1928)

UM BOHEMIO A MENOS... E UMA SAUDADE A MAIS...

Perdeu S. Paulo com a morte de Sylvio Floreal, não só o seu bohemio mais independente, como o escriptor mais ousado.

Sylvio Floreal, desde o tempo em que appareceu pelas columnas das revistas paulistas, até o dia de hontem, em que, já penetrado no ambiente intellectual, dominava como chronista incisivo e desassombrado, impoz sempre ao leitor, mais do que qualquer outra, a sua esplendida qualidade de observador perspicaz.

As suas duas obras "Atitudes" e "A coragem de amar", esta ultima com varias edições, revelam bem o espirito de liberdade das suas idéas e a veia indifferente da sua personalidade.

Sylvio Floreal era um typo á parte, á margem da vida. E tão pouca importancia ligava a si proprio que estava mesmo disposto a morrer com a maior naturalidade e desprendimento logo que a morte lhe viesse.

Escrevia, dizia elle, porque nada mais sabia fazer, na vida. Não tinha occupação, fixa, não tinha idéas. O seu divertimento mais comum era abservar o ambiente de S. Paulo, onde todos lhe eram estranhos e onde não possuia um parente. Era só e unico como um oasis no deserto.

Estava sempre presente nas ruas, obeso, com a grande barriga empoleirada sobre as pernas e a cara rubicunda sempre a focinhar um assumpto novo no ar. A sua casa era alli, nas calçadas, onde fazia estação permanente.

Vivia sempre engolfado na idéa de produzir, produzir muito, livros aos kilos para o alimento diario dos gulosos da literatura. E o seu genero, certamente, esbarraria em milhares de leitores, porque, a

exemplo dos escriptores cariocas que inauguraram o romance leviano, os seus enredos invadiam as alcovas os lupanares; a sua verba borboleteava pelos cabarets; o seu espirito mordaz perquiria os mercedos de todas as especies de generos, inclusive o humano e a sua observadora acuidade despia todos os scenarios.

Ultimamente, Floreal estava com a mania de largar esse genero e escrever regionalismo. Para isso, não sei como e com que recursos conseguiu ir até os sertões de Goyaz, conhecer os garimpos, o rio das Garças, as lagoas negras, toda a selvagem agrestia daquelle centro da terra, onde a patria é mais inculta e onde são mais soberbas as expressões da natureza.

A ultima vez que eu o vi, na praça do Patriarcha, a desuntar de olhares melosos e inconvenientes a toilette decorativa das mulheres que riscavam os passeios com as suas silhuetas esguias, elle me promettera, entre perdigotos: "Vas ver... um romance e tanto! Vou trazer do rio das Garças para as ruas do Triangulo! Dez mil exemplares, vinte mil..."

A sua illusão, aliás, sempre foi essa: muitos exemplares, transformar em dinheiro as apáras rabiscadas, operar a idéa como um cirurgião, reduzindo-a a metal sonante a nota de banco.

Tudo isso, porém, a morte lhe jogou na curta trajetória da vida dando-lhe um golpe de foice.

Ficou apenas, e muito vagamente, na sympathia dos que lhe davam sempre ouvidos tolerantes, a saudade do que foi e a lembrança daquelles grandes sonhos que queria realizar... em vão.

MANOEL VICTOR

SYLVIO FLOREAL

Na *Gazeta de Campinas*, importante diario que se publica na cidade do mesmo nome, e em S. Paulo, encontramos noticia da morte de Sylvio Floreal, que com elle conviveu por alguns meses, deixando entre nós muita sympathia e funda saudades.

Sylvio Floreal foi um impetuoso bohemio, que tanto se alhou com dedicacão na imprensa de varios Estados, revelando, como em Cuiabá, um espirito intelligente e de boa cultura.

E' esta a noticia:

Hontem, para nós da *Gazeta*, foi uma triste noticia a inesperadamente, dolorosamente, uma noticia nos turbou o espirito, enchendo-nos de magua e desconforço: falecera, na véspera, Sylvio Floreal, escriptor de nomeada, jornalista e, mais que isso, nosso velho companheiro de trabalho.

Mas ainda nos entristeceram as contorções em que falleceu o escriptor, jornalista, indigente — a vida a péلهta com que deu entrada no comiterio.

Sylvio Floreal morreu na mais completa miséria: destino que esparta a todos os que ingressam na imprensa, ou que fazem vida de litteratura neste Brasil. Porisso mesmo, punge e amargura cada caso semelhante a historia cruel da morte de Sylvio Floreal.

Muitos annos foi elle, por algum tempo redactor da *Gazeta de Campinas*, onde teve occasião de mostrar as suas lindas qualidades de escriptor e jornalista. Após seguir o rumo incerto, nomeado por assim dizer, de quantos vivem ou procuram heroica e despendidamente viver na penúria da publicidade do jornalismo. Ora aqui, ora ali, logo mais afundado na sua eterna bohemia, abandonando, sofrendo, destemidamente a vida e as revezes que o não poupavam. Ha dois mezes vim lo pela ultima vez, realizou em Campinas uma conferencia intitulada: "O mysterio do rio das Garças".

Ninguém poderia imaginar que a sua situação fosse assim precária, muito menos a sua saúde. Voltou uma semana depois a São Paulo. Agora, subitamente vemnos a instantanea e inesperada morte, repentina, sem ninguém ao seu lado, estirado numa lago do necrotorio, levado á tumba por meia dúzia de amigos.

Filou a beira da sepultura Carlos Cavaco que terminou dizendo: "Fica longe dos homens e perto de Deus".

Pobre Floreal! Carlos Cavaco foi teu amigo e teve muita razão, mas perdoa-nos que tão cedo esqueçeramos a tua bondade e a tua bella alma, e possas tu abençoar todos, e te confortem ao menos as lagrimas dos que, como nós, por alguns momentos ficamos com os olhos azuis da tua, nua misto de saudade pela tua alma, da piedade pelo teu fim tão rude, do receio pela vida tantas vezes da tão ingrata e tão má.

(A Tribuna - 25/9/1928)

(O Matto-Grosso - 21/9/1928)

ANEXO B – Recortes de jornais noticiando conferências de Sylvio Floreal

1.

A GUITARRA

**Interessante conferencia
de Sylvio Floreal
no Conservatorio**

É hoje que se realiza, no salão do Conservatorio, o sarau literario musical organizado pelo conhecido

Sylvio Floreal

o festejado escriptor Sylvio Floreal, com o concurso do guitarrista portuguez Abilio Cavalheiro. Constará a festa, como temos noticiado, de uma parte de concerto e de uma interessante conferencia sobre "O sentimento da guitarra". Attendendo á grande procura de bilhetes — restam poucos á venda na Casa Garraux e na Livraria do Globo, á rua Quintino Bocayuva, devemos prevêr, para o sarau de hoje, um successo completo.

(A Gazeta - 5/7/1923)

2.

Conferencia

O escriptor Sylvio Floreal partirá amanhã para Jaboticabal, onde fará, a convite de intellectuaes dalli, uma conferencia sobre a "Historia de alguns contos de vigario". A interessante palestra está subdividida nos seguintes capitulos: "Ladrão versus ladrão, A tragedia do bello rapaz, O arco iris das promessas, Os contos de vigario dos suicidas, Os contos de vigario da amizade, Trilogia do ridiculo, A comedia dos cabotinos, Devoradores, devorados e carecas, O conto de vigario das mulheres e das modas, A mentira collaborando com a civilização e o O conto de vigario dos conferencistas".

(A Cruz - 11/1926)

3.

Sylvio Floreal

O festejado escriptor paulista Sylvio Floreal realizou quinta-feira passada, no cinema Palma desta cidade a sua brilhante e humorística palestra que agradou em cheio. Conhecemos Sylvio Floreal como romancista original e vigoroso e jornalista emerito, tanto na chronica como na polemica, porém, não o conhecíamos como conferencista. E podemos afirmar com todo o ardo da nossa sinceridade que Sylvio Floreal, além de fino escriptor, é também um conferencista elegante dotado de uma voz sonora, bem timbrada que não cansa o auditorio. A conferencia que o illustre escriptor nos declamou intitulada: "A historia de alguns contos de Vigário", sobre ser um trabalho de alta observação das coisas da vida, é também um fino lavor humorístico em que o seu autor põe em evidencia todas as suas qualidades de escriptor sagaz e arguto.

Parabens a Ponta-Porã, por essa hora de fina arte que lhe proporcionou o distincto belletrista que ora viaja pelo nosso Estado, colhendo impressões para o seu novolivro.

(O Progresso (MT) - 8/1926)

4.

Conferencia literaria em Cuyabá

CUYABÁ, 26 (Serviço especial da A NOITE) — Na proxima quinta-feira, Sylvio Floreal realizará a sua primeira conferencia no Palacio da Instrução Publica. O conferente será apresentado pelo desembargador José Mesquita, presidente do Centro de Letras.

(A Noite - 26/10/1926)

ANEXO C – Recortes de jornais noticiando as publicações de Sylvio Floreal

1.

(A Gazeta - 9/8/1922)

2.

(O Combate - 12/8/1922)

3.

LIVROS NOVOS

"A coragem de amar" — da série "O romance da nova raça" — Sylvio Floreal.

Sylvio Floreal revelou-se, ha tempos, com um bello livro de contos e de critica, "Attitudes", recebido com louvores em nosso meio literario. Agora, dá-nos elle um novo livro, "A coragem de amar", o primeiro, ao que parece, de uma serie, a que intitulou: "Tryptico ethnico" e que se completa com "A terra dos anonymos" e "Audacia", o primeiro já em preparo.

Após esses livros, pretende o joven escriptor paulista escrever o "Tryptico Social", ou o "Romance dos Humilhados", que se comporá dos romances "Salomé", em preparo; "O homem inutil" e "Nos graus da vida".

E' de augurar-se ao novo livro de Sylvio Floreal, dado o exito que alcançou o seu primeiro trabalho, um completo successo literario e da livreria.

Reservamo-nos para dizer depois, em a secção bibliographica, deos novo livro com que nos brindam as letras e as artes graphicas paulistanas. O trabalho de Sylvio Floreal, que recommenda sobremodo o estabelecimento em que foi confeccionado, sahio das officinas graphicas de Rossetti e Rocco, estabelecidos nesta capital, á rua da Gloria, n. 11.

"A coragem de amar" figura, desde hontem, na vitrina das nossas livrerias.

(O Correio Paulistano - 24/2/1924)

4.

"A CORAGEM DE AMAR"**O novo romance de Sylvio Floreal**

Sylvio Floreal não é um nome desconhecido aos antigos leitores da "Gazeta", para a qual escreveu uma série de chronicas e artigos que foram muito apreciados, não só pelo estylo imaginoso e brilhante com que os vestiu a phantasia do joven escriptor, como pelo

interesse da narrativa e aos assumptos tratados.

Reunidos em volume, subordinados ao titulo "Attitudes", receberam esses trabalhos os melhores elogios da critica, ao mesmo tempo que fizeram augmentar o numero de leitores e collocaram Sylvio Floreal em evidencia no nosso microcosmo literario.

Sylvio Floreal, sem abandonar a chronica literaria e o artigo jornalístico, foi nesse interm dedicando a sua actividade a obras de ficção, de que "A coragem de amar", o romance ora apparecido nas vitrinas das livrerias, é a primeira amostra.

Escriptor imaginoso, embora procurando reproduzir a natureza de accordo com o seu temperamento profundamente realistico, Sylvio Floreal em "A coragem de amar" faz viver as suas personagens no ambiente paulistano.

"A coragem de amar" é um romance que o autor dedica "a todas as mulheres que, acima das convenções, dos interesses, e além de todos os desastres, tiveram a coragem humana de amar".

(A Gazeta - 27/2/1924)

5.

(O Combate - 29/2/1924)

6.

Igual a LA GARÇONNE?

Melhor que MLLE. CINEMA?

Só A CORAGEM DE AMAR de SYLVIO FLOREAL

Segunda-feira, dia 16, em todas as livrarias - 2.a edição, correcta e illustrada. - Primeira tiragem desta edição: 10 mil exemplares - Preço, 6\$000 - Pedidos desde já á Empresa Editora NOVA ERA - Rua de S. Bento, 40 - Caixa Postal, 2832 - S. PAULO

(O Estado de São Paulo - 13/3/1925)

7.

"A CORAGEM DE AMAR"
— O romance da nova raça
— Sylvio Floreal — Houscroft
e Roelfs ed. 1924.

Este romance tem a seguinte dedicatória: — "A todas as mulheres que acima das convenções, dos interesses, e além de todos os desastres, tiveram a coragem humana de amar".

Estas palavras indicam perfeitamente os títulos do Autor: — romper, violar todas as convenções sociais, todas as normas da moral, pela vitória do instinto. Para ele, nesta longa e exquisita história de amor "a felicidade melhor é aquela envenenada pela sociedade".

Por tudo isso se vê ainda, como differso Sylvio Floreal do autor de "La Garçonne", Victor Margueritte sempre se bateu pela renovação dos valores moraes. Não como um amar-chista, mas como um construtor que vê o desmoronamento de um edificio.

Sylvio Floreal é ainda romantico. Prêga a coragem de amar, com aquelle entusiasmo com que prêgavam em 1830 os discipulos de Mme. Sand...

Sim, "A coragem de amar" é um romance de revolta romantica, cheio de audacia por cousas impossiveis e cheio de desmandos pueris. O mundo que marche pela força do inconsciente, pela coragem animal de afrontar as normas da acção, — é o que se conclue das paginas do romance!

Trata-se assim de um romance de moço, mas de um moço geforcado. Embora o estilo seja desigual, embora haja muitos descuidos de linguagem, embora a desagração profundamente esse immoralismo retórico e inconcoelata, — cremos que Sylvio Floreal tem capacidade de elaborar uma obra capaz de figurar, sem desdouro, entre os bons livros de nossa literatura.

Motta Junior

(C.P - 29/3/1925)

8.

LIVROS NOVOS

"A CORAGEM DE AMAR"
— Sylvio Floreal — Empreza Editora Nova Era — São Paulo, 1925.

Da Empresa Editora Nova Era recebemos um exemplar de "A coragem de amar", romance de autoria do sr. Sylvio Floreal.

Não se trata de um livro novo, que requiera commentarios em torno do seu valor e da sua feição, por isso que nos move hoje somente o intuito de registar o apparecimento da sua segunda edição e agradecer aos editores a offerta que nos fez.

(Correio Paulistano - 23/4/1925)

9.

A CORAGEM DE AMAR — de Sylvio Floreal

Sylvio Floreal acaba de dar à publicidade a segunda edição do seu popularizado romance "A Coragem de Amar", um excellente trabalho editorial da Empresa "Nova Era", com uma bella capa de Palm.

O facto do romance ser dado em segunda edição já constitui por si só forte attitude de honra para a obra de Sylvio Floreal.

Isto prova que vencendo a indifferença literaria do nosso publico, Floreal conseguiu com o seu romance de assumpto pulpitante uma acclamação bem honesta.

A segunda edição apresenta aspecto muito mais apreciavel, sendo escolmado o livro de algumas imperfeições que o enfejavam. "A Coragem de Amar" é um romance moderno cuja acção se desenrola em S. Paulo actual e cujos personagens são factos pela maneira fiel por que foram apantados regunam muita verdade e humanidade. Enredando uma historia de duas almas apaixonadas e tolhidas pelas convenciones sociais, Sylvio Floreal tirou partido do assumpto com o seu estilo nervoso: irregular mas interessante.

O assumpto principalmente é fadado a agradar sob o ponto de vista moral a obra é muito discutivel: "Coragem de Amar" é um livro de escandalo mas não chega a ser immoral no sentido social do vocabulo. E' de esperar-se que a segunda edição desse livro com melhores motivos continue o caminho victorioso da primeira.

(A Gazeta - 24/4/1925)

"RONDA DA MEIA NOITE" DE SYLVIO FLOREAL

Sylvio Floreal, um espírito agudo, sagaz e inteligente soube fazer, como João de Rio, uma completa reportagem da cidade de São Paulo. Sahiu das ruas do Triângulo e foi ver a miséria dos bairros, foi ver o escorrer de suor, dos que cavam o seu pão diuturno; depois correu aos alcouces, ficou a noite toda ao relento, pesquisando diversos sítios e entrevistou os typos urbanos mais característicos e interessantes. Essas reportagens literárias reunidas em livro, apparecem agora, num elegante volume com perto de 200 paginas e uma capa cubista de Paim, felicíssima na concepção. Sylvio Floreal é um narrador nervoso e vibrante. Suas investigações tomam um cunho propriamente subjectivo e os aspectos da cidade que elle nos apresenta são focalizados através do seu temperamento de artista ironico e bohemio. E' uma série de photographias apanhadas pela "Kodack", do seu espirito que sabe tão bem retocar e movimentar os "clichés".

Sylvio Floreal vae do comico, fazendo uma resenha do appetite da cidade e dos pitéos preferidos, ao tragico na descripção da Penitenciaria. Passam assim em desfile, em cinematographo, todos esses quadros typicos da urbs numa successão impressionante de sentimentos e emoções — a lagrima, a desgraça, o peccado, a tentação, o engodo, a troca, a miséria — nesse grande mostuario, nessa promiscua feira humana. E' este o "film" natural que o autor soube apanhar e offerece agora ao publico, que tanto apreciou suas obras anteriores.

(A Gazeta - 14/10/1925)

11.

(C.P - 5/1/1928)

12.

“O BRASIL TRAGICO”

APARECEU O ULTIMO LIVRO DE SYLVIO FLOREAL

Quando mal se fechava a sepultura que recebeu os despojos de Sylvio Floreal, apparecia nas livrarias desta capital, o seu ultimo livro — “O Brasil Tragico”.

O escriptor bohemio, que viveu em S. Paulo, neste momento de plena affirmação artistica, como um pária, não ha muito tempo, desapparecera da cidade, em cujas ruas era visto a andar pesadamente como um burguez incapaz de alimentar um idéal artistico, e em cujas livrarias se demorava a ver novidades literarias.

Ninguém sabia para onde havia ido Sylvio Floreal. Pouco importava, porém. Ninguém sabia tambem de onde viera elle. Apenas que, com um esforço extraordinario, lograra subir da situação mais grosseira, a uma posição mais elevada, pos mais terrivel para a luta que elle teve de sustentar até cahir num colapso cardiaco.

Depois se soube. Sylvio Floreal reapareceu no scenario da cidade. Vinha do fundo do Brasil ignorado, trazendo uma tragedia escripta... Era “O Brasil Tragico”. Sylvio resolvera metter-se no sertão rude e surprebender na sua grandiosidade tragica, a vida da terra barbara do Brasil. O mallogado escriptor trouxe de lá talvez o seu mais bello livro. Mas trouxe tambem, conforme declarou, as maiores desillusões.

E foi com ellas que desappareceu, nas circumstancias desoladoras, que se conhecem, deixando prestes a sahir á luz o seu “O Brasil Tragico”.

Esse livro temol-o aqui á vista, em edição da Empresa Graphica Rossetti Ltda., estabelecida á rua dos Gusmões n. 28. Trabalho material excellente. Illustrações de J. E. Vellino.

(Diário Nacional - 6/10/1928)

ANEXO D – FAC-SÍMILES DAS VERSÕES DO CONTO “O PAI”

1.

194

A NOVELLA SEMANAL

Desse dia em deante, o vigário não se riu mais dos adjectivos de Teixeira, que usou e abusou delles a seu bel prazer, convencido de que o padre não o molestaria mais com o seu sorriso zombeteiro.

Não deixou, no entretanto, de chegar aos seus ouvidos — as más línguas nunca faltam! — que o vigário, com o seu eterno sorriso malicioso, carregando no adjectivo, dizia a todos, que o ouviam boquiabertos, que elle, Teixeira, era, na verdade, — um «ingente» homem...

NICOLAU PERO

CHRISTO

Luiz era filho de paes anonymos, filho da multidão, filho de ninguém!

Marieta, sua mãe, concebera-o por descuido, uma noite de aventura e galanteria, quando tinha approximadamente uns 20 annos.

Na idade em que todas as mocinhas flirtam e namoram innocentemente, ella, sosinha na vida, já tinha uma noção acabada da ferocidade dos homens, com todo o complemento das suas animalidades, manifestadas sob todos os vícios: e conhecia tambem o cynismo dos proxinetas e das inculcadeiras das casas de tolerancia.

Luiz entrou na vida a golpes de “forceps”, graças á pericia de um gynecologista.

Impossibilitada por diversos motivos, de seguir essa mesma vida que seguiu Maria Magdalena, antes de conhecer o Rabi, concentrou toda a sua attenção sobre o seu filho e procurou trabalho. Desnorteada na rotunda da vida e assediada por todas as difficuldades, ia á busca de occupaões, mas o seu aspecto de ex-rameira pouco a recommendava, embora ella appellasse por todos os disfarces possiveis. Atravez da sua modestia, analysando-a bem, gritava sempre a mulher que desdenhára a boa conducta: faltava-lhe o habito da honestidade.

Mas, á custa de bater em todas as portas, que se lhe fechavam, como a querer condemnal-a á

fome, abriu-se-lhe um dia a duma fabrica de tecidos, onde havia trabalhado quando menina.

Alugou um pequeno quarto no Belemzinho e durante o dia, o seu filho ficava em casa, entregue aos cuidados de uma velha napolitana, doente e hemiplegica, que fôra penteadeira, quando forte e menos usada pelo tempo e manuseada pelos homens, de Marieta e outras rascões, desabaladas que escondiam o nome de familia sob o manto de Zazás, Fifis e Frufus!

Luiz crescia á solta, por entre uma alluvião de outros guryrs peraltas e safadinhos. Era agil, arguto, vivo, como são todas essas crianças que vivem em liberdade, entregues aos seus proprios instinctos, nos meios populosos em que a ladínice e a malicia se respiram no ar...

Ausente do carinho materno, desabrochava robusto como um broto germinado no flanco de uma arvore plethorica de seiva. Confirmava-se nelle a sentença popular: filho de ninguém traz os germens de todas as qualidades!

Bem perto de onde morava, havia uma bella casa, de aspecto feliz, residencia de uma familia abastada, possuidora de muitos filhos.

Todos os dias, ali pelas 6 horas da tarde, o pae entrava, e ao chegar ao portão do jardim, era recebido pelos filhos que lhe saltavam ao redor, alegres e satisfeitos, chamando-o ternamente de papae: e Luiz assistia a este espectáculo de ternura e não sabia explicar porque é que todos os meninos tinham pae e elle não tinha! Começava a surgir no fundo de sua infantilidade, o primeiro vislumbre da razão. E ficava triste, com vontade de chorar...

A mãe, sempre mourejando na fabrica, parecia ter tomado a vida a sério, e trabalhava sem trevas, como se quizesse refazer e limpar, com um presente de sacrificios e extenuações, todo um passado de ignominias e ociosidades. Assim que pilhava um tempinho fóra da fabrica, costurava vestidinhos do seu filho e dos filhos de outras mulheres suas visinhas e companheiras de serviço.

Approximavam-se as festas do Natal, e ella toda entregue á confecção de umas calcinhas para o seu pequeno, feitas dum vestido seu, que conservava no fundo da mala, de optima casemira, vestígios ainda da sua loucura.

Costurava e quando a roupa que cosia lhe evocava o passado, se levantava lentamente e ia beijar a cabeça de seu filho adormecido. Uma noite, faltando poucos dias para o Natal, o pequeno accorda sobresaltado e chorando, chama pela mãe e depois pelo pae instinctivamente. A mãe afflicta não sabia como consolar o filho. E acaricia-o ternamente: — papae? sim, elle vem... Dorme, meu filho, elle está viajando. Na noite de Natal virá com sapatinho branco cheio de doces. Dorme, meu coração! Dorme!...

Luiz adormece novamente. Ella, para espairecer um pouco, abre a janella que dava para um quintalorio cheio de latas e roupas estendidas no coradouro. Olhava para todos os lados; tudo em silencio.

Levantou a cabeça para o ceu e com os olhos humedecidos contemplava a lua solitaria que espalhava um brilho monotono e suave, como se fosse o olho de "alguem" que estivesse espiando lá do alto esta dolorosa scena...

No dia seguinte, o menino, quando brincava com os outros, ouvia de espaço a espaço, contar que na noite de Natal nascia o Menino-Deus, e que por isso iam com papae e mamãe á missa do gallo ver o presepe.

Luiz, filho espurio, era a personificação desse phenomeno inexplicavel que põe os physiologistas que nutrem velleidades de nobreza e desmentem que ha no fundo genésico da plebe qualidades geniaes, em constante alarme.

Producto dessa força que plasma, no seio do anonymato, os typos exceptionaes e de eleição, o pequeno tinha todos os sentidos, para comprehender a vida, mais abertos e evolutos que os outros de sua idade.

Além de não ter pae, arrastava a fatalidade da precocidade! E a idéa de ver o seu pae crescer em seu cerebro tenro com toda a força de sua innocencia, aggravada tenazmente, pela potencia maldita de ser um menino precoce!

— 25

25 de dezembro. Ceu loucamente estrellado. Meia noite... Natal! Os sinos batem nas torres de todas as igrejas. Belemzinho em peso se movimenta para ir assistir á missa do gallo. Ha ruidos de malas que se abrem para tirar frescas camisas o vestidos engommados de mulher. Balburdia em todas as esquinas, onde magotes de

espadaídos rapagões, filhos de italianos quasi todos, estacionam para ver passar as Rosinhas, as Conchetas e as Pimpinellas que vão á igreja. Flirt não ha! A plebe não perde tempo com cousas innocentes e inuteis.

Grupos dispersos namoram muito agarradinhos, nessa distancia fatal em que os labios dizem palavras que são projectis atirados ao coração.

O babaréo cresce na proporção directa em que as ruas vão enchendo de povo. Luiz, que a essa hora dormia, accorda, e como a sua mãe lhe havia prometido que o seu pae viria na noite de Natal, interroga-a: — Mamãe, não estamos na noite de Natal?

— Sim, meu filho, daqui a pouco nasce o Menino-Jesus!

— E papae, porque é que não veio?

— Papae ainda não chegou da viagem. Socega, qualquer dia elle apparece.

— E' muito longe lá onde foi papae?

Enquanto Luiz pasava por um curto silencio a mãe procurou um pequeno retrato que tinha guardado, encaixilhado numa moldura ordinaria, esfrolada e pintalgada de manchas cinzentas. E levando-o aos labios da criança, diz fervorosamente: — beija-o, meu filho, é o retrato de seu pae!

Luiz afaga-o ternamente contra o peito e apoia a cabeça contra o travesseiro, balbuciando: — papae... papae... papae... e adormece religiosamente com o retrato de Christo sobre o peito.

A mãe soluça de joelhos aos pés da cama, murmurando: — Christo! pae de todas as crianças que não têm pae... sê na noite de Natal o pae de meu filho...

SYLVIO FLOREAL

O filho de ninguém

Ao Lyndolpho Esteves.

Luiz era filho de pae anonymo, filho da multidão, filho de ninguém!

Marieta, sua mãe, concebera-o por descuido, numa noite de aventura e galanteria, quando tinha approximadamente uns 20 annos.

Na idade em que todas as mocinhas flirtam e namoram innocentemente, ella, sosinha na vida, já tinha uma noção acabada da ferocidade dos homens, com todo o complemento das suas animalidades, manifestadas sob todos os vícios; e conhecia tambem o cynismo dos proxenetas e das inculcadeiras das casas de tolerancia.

Luiz entrou na vida a golpes de «forceps», graças á pericia de um gynecologista.

* * *

Impossibilitada, por diversos motivos, de seguir essa mesma vida que seguiu Maria Magdalena, antes de conhecer o Rabbi, concentrou toda a sua attenção sobre o seu filho e procurou trabalho. Desnorteada na rotunda da vida e assediada por todas as difficuldades, ia á busca de occupações, mas o seu aspecto

de ex-rameira pouco a recommendava, embora apellasse para todos os disfarces possiveis. Através da sua modestia, analysando-a bem, gritava sempre a mulher que desdenhára a boa conducta: faltava-lhe o habito de fingir honestidade.

Mas, á custa de bater a todas as portas, que se lhe fechavam, como a querer condemnal-a á fome, abriu-se-lhe um dia a duma fabrica de tecidos, onde havia trabalhado quando menina.

Alugou um pequeno quarto no Belemzinho e, durante o dia, o seu filho ficava em casa, entregue aos cuidados de uma velha napolitana, doente e hemiplegica, que fôra penteadeira, quando forte e menos usada pelo tempo e manuseada pelos homens, de Marieta e outras rascões desabaladas que escondiam o nome de familia sob o manto das Zazás, Fifis e Frufrús!

* * *

Luiz crescia á solta, por entre uma alluvião de outros gury's peraltas e safadinhos. Era agil, arguto. vivo, como são todas essas crianças que vivem em liberdade, entregues aos seus proprios instinctos nos meios populosos em que a ladinice e a malicia se respiram no ar...

Ausente do carinho materno, desabrochava robusto como um broto germinado no flanco de uma arvore plethorica de seiva. Confirmava-se nelle a sentença popular: filho de ninguem traz os germens de todas as qualidades!

Bem perto de onde morava, havia uma bella casa, de aspecto feliz, residencia de uma familia abastada, possuidora de muitos filhos.

Todos os dias, ali pelas 6 horas da tarde, o pae entrava, e ao chegar ao portão do jardim, era recebido pelos filhos que lhe saltavam ao redor, alegres e satisfeitos, chamando-o ternamente de papae. E Luiz assistia a este espectaculo de ternura e não sabia explicar porque é que todos os meninos tinham pae e elle não tinha! Começava a surgir no fundo de sua infantilidade o primeiro vislumbre da razão. E ficava triste, com vontade de chorar...

* * *

A mãe, sempre mourejando na fabrica, parecia ter tomado a vida a sério, e trabalhava sem treguas, como se quizesse refazer e limpar, com um presente de sacrificios e extenuações, todo um passado de ignominias e ociosidades. Assim que pilhava um tempinho fóra da fabrica, costurava vestidinhos do seu filho e dos filhos de outras mulheres suas vizinhas e companheiras de serviço.

* * *

Approximavam-se as festas do Natal e ella andava toda entregue á confecção de umas calcinhas para o seu pequeno, feitas dum vestido seu, que conservava no fundo da mala, de optima casimira, vestigios ainda da sua loucura.

Costurava, e quando a roupa que cosia lhe evocava o passado, levantava-se lentamente e ia beijar a cabeça do filho adormecido. Uma noite, faltando poucos dias para o Natal, o pequeno acordou sobresaltado e, chorando, chama pela mãe e depois pelo pai, instintivamente. A mãe afflicta não sabia como consolar o filho. E acaricia-o ternamente:

— «Papae? sim, elle vem... Dorme, meu filho, elle está viajando. Na noite de Natal virá com um sapatinho branco cheio de doces. Dorme, meu coração! Dorme!...»

Luiz adormece novamente. Ella, para espaiar um pouco, abre a janella que dava para um quintal cheio de latas e roupas estendidas no coradouro. Olhava para todos os lados; tudo em silencio.

Levantou a cabeça para o céu e com os olhos humedecidos contemplava a lua solitaria que espalhava um brilho monotono e suave, como se fosse o olho de «alguem» que estivesse espiando lá do alto esta scena dolorosa...

* * *

No dia seguinte o menino, quando brincava com os outros, ouvia de espaço a espaço contar que na noite de Natal nascia o Menino-Deus, e que por isso iam com papae e mamãe á missa do gallo ver o presepe.

Luiz, filho espurio, era a personificação desse phenomeno inexplicavel que põe os physiologistas, que nutrem velleidades de nobreza e desmentem que

ha no fundo genesico da plebe qualidades geniaes, em constante alarme.

Producto dessa força que plasma no seio do anonymato os typos excepçionaes e de eleição, o pequeno tinha todos os sentidos, para comprehender a vida, mais abertos e evoluidos que os outros de sua idade.

Além de não ter pae, arrastava a fatalidade da precocidade! E a idéa de ver o seu pae crescia em seu cerebro tenro com toda a força de sua innocencia, aggravada tenazmente pela potencia maldita de ser um menino precoce!

* * *

25 de dezembro. Céu loucamente estrellado. Meia noite... Natal! Os sinos batem nas torres de todas as egrejas. Belemzinho em peso se movimenta para ir assistir á missa do gallo. Ha ruidos de malas que se abrem para tirar camisas frescas e vestidos engommados de mulher. Balburdia em todas as esquinas, onde magotes de espadaúdos rapagões, filhos de italianos quasi todos, estacionam para ver passar as Rosinhas, as Conchetas e as Pimpinellas que vão á igreja. Flirt não ha! A plebe não perde tempo com coisas innocentes e inuteis.

Grupos dispersos namoram muito agarradinhos, nessa distancia fatal em que os labios dizem palavras que são projectis atirados ao coração.

* * *

O babaréo cresce na proporção directa em que as ruas se vão enchendo de povo. Luiz, que a essa hora dormia, acorda, e como a sua mãe lhe havia promettido que o seu pae viria na noite de Natal, interroga-a :

—Mamãe, não estamos na noite de Natal?

—Sim, meu filho, daqui a pouco nasce o Menino-Jesus!

—E papae, porque é que não veio?

—Papae ainda não chegou da viagem. Socegue, qualquer dia elle apparece.

—E' muito longe lá onde foi papae?

Emquanto Luiz passava por um curto silencio, a mãe procurou um pequeno retrato que tinha guardado, encaixilhado numa moldura ordinaria, esfrolada e pintalgada de manchas cinzentas. E levando-o aos labios da creança, diz fervorosamente :

—Beije-o, meu filho, é o retrato de seu pae!

Luiz afaga-o ternamente contra o peito e apoia a cabeça no travesseiro, balbuciando :

—Papae... papae... papae... e adormece religiosamente com o retrato de Christo sobre o peito.

A mãe soluça de joelhos aos pés da cama, murmurando :

—Christo! pae de todas as creanças que não têm pae... sê, na noite de Natal, o Pae de meu filho...